



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Letras
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução
Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada

**ROTEIROS CULTURAIS, *FRAMES* E METÁFORAS CONCEITUAIS:
Abordagens para o estudo da unidade/diversidade
linguística/cultural dos falantes da língua espanhola**

ALBA ELENA ESCALANTE ALVAREZ

**Brasília-DF
2009**

ALBA ELENA ESCALANTE ALVAREZ

**ROTEIROS CULTURAIS, *FRAMES* E METÁFORAS CONCEITUAIS:
Abordagens para o estudo da unidade/diversidade
linguística/cultural dos falantes da língua espanhola**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Lingüística Aplicada do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Enrique Huelva
Unternbäumen

**BRASÍLIA
2009**

Escalante Alvarez, Alba Elena

Roteiros culturais, frames e metáforas conceituais : abordagens para o estudo da unidade/diversidade lingüística/cultural dos falantes da língua espanhola / Alba Elena Escalante Alvarez – Brasília, 2009. 161 f.

Dissertação de mestrado - Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília.

Orientador: Enrique Huelva Unternbäumen.

1. Lingüística. 2. Roteiro Cultural. 3. Frames. 4. Metáfora Conceitual. I. Universidade de Brasília - UNB. II. Título.

CDU – 81'27

ALBA ELENA ESCALANTE ALVAREZ

**ROTEIROS CULTURAIS, *FRAMES* E METÁFORAS CONCEITUAIS:
Abordagens para o estudo da unidade/diversidade
linguística/cultural dos falantes da língua espanhola**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Lingüística Aplicada do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Enrique Huelva Unternbäumen - UnB
Orientador

Prof. Dr. Pedro Benítez Pérez – INSTITUTO CERVANTES
Examinador externo

Profª. Dra. Maria Luisa Ortiz Alvarez - UnB
Examinador interno

Profª. Dra. Cyntia Ann Bell dos Santos - UnB
Suplente

Agradecimentos

A minha família, presente embora longe.

A meus professores do Mestrado, pela oportunidade dada.

*Ao meu orientador, professor Dr. Enrique Huelva
pelo estímulo ao longo da realização deste trabalho.*

*Em especial, a Eduardo e Matias,
companheiros de vida, pelo apoio,
a confiança e, principalmente,
pela paciência.*

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as estratégias de comunicação de um grupo de hispânicos de origens diversas. Para isso, convenciamos definir as estratégias de comunicação como recursos utilizados nos intercâmbios face a face para dar significado ao que se deseja expressar. Dada a abrangência da idéia, essas estratégias são definidas em termos de unidades de análise delimitadas pelos seguintes modelos teóricos: Roteiros Culturais, *Frames* e Metáforas Conceituais. Esta escolha permite delinear o complexo conformado por língua, cultura e pensamento, numa perspectiva empírica que proporciona o marco para o estudo da unidade/diversidade lingüístico/cultural característica dos falantes da língua espanhola. Trata-se de um estudo qualitativo descritivo e de um estudo de caso. Os dados foram coletados por meio de questionários e entrevistas. Os participantes pertencem a quatro das oito áreas geolectais do espanhol (andaluza, andina, caribenha e castelhana). Os resultados evidenciam diferentes níveis de unidade/diversidade lingüístico/cultural que podem ser distribuídos em um contínuo que vai da homogeneidade até a heterogeneidade. As maiores coincidências foram observadas, por um lado entre os participantes das regiões andina e caribenha, e por outro, entre os da região andaluza e castelhana. Surgem da análise traços de contraste que possuem substratos tanto individuais quanto coletivos e tomam formas diversas (idéias, ações, sentimentos, valores, etc.), desta forma confirmamos a efetividade destes modelos teóricos na abordagem dos fenômenos em questão, e a utilidade dos mesmos para desenvolver propostas de aplicação de conteúdos socioculturais no ensino/aprendizagem do espanhol como língua estrangeira.

Palavras-chave: Língua – Cultura - Roteiros Culturais – *Frames* - Metáforas Conceituais - Espanhol.

ABSTRAC

This study aims to analyze communications strategies of a group of Hispanics of different origins. For that purpose, we define communications strategies as resources used in face to face encounters to give meaning to what we want to express. These are broken down into analytical units based on the following theoretical models: cultural scripts, frames, and conceptual metaphors. This choice allows us to outline the relationship between language, culture and thought with an empirical perspective that offers a framework to study the diversity of language and culture of Spanish speakers. The data for this case study was obtained through questionnaires and interviews with representatives of four of the eight linguistic categories of Spanish: Andalusian, Andean, Caribbean, and Castillian. The results show varying degrees of cultural and linguistic homogeneity. The largest similarities were between speakers from the Andean and Caribbean region on the one hand, and the Andalusian and Andean on the other. The study also shows traces of individual and cultural differences such as ideas, actions, sentiments, values, etc. This confirms the usefulness of these theoretical models in studying the subject and in developing proposals to apply socio-cultural content in teaching Spanish as a foreign language.

Key Words: Language – Culture – Cultural Scripts – Frames – Conceptual Metaphor – Spanish .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
Justificativa.....	12
Objetivos.....	14
Perguntas de pesquisa.....	14
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
1.1. A unidade e diversidade lingüística e cultural do mundo hispânico.....	15
1.2 Hispanismo, hispano-americanismo, pan-hispanismo, ou hispanofonia.....	20
1.3 Relação língua-cultura.....	23
1.4 Relação Língua-Cultura-Pensamento: Modelos Teóricos.....	25
1.4.1 A Metalinguagem Semântica Natural (NSM).....	25
1.4.2 Roteiros Culturais (CS).....	29
1.4.3 Categorização.....	34
1.4.4 <i>Frames</i>	38
1.4.5 As Metáforas Conceituais.....	42
2 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	48
2.1 Tipo de pesquisa.....	48
2.2 Os participantes e o contexto.....	50
2.3 Procedimentos e instrumentos de coleta de dados e de análise.....	52
2.3.1 Técnicas de Elicitação.....	52
2.3.2 O questionário.....	53
2.3.3 Elaboração do questionário.....	53
2.3.4 A entrevista.....	54
2.3.5 A entrevista semi-estruturada.....	56
2.3.5 Desenvolvimento das entrevistas.....	56
2.4 As categorias de análise de dados.....	57
2.4.1 <i>FRAMES</i>	58
2.4.2 Metáforas Conceituais.....	59
2.4.3 Roteiros Culturais.....	61
2.5 Triangulação.....	61
3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	63
3.1 Análise dos <i>frames</i> :.....	63
3.2 Análise de Metáforas Conceituais.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS.....	105
ANEXOS.....	109

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa analisar as estratégias de comunicação de um grupo de hispânicos de origens diversas. Para isso, convencionamos definir estratégias de comunicação como os recursos utilizados nos intercâmbios face a face para dar significação ao que se deseja expressar. No entanto, dada a abrangência do termo, nesta pesquisa as estratégias de comunicação são definidas em termos das seguintes unidades de análise: roteiros culturais, *frames* e metáforas conceituais.

O termo roteiro cultural (*Cultural Scripts - CS*), vincula-se a uma abordagem utilizada para a análise de normas e valores provenientes da cultura. Fundamenta-se na idéia de que a forma de falar de um grupo é uma manifestação de um sistema tácito de regras, ou roteiros culturais que podem ser reconstruídos a partir dos princípios da metalinguagem semântica natural (*Natural Semantic Metalanguage - NSM*) (WIERZBICKA, 1994; GODDARD; WIERZBICKA, 1997, 2007).

A metalinguagem semântica natural (NSM), baseia-se em evidências empíricas que demonstram a existência de um núcleo de significados universais, conhecidos como primitivos semânticos (*Semantics Primes*) que podem ser expressados em todas as línguas, isto é, possuem caráter universal. Trata-se de um instrumento utilizado na análise cultural, pois funciona como uma lente para olharmos a cultura de forma neutral. Além de ser um excelente instrumento de descrição lingüística, [...] “a pesquisa do NSM estende-se em outras direções, na área da pragmática inferencial (com forte orientação cultural, e daí, etnoprágmatca) e na descrição cultural, via roteiros culturais [...] assim como nos estudos de pedagogia de aquisição de primeira e segundas línguas”¹ (GODDARD, 2002, p. 315, tradução nossa²).

A análise e mapeamento dos *frames* é um outro recurso chave para se ter noções sobre o mundo de referências dos membros de um grupo. A linguagem, nesta perspectiva, é vista

¹[...] at the same time, NSM research is expanding in others directions, into the area of inferential pragmatics (with a strong cultural orientation; hence, ethnopragsmatics) and into broader cultural descriptions, via the theory of cultural scripts; cf. eg. Ameka (1994, 1999); Goddard (1997, 2000), Wierzbicka (1991, 1994, 1996b, 1998, in press). There have also been initial NSM studies into first language acquisition and second language pedagogy (Goddard, 2001b, 2002b, in press b; Tien, 1999)

² Todas as traduções apresentadas neste trabalho foram feitas pela autora.

como um “grande sistema de categorizações”³, e a cultura pode ser imaginada como uma “complexa rede de marcos de referências”⁴. Daí que podemos estudar a cultura a partir das concepções de mundo compartilhadas pelos membros de uma comunidade lingüística determinada (KÖVECSES, 2006, p. 81-85).

Numa língua existem termos que personificam coisas especiais (uma emoção, uma atitude, uma crença, etc.), e numa mesma língua como o espanhol, que conta com mais de quatrocentos milhões de falantes, divididos em vários países, espalhados por uma grande extensão geográfica, encontramos uma vasta gama de termos que, embora compartilhados, possuem significações muito diferentes. Em conseqüência, ao levantarmos os mapas conceituais de alguns deles, encontraremos evidências de que, por trás dessas elaborações, existem idéias carregadas culturalmente que expliquem tamanha diferença.

Vinculadas ao conceito acima mencionado, as metáforas conceituais (Lakoff; Johnson, 1986) entendidas como correspondências entre dois *frames*, abandonam o seu lugar de recurso literário e passam a ser reflexo de idéias profundamente intrincadas nas mentes das pessoas. Novamente a relação entre língua e cultura adquire um lugar chave para nos revelar as idéias subjacentes ao uso de uma certa metáfora. Tal relação evidente e observável através das metáforas conceituais encontra-se alicerçada na cultura da qual emanam. (KÖVECSES, op. cit, p. 152).

Como tantas outras, o espanhol é uma língua rica em metáforas conceituais. A partir da análise de algumas delas, encontraremos diferenças substanciais na construção do mundo subjetivo dos participantes, mundo que não surge por força do acaso, mas que se constrói na experiência.

Roteiros culturais, *frames* e metáforas conceituais, entendidas como estratégias de comunicação, embora tenham características constitutivas diferentes, vinculam-se a partir dos seguintes princípios: 1) são conceitos que possuem substrato empírico; 2) são manifestações de processos cognitivos verbalizáveis; 3) possuem carga cultural; 4) são perspectivas livres de etnocentrismo; 5) são perfeitamente aplicáveis na análise inter-cultural.

Cabe esclarecer sobre o último ponto que, em nossa pesquisa, entendemos o conglomerado hispânico como um grande grupo que, que embora compartilhe uma língua - o espanhol - apresenta não somente uma diversidade lingüística, mas também uma diversidade cultural que pode ser levantada a partir da aplicação dos elementos mencionados.

³ We can think of a language as a large category system, in which are thousands of categories. (Kövecses, Zoltán, 2006, p. 81)

⁴ We can think of culture as a complex network of frames. (KÖVECSES, ZOLÁN, 2006, p. 85)

Esta dissertação é dividida em quatro capítulos. No primeiro, são apresentados os argumentos que têm direcionado as discussões sobre a unidade/diversidade do espanhol. Por uma parte, desde o “variacionismo”, apontamos alguns estudos que vão além do nível sintático e incluem variáveis de tipo semântico, discursivo e pragmático. Por outra parte, apresentamos os argumentos a favor da unidade do espanhol, assim como a importância dos fenômenos migratórios e da mídia como grandes agentes para a consolidação de uma unidade que, nos últimos tempos, fez ressurgir o velho termo do pan-hispanismo em vários cantos do planeta.

É importante esclarecer que, embora são muitas as pesquisas dedicadas ao estudo das variedades lingüísticas do espanhol, esse aspecto escapa dos limites desta pesquisa. O que faremos é apresentar, de forma breve, as chamadas zonas ou variedades geográficas do espanhol baseados na proposta de Moreno (2000). Esta escolha vem sustentada neste trabalho por questões metodológicas (a escolha da nacionalidade dos participantes), como confirmação, a priori, da existência de uma variabilidade na língua perceptível e reconhecida pela comunidade de especialistas.

Finalmente, por este trabalho se construir no espaço compartilhado entre língua, cultura e pensamento, evitamos recorrer às frequentes listas de palavras ou termos registradas em obras dedicadas à variação lingüística da língua espanhola, tais como os conhecidos dicionários de “*ismos*”.

No segundo capítulo, apresentamos os lineamentos que constituem o arcabouço teórico desta pesquisa. O percurso inclui a passagem inevitável por grandes áreas do conhecimento que possuem interface com a Lingüística Aplicada: Lingüística Cognitiva e Sociolingüística da Interação, para citar alguns exemplos. Também, serão pinceladas idéias sobre relação entre língua e cultura, relativismo e universalismo lingüístico cultural.

Para fechar, já de forma mais exhaustiva, detalharemos os fundamentos teóricos e empíricos das que convencionamos chamar estratégias de comunicação (roteiros culturais, frame e metáforas conceituais).

No terceiro capítulo, dedicado à metodologia de pesquisa, detalhamos os procedimentos e os instrumentos criados para a coleta de dados. Assim, argumenta-se sobre a escolha de uma pesquisa qualitativa e justificamos o que caracteriza este estudo como um estudo de caso. Também tratamos os fundamentos da escolha de técnicas de elicitação para a produção dos dados, os instrumentos (questionário e entrevista) e os detalhes na organização dos dados e na transcrição das entrevistas. Proporcionamos os argumentos nos quais baseamos a escolha dos participantes da pesquisa e expomos as categorias de análise criadas.

O quarto capítulo inclui a análise e interpretação dos dados obtidos através dos questionários e das entrevistas. Apresentamos os dados segundo três categorias de base: 1) Roteiros Culturais, 2) *Frames*, 3) Metáforas conceituais. Cada uma delas possui novas categorias que têm em conta tanto elementos descritivos como comparativos.

Para terminar, apresentaremos as considerações gerais sobre a própria pesquisa, e as possibilidades que podem ser abertas a partir deste estudo com ênfase nas áreas de ensino/aprendizagem de línguas.

Justificativa

Num encontro entre amigos, um jornalista boliviano conta que um dia ao falar com seu chefe mexicano este lhe diz: “aqui chambeando”. “Me sorprendí mucho” –disse-nos- “no por la palabra... tenía mucho tiempo trabajando con los mexicanos, y ya sabía que a veces aparecían palabras que no solía usar, pero eso nunca fue un problema”.⁵ O que surpreendeu ao jornalista foi o “vazio de sentido” que essa intervenção lhe gerou, vazio que não teria acontecido se o interlocutor fosse, por exemplo, um venezuelano, acostumado a utilizar esse termo para se referir ao trabalho. Esse comentário rendeu uma extensa e calorosa discussão sobre nossas diferenças e semelhanças, o que é comum quando num encontro coincidem mais de um falante de língua espanhola proveniente de países diferentes. Em outra oportunidade um venezuelano referia-se ao jeito de falar de um colombiano quando em uma situação de trabalho o último dizia: “Señor Antonio, ¿cómo está? Necesitaba decirle una cosa que es muy importante para usted. O venezuelano em tom de queixa falava: “pero por qué tanta formalidad, podía haberme dicho de una vez lo que quería... es siempre lo mismo, lleno de palabras que sobran”.⁶

Histórias deste tipo são inúmeras na bibliografia sobre o espanhol e na vida cotidiana. A presente pesquisa surge do interesse da autora pelo tema sobre unidade/diversidade na nossa identidade como falantes de língua espanhola. Tema este que aparece com mais notoriedade ao estarmos, nós falantes de espanhol, num outro país, imersos numa outra cultura, e em contato com outra língua, possivelmente porque a condição de

⁵“Fiquei muito surpreso não pela palavra... levava muito tempo trabalhando com mexicanos e já sabia que às vezes apareciam palavras que eu não costumo usar, mas isso nunca foi um problema”

⁶ “Seu Antonio, como vai? Precisava lhe dizer uma coisa que é muito importante para você. Mas por que tanta formalidade, poderia ter dito logo o que queria... é sempre assim, cheio de palavras que sobram”.

estrangeiros nos sensibiliza ou porque, como é o caso, por estar inserida num ambiente de diversidade não só da língua/cultura brasileira, mas também hispânica.

No contexto desta pesquisa, o Brasil é o país de acolhida. Aqui, o hispânico, ao se encontrar com outro falante nativo de espanhol, ora é “um de nós”, pelo fato de compartilhar a língua, ora é “um outro” não só em relação à cultura que recebe, mas e isso é tema central neste estudo, em relação ao outro falante de espanhol.

Fazemos do Outro um “alter-ego” e, ao mesmo tempo, traçamos diferenças. Essa ambigüidade, muitas vezes sutil, acontece nos encontros com os próprios brasileiros, que também observam curiosos, o que há de comum ou de divergente entre nós. Seja por simples curiosidade, por interesse em se aproximar do outro, ou por sermos, de fato, não só portadores, mas transmissores de nossa cultura de origem.

Embora também concordemos com a idéia da unidade dos falantes de espanhol, por fatos mais do que palpáveis, como aponta Moreno (2000) ao se referir ao sucesso das novelas Mexicanas e Venezuelanas, ou a existência da rede televisiva CNN, cujo espanhol **neutro** permite um alcance maior na audiência, consideramos que é importante desenvolver estudos que visem sistematizar elementos que apóiem de forma empírica a tese da unidade ou a da diversidade lingüístico-cultural. (MORENO, 2000, p. 20, grifo nosso).

A idéia deste trabalho é colaborar no desenvolvimento dos estudos culturais a partir de abordagens não impressionistas, perspectivas que aumentem e solidifiquem as bases das comparações entre culturas que compartilham a mesma língua, mas que possuem traços particulares. Uma perspectiva que aponte não as semelhanças e as diferenças, mas que ofereça explicações sobre como os falantes da língua espanhola concebem, constroem e pensam o mundo. Uma perspectiva sistemática das formas mais sutis, e ao mesmo tempo medulares, dos traços distintivos dos diferentes grupos de falantes de uma língua cada vez mais visível no mundo.

O eixo central deste trabalho é o complexo formado pela relação entre língua, cultura e cognição, com base na análise das intervenções dos participantes. Um olhar profundo em palavras e ações (ditas) que revelaram idéias, valores, crenças e demais elementos que destilam cultura. Também, a idéia de unidade/diversidade, vista num contínuo do qual são extraídos traços solapados, que visam aprofundar em especificidades desta unidade/diversidade tão discutida pelos especialistas e tão atrativa para os leigos.

Pretendemos identificar e analisar elementos na construção do sistema conceitual (*frame*), das metáforas conceituais utilizadas ou reconhecidas, e os roteiros culturais para a negação e o elogio, como estratégias comunicativas que possuem especificidade cultural, para

dar conta de elementos que apontam aspectos específicos do contínuo unidade/diversidade do conglomerado do “hispânico”, a partir das informações proporcionadas por pessoas provenientes de diferentes áreas geolectais.

Objetivos

Partindo das seguintes unidades de análise: roteiros culturais, *frames* e metáforas conceituais, esta pesquisa tem como objetivo:

1. Identificar e analisar alguns traços da unidade/diversidade lingüístico/cultural dos participantes.
2. Propor alternativas para entendermos a unidade/diversidade lingüístico/cultural dos falantes da língua espanhola.
3. Esboçar propostas que possam ser aplicáveis para a compreensão de conteúdos socioculturais no ensino/aprendizagem de E/LE.

Perguntas de pesquisa

Assim as perguntas que norteiam esta pesquisa são definidas da seguinte forma:

1. Em quês níveis nossas unidades de análise, a saber, roteiros culturais, *frames*, e metáforas conceituais permitem vislumbrar traços de unidade e/ou diversidade lingüístico cultural de nossos participantes?
2. Quais os aportes destas abordagens para o entendimento da unidade/diversidade lingüístico/cultural existente nos falantes de língua espanhola?
3. Quais as conseqüências possíveis deste tipo de abordagens no tratamento de conteúdos socioculturais no ensino/aprendizagem de E/LE?

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. A unidade e diversidade lingüística e cultural do mundo hispânico.

A diversidade do espanhol tem sido um tema muito tratado pelos estudiosos da língua. Parte desses trabalhos fundamenta-se em escolhas lexicais, aspectos fonéticos e gramaticais, numa perspectiva comparativa entre zonas de localização geográfica ou variedades sociais. Sobre a legitimidade de uma ou outra variante, já foram escritas não poucas páginas.

Existem, sem dúvida nenhuma, diversidades lexicais, fonéticas e gramáticas, bem como semânticas. Entretanto, entende-se que tal diversidade convive com uma também indiscutível unidade que nos identifica como hispânicos.

A idéia de diversidade/unidade do espanhol como sistema lingüístico, é abordada sob diferentes perspectivas. Por um lado, encontramos trabalhos dedicados ao contraste entre o chamado Espanhol Peninsular e o Espanhol de América. Um exemplo referido ao léxico é citado por Haensch (2001) é o do termo “*allanamiento (de morada)*” –em português: invasão de domicílio. O que na Espanha é um delito (penetração ilícita do imóvel), na América conta com respaldo legal.⁷ Para ilustrarmos melhor o exemplo mencionado, e deixar espaço para pensarmos nas repercussões que posteriormente desenvolveremos, tomamos duas manchetes de mídias de dois países diferentes:

“Norma Duval declara por una acusación por allanamiento de morada”⁸ El País, 16/06/1981

“Chávez convocó una marcha y anunció nuevos allanamientos”⁹ El Clarín, 20/01/2003

Por outro lado, como anuncia o mesmo autor, as diferenças léxicas não estão restritas aos espaços geográficos separados pelos oceanos, mas também entre os territórios localizados em zonas contíguas, como no caso da América. A esse respeito, explica: “Por isso não existe

⁷ (...) el allanamiento (de morada) es en España un delito (penetración ilícita en un inmueble...); en América, en cambio, allanamiento significa que la policía penetra legalmente en el domicilio de una persona. Haensch (2001, p. 64)

⁸ “Norma Duval declara pela acusação por invasão de domicílio”

http://www.elpais.com/articulo/sociedad/DUVAL/_NORMA/AUDIENCIA_DE_MADRID/Norma/Duval/declaracion/allanamiento/morada/elpepisoc/19810616elpepisoc_7/Tes/ (Consulta on-line: 05/11/2008)

⁹ “Chávez convocou uma passeata e anunciou novas invasões”

<http://www.clarin.com/diario/2003/01/20/i-02201.htm> (Consulta on-line: 05/11/2008)

um ‘espanhol da América’ como um conjunto mais ou menos homogêneo, mas muitas variedades do espanhol com diferentes percentuais de coincidência e divergências frente ao espanhol peninsular” (Haensch, 2001, p. 64)¹⁰. Fatos que repercutem de forma determinante em áreas como a tradução, o ensino de espanhol e nos estudos culturais.

Outra discussão, cujo substrato empírico é no mínimo questionável, é a relativa à maior ou menor homogeneidade dos territórios continentais. Menciona Haensch (op.cit, p. 67) a participação de lingüistas espanhóis que apóiam a hipótese de que, comparado com a Espanha, o espanhol da América é muito mais homogêneo. Em contraparte, temos outro grupo que rejeita essa hipótese, apoiado em estudos de longo alcance, erguidos na base metodológica da dialetologia, os quais argumentam que a dita homogeneidade do espanhol da América é produto de um mito sustentado ora no desconhecimento, ora na metodologia utilizada. Do primeiro grupo, Haensch menciona: Rafel Lapesa e Alonso Zamora, e na linha contrária: José Rona, Juan Manuel Lope Blanch, Maria Beatriz Fontanella de Weinberg e o tcheco Lubomir Bartš.

O autor se pronuncia, na de base muitos anos de estudos dedicados ao espanhol da América, em favor da diversidade e da importância do estudo cada vez mais exaustivo da mesma:

Posso afirmar, depois de 26 anos de estudos do espanhol da América, que as diferenças entre o espanhol peninsular e o americano são muito mais profundas desde uma perspectiva sincrônica do que acreditam a maioria dos espanhóis e inclusive alguns lingüistas espanhóis. Também são maiores as divergências que existem entre as distintas áreas lingüísticas da América Hispânica mais do que muitos pensam (Haensch, 2001, p. 68)¹¹.

Entretanto, em vez de conclusões definitivas, Haensch insiste na necessidade de aprofundar a pesquisa na área, e agrega que a unidade do espanhol seja, na América ou na Península, ou incluso entre eles, maior em níveis lingüísticos situados acima do estándar, isto é, aqueles fenômenos lingüísticos que não têm nenhuma marca seja de tipo cronológico, diatópica, diástrica, diafásica.

¹⁰ “Por eso no existe un «español de América» como un conjunto más o menos homogéneo, sino muchas variantes del español con diferentes porcentajes de coincidencia y de divergencia frente al español peninsular Haensch (2001, p. 64).

¹¹ “Puedo afirmar, después de 26 años de estudios del español de América, que las diferencias entre el español peninsular y el americano son mucho más numerosas y profundas desde una perspectiva sincrónica de lo que creen la mayoría de los españoles e incluso algunos lingüistas españoles. También son mayores las divergencias existentes entre las distintas áreas lingüísticas de Hispanoamérica de lo que piensan muchos” (Haensch, 2001, p. 68).

Uma outra visão sobre o tema da diversidade/unidade é recolhida no Anuário do Instituto Cervantes do ano 1998. Moreno ressalta que:

- O espanhol é um idioma homogêneo.
- O espanhol é uma língua internacional.
- O espanhol é uma língua geograficamente compacta.
- O espanhol é uma língua em expansão.
- O domínio dos hispano-falantes apresenta um índice de comunicatividade elevado e um índice de diversidade mínimo ou baixo.

(MORENO, 2000, p. 15-16).

Para os fins desta pesquisa, vamos nos deter em três desses cinco pontos: homogeneidade, geografia compacta e o chamado índice de comunicatividade.

A homogeneidade do espanhol, ponto já apresentado em parágrafos anteriores, fica justificada, segundo Moreno (op.cit), por questões físicas da língua, tais como o número vocálico e consonântico, com a ressalva de que tal homogeneidade co-existe com a presença de variedades internas nascidas em áreas geográficas e grupos sociais específicos. A geografia compacta da língua é explicada pelo fato de que, embora seja uma das línguas mais extensas do mundo, encontra-se em territórios contíguos, principalmente no caso da América hispânica.

No último ponto, Moreno explica que:

A comunicatividade existe quando uma língua veicular faz possível a comunicação numa comunidade plurilingüe [e agrega] A diversidade está relacionada com a probabilidade de encontrar dois falantes escolhidos aleatoriamente, que falem línguas diferentes. (MORENO, 2000, p. 16)¹².

No caso do espanhol, segundo as estatísticas levantadas para o estudo mencionado, naqueles territórios onde é língua oficial, existe um percentual de 95% de falantes que o têm como língua materna. Esse percentual, comparado à proporção baixa dos mesmos padrões do inglês e do francês, é apresentado como significativo.

A unidade do espanhol encontra-se emoldurada não só no uso quotidiano da língua. O denominador comum é também resultado de políticas linguísticas e consequência direta dos

¹² La comunicativdad existe cuando la lengua veicular hace posible la comunicación en una comunidad plurilingüe. La diversidad está relacionada con la probabilidad de encontrar hablantes, elegidos al azar, que hablen lenguas diferentes. (Moreno, 2000, p. 16)

processos históricos de imigração e da permeabilidade das fronteiras, produto da evolução da sociedade da informação.

Um dado interessante que reflete a vigência nas discussões sobre a unidade/diversidade do espanhol é a incorporação do tema no II Congreso Internacional de la Lengua Española, na cidade espanhola de Valladolid, no ano 2001, como um dos eixos temáticos deste importante evento. Fato repetido, mais uma vez, na IV edição do evento realizado na cidade de Cartagena de Índias (Colômbia) ano 2007 sob o título *Unidad en la Diversidad Lingüística* e, mesmo que de forma transversal, já que foi apresentado na sua relação com a mídia, na III edição realizada na cidade de Rosário (Argentina) no 2004¹³.

É importante, também, no caso do Congreso de Cartagena, a apresentação do *Diccionario Panhispánico de Dudas*, e o anúncio do *Diccionario de Americanismos*. Nesse encontro, Sambrano Urdaneta (2007), na sua menção ao importante humanista Venezuelano, Andrés Bello, faz questão de lembrar os mais de 150 anos que têm se passado desde a publicação da sua obra intitulada: *Gramática de la Lengua Castellana destinada al uso de los americanos*.¹⁴ A pertinência da gramática citada é aqui ressaltada por considerá-la chave para entendermos a importância que, historicamente, teve e ainda tem o tema da unidade da língua como bem político de alcance intercontinental. As nuances e repercussões numa perspectiva política e ideológica continuam vigentes. No próximo apartado nos estenderemos mais sobre esses aspectos.

Nesta pesquisa o espanhol é considerado um idioma comum aos participantes e, neste sentido, enquanto língua compartilhada, é entendida também como uma Babel na qual são impressas marcas culturais e cognitivas dos membros dessa grande comunidade de falantes da língua espanhola, espalhada em dois continentes, em diferentes territórios geopoliticamente delimitados.

Tal amplitude precisa de conceitos que possam perfilar a fisionomia do que queremos estudar. Moreno (1998, p.19) menciona a diferencia entre comunidade idiomática e comunidade de fala. A comunidade idiomática é constituída pelas pessoas que compartilham o idioma, os donos de um patrimônio lingüístico comum, os falantes de espanhol.

Para Moreno, o conceito de comunidade de fala, de cunho sociolingüístico, por outro lado, refere-se ao conjunto de falantes de uma determinada língua, mas que compartilha, além

¹³ Congresos Internacionales de la Lengua Española. Disponível em: < <http://congresosdelalengua.es/> > (acesso em: 03/10/2008)

¹⁴ Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos. Disponível em: < <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/04694925499104944157857/index.htm> > (Acesso em: 03/10/2008)

desta, um conjunto padrões de comportamento, valores tidos como inerentes e particulares. Trata-se de um conceito menos abrangente, e também menos rígido, na medida em que uma pessoa pode circular em diferentes comunidades de fala. Desta forma, os falantes de espanhol do México e da Espanha, embora pertençam à mesma comunidade idiomática, não são necessariamente membros da mesma comunidade de fala.

Encontramos também, em trabalhos dedicados à língua espanhola, assim como em artigos de jornais, caracterizações da língua que são de nosso interesse na medida em que, afastados da consideração estritamente sistêmica da língua, discutem os efeitos de certos traços característicos dos membros de uma comunidade lingüística sobre outros falantes da mesma língua.

Nos trabalhos sobre atenuação da cortesia, Briz (2004) discorre sobre a idéia amplamente estereotipada da descortesia dos espanhóis. Depois de apresentar uma análise exaustiva, conclui que a pouca freqüência de atenuantes presentes na conversação coloquial no espanhol da península, se comparada com outras línguas ou mesmo com o espanhol de algumas regiões de América, são produto de uma cultura que tende à aproximação com o interlocutor. Hipóteses que, além de desmanchar o estereótipo mencionado, contrasta com a idéia apresentada por Puga (1999) sobre o recurso da atenuação no espanhol do Chile, onde o excesso de cortesia é interpretado como uma estratégia para disfarçar o que realmente quer dizer, seja para evitar a confrontação ou para evitar ferir. Nesse caso, é interessante a menção de que o adequado uso desse mecanismo é aprendido, e pode ser interpretado como falta de autenticidade.

Trabalhos nessa linha recorrem, necessariamente, à idéia delimitação da língua em áreas geográficas. Nesta pesquisa essa é também uma parada necessária. Existe um número cada vez maior de projetos que estabelecem especificações sobre os diferentes traços da língua e a sua distribuição em zonas determinadas por limites geográficos, cujo rigor científico poderia, em alguns casos, ser discutido. Entretanto, precisamos passar por alto este aspecto por questões de espaço e delimitação de objetivos.

Escolhemos a proposta encontrada em Moreno (2000) por considerá-la clara e pelo prestígio do autor na comunidade acadêmica. As principais características do espanhol são apresentadas a partir de uma divisão em espaços, considerando vários elementos. Algumas das áreas descritas no documento são constituídas por países que compartilham suas fronteiras geográficas, embora nas descrições encontraremos traços repetidos em outras áreas que não possuem tal proximidade. Na proposta são recolhidos diversos trabalhos que utilizaram como critério aspectos específicos do sistema da língua, por exemplo, os traços fonéticos. Ele reúne,

além da fonética, a gramática e uma seleção de aspectos léxicos que refletem os usos urbanos e cultos. Mais do que um esquema fechado é uma relação de caracterizadores de cada área, apresentados de forma sinóptica e didática, sem pretender exaustividade nem exclusividade.

No seguinte quadro são resumidas as áreas apresentadas no modelo mencionado:

Áreas (denominação)	Regiões Representadas (exemplos de cidades)
Caribenha	San Juan de Puerto Rico; La Habana; Santo Domingo
Mexicana e Centroamericana	Cidade do México
Área Andina	Bogotá; La Paz; Lima
Área Rio Platense e del Chaco	Buenos Aires; Montevideo; Asunción.
Área chilena	Santiago
Castellana	Madrid; Burgos
Andaluza	Sevilla; Málaga; Granada
Canária	Las Palmas; Santa Cruz de Tenerife

Distribuição do espanhol em áreas geolectais. Adaptado de Moreno, 2000, p.38.

Sublinhamos, antes de prosseguir, que sendo o nosso objeto de estudo a comunicação e não a língua como sistema, analisaremos os dados em função dos traços culturais revelados nas falas e os elementos tanto de coincidência quanto de variabilidade, surgidos do contraste entre os participantes, todos eles legítimos representantes de algumas das áreas geolectais descritas no documento citado, parâmetro utilizado para a escolha dos mesmos.

1.2 Hispanismo, hispano-americanismo, pan-hispanismo, ou hispanofonia

Esta seção está dedicada a apresentar algumas das idéias subjacentes aos termos que conformam o título do mesmo. Trata-se de questões historicamente discutidas no âmbito internacional pelos países de língua espanhola, e vigentes ainda hoje. Referimo-nos aos conceitos de hispanismo, hispano-americanismo, pan-hispanismo e hispanofonia, como pano de fundo das políticas lingüísticas.

Podemos dizer que essas palavras são termos genéricos para se referir aos espaços compartilhados pelos países e pessoas falantes de espanhol. Mas quando revistamos as discussões sobre os mesmos, observamos as nuances políticas perfiladas ante a idéia de unidade lingüístico-cultural de uma comunidade que supera os 400 milhões de pessoas, distribuídos num território de franca extensão e águas no meio.

Tais idéias se remontam ao século XIX, e nascem, como é lógico, na Espanha, embora a América hispânica tenha um espaço de participação também relevante. Eis que a história dos países de língua espanhola em ambos os lados do Atlântico tem se caracterizado pelos esforços, bem ou mal sucedidos, para o estabelecimento da idéia de uma unidade materializada no uso da língua e constituída, segundo Del Valle, “[...]na base de uma entidade política e economicamente operativa, isto é, uma verdadeira ‘hispanofonia’”¹⁵ (DEL VALLE, 2007, p. 37, grifo do autor).

Vencidas as idéias colonialistas rejeitadas pelos países da América Hispânica, e superados os problemas derivados da Guerra Civil espanhola e do Franquismo, no final dos anos 80, Espanha encabeça um movimento em prol da hispanofonia. Segundo Del Valle, “[...] um conceito da comunidade de hispano-falantes que a consolida como mercado, onde a presença do capital espanhol foi percebida como ‘natural e legítima’” (DEL VALLE, op.cit., p. 39, grifo do autor)¹⁶.

Este movimento é concretizado, superando as ambigüidades do termo globalização, numa série de ações para a difusão do espanhol, encabeçadas pela Real Academia Española (RAE)¹⁷, dentre outras instituições de peso na Espanha, e o respaldo importantíssimo do setor empresarial desse país.

Numa análise sobre a posição da RAE que toma como base o documento “Nueva Política Lingüística Panhispanica (NPLP)”¹⁸, assinada pela Asociación de Academias de la Lengua Española (AALE)¹⁹, constituída por membros das academias de 19 países cuja língua oficial é o espanhol, além da RAE, e as academias Norteamericana e Filipina de la Lengua Española, Del Valle explica as mudanças da visão da Espanha em relação à língua:

[...] a RAE vem se distanciando da retórica mais conservadora e vem adotado uma visão mais ‘adequada’ e ‘realista’ da língua, por usar seus próprios termos: por um lado, seu objetivo declarado já não é mais a preservação do espanhol no seu máximo estado de pureza, e pelo outro, a variação e a mudança são aceitos como fatos naturais da linguagem que não interferem com seu valor” (DEL VALLE, 2007, p. 84, grifo do autor)²⁰

¹⁵ [...] la base de una entidad política y económicamente operativa, es decir, una verdadera hispanofonía (Del Valle, 2007, p. 37)

¹⁶ [...] una conceptualización de la comunidad hispanohablante que la consolidara como mercado donde la presencia del capital español fuera percibida como *natural y legítima* (Del Valle, 2007, p. 39).

¹⁷ <http://www.rae.es/rae.html>

¹⁸ <http://www.rae.es/rae%5CNoticias.nsf/Portada4?ReadForm&menu=4> (acesso em: 08/11/2008)

¹⁹ <http://asale.org/ASALE/asale.html> (acesso em: 15/11/2008)

²⁰ [...] la RAE se ha distanciando de la retórica más conservadora y ha adoptado una visión más “adequada” y “realista”, por usar sus propios términos: por un lado, su objetivo declarado ya no es la preservación del español

Esta perspectiva permitiu a publicação, no ano 2005, do Dicionario Panhispanico de Dudas (DPD)²¹, cuja realização contou com a participação das diferentes academias da língua espanhola.

Também, para mencionar outro exemplo da consolidação deste espaço unificado pela mesma língua, três dos quatro primeiros congressos da língua espanhola foram realizados na América: Zacatecas (México, 1997), Rosário (Argentina, 2004) e Cartagena de Indias (Colômbia, 2007) e só um na Espanha (Valladolid, 2001).

O V Congreso de la Lengua Española, no ano de 2010, será celebrado na cidade chilena de Valparaíso, um evento que, com o lema América em língua espanhola, contará com a participação, como é costumeiro, de personalidades de origens diversas.

Esse tipo de ações, explica Del Valle, conta com o respaldo de todas as nações que falam espanhol, o que garante a representatividade em termos normativos. No entanto, o mesmo autor apresenta um ponto de vista polêmico, embora necessário, por trás das iniciativas adeptas à unidade:

A repetição é, com certeza, uma das estratégias de naturalização de categorias culturalmente construídas: as comemorações públicas da língua (como congressos) e os monumentos normativos que a representam (gramáticas e dicionários) são, na realidade, os atos mesmos que a constituem. Da mesma forma, as afirmações de unidade aparentemente descritivas são, de fato, os atos que a criam (DEL VALLE, 2007, p. 94)²²

Concordamos com o autor no fato de as mesmas serem sintomas de uma certa preocupação sobre a fragmentação da língua. Entretanto, caberia nos perguntar se essa iminente fragmentação não é (e sempre foi) uma característica inerente ao que se denomina hispânico. A complexidade lingüístico-cultural desse conjunto não pode se perder na pretensão de uma homogeneidade nascida da necessidade institucional ou empresarial, quando a realidade evidencia uma polifonia natural e não canônica.

Falamos a mesma língua, e com ela ou por ela protagonizamos entendimentos e desentendimentos, mas é desses últimos, dos desentendimentos e da necessidade de esclarecimentos, que surgem os mecanismos que dão vida ao processo de comunicação.

en su máximo estado de pureza, y por otro, la variación y el cambio son aceptados como hechos naturales del lenguaje que no interfieren con su valor (Del Valle, 2007, p. 84)

²¹ <http://buscon.rae.es/dpdI/>

²² “La repetición es, por supuesto, una de las estrategias de naturalización de categorías culturalmente construídas: las celebraciones públicas (como congresos) y los monumentos normativos que la representan (gramáticas y diccionarios) son en realidad los actos mismos que constituyen. E igualmente, las afirmaciones de unidad aparentemente descriptivas son de hecho los actos que la crean (Del Valle, 2007, p. 94).

É sobre esse processo de comunicação que se constrói um conhecimento dinâmico e sempre inacabado. Para alcançar um mínimo de unidade, as políticas lingüísticas, a diferença da ciência, aceitam e precisam de negociações, ainda mais quando, como no caso da língua espanhola, abrange um universo de 400 milhões de pessoas espalhadas em mais de vinte países.

Desta forma, desejamos sublinhar o risco de considerar os produtos elaborados sob o selo do panhispanismo, ou quaisquer termos semelhantes, sem pretender subestimar o valor inerente aos mesmos, legado de uma suposta homogeneidade cujos matizes são resumidos em centos de páginas impressas, ou selecionadas por uns quantos, trajados de autoridades, que percorrem as cidades na caça de uníssonos. Entendemos o que está por trás das evidências de unidade ou diversidade, como um fenômeno cuja complexidade revela idéias, valores, pensamentos, sentimentos e demais ingredientes que o constituem em fonte infinita de pesquisa científica.

A pesquisa científica, nesta linha de pensamento, precisa, sem dúvida, de uma complementação. Trata-se da relação inquestionável entre língua e cultura, sugerida mais não desenvolvida. No próximo apartado, faremos uma exposição desse tema com o intuito de concretizar os elementos que nesta pesquisa são aportados ao tema.

1.3 Relação língua-cultura

Desde o século XIX, o tema da cultura e seu vínculo com a linguagem são pensados em termos de unidade diversidade. As distintas tendências e épocas privilegiam idéias mais universais ou mais particulares (CUCHE, 2002).

Para nos a idéia da cultura permeia outras questões que vão além de uma escolha filosófica sobre o mais universal ou particular. A primeira é a visão de que esses espaços não podem ser considerados numa perspectiva dicotômica, mas como uma linha continua na qual, dependendo da tradição ou objeto de estudo, os resultados terão uma tendência a privilegiar um dos extremos.

Durante muitos anos, essa relação foi concebida em termos deterministas. No século XVIII pensadores como Johann Heder (1744-1803) e Wilhem Von Humboldt (1762-1836) defendiam a idéia de que as pessoas falam diferente porque pensam diferente, e de que pensam diferente porque suas respectivas línguas lhes oferecem instrumentos também

diferentes para proporcionar conceitos ao mundo. Sendo assim, de entrada, este trabalho seria um completo desatino.

Superando o plano das percepções e impressões, encontramos que um dos momentos mais importantes da discussão sobre o tipo de relação estabelecida entre língua e cultura vem da chamada hipótese Sapir-Whorf. Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf, tentaram demonstrar que as estruturas das línguas influenciam as formas de pensamento e de comportamento dos seus falantes (Kramsch, 2001, p. 11-12). Existem muitos trabalhos suportados nessa idéia, nos quais são feitas comparações entre línguas diferentes. Os questionamentos feitos levaram a considerar duas versões da hipótese Sapir-Whorf, uma forte e outra branda. Na atualidade, a versão mais forte é rejeitada por grande parte da comunidade científica. Ao respeito, Kövecses (2006) faz a seguinte argumentação:

Se a versão forte fosse verdade, seria impossível ou quase impossível aprendermos línguas estrangeiras. Seríamos prisioneiros ‘na prisão da nossa própria língua’ (...) se a nossa língua nativa determinasse de forma estrita a maneira de pensar, não poderíamos traduzir de uma a outra língua (KÖVECSES, 2006, p. 34).²³

Hoje, em cambio, é ampla a aceitação da hipótese menos dura por parte da comunidade científica. Nesta perspectiva fala-se que, em vez de determinar, a língua influencia o modo em que percebemos o mundo. Wierzbicka (1997, p. 2) expressa essa idéia da seguinte forma: “as palavras são artefatos culturais das sociedades, e elas servem para transmitir atitudes sociais e valores culturais”.²⁴ As discussões mais contemporâneas centram a atenção no grau e nas conseqüências desta interdependência, dando lugar, inclusive, a que as comparações sejam feitas já no somente entre diferentes línguas, mas também entre os falantes de uma mesma língua.

Entretanto, muito dos problemas nos estudos sobre a cultura radica na tendência a fazer aproximações em abstrato, ou na maior ênfase de alguns dos elementos que participam do fenômeno cultural (a linguagem, o processo mental de simbolização, os aspectos sociais). Outro aspecto que tem merecido crítica é a falta de ferramentas teóricas pra evitar o etnocentrismo ou alimentar as visões estereotipadas dos grupos.

²³ “If the strong version were true, it would be impossible, or next to impossible to learn foreign language (...) if our native language strictly determinate the way we think, we could not translate from one language to another” (Kövecses, 2006, p. 34).

²⁴ “The words are society’s cultural artifacts, and that they serve as transmitters of social attitudes and cultural values”. (Wierzbicka, 1997, p. 2).

Como explicar a elasticidade de certos conceitos?; Como interpretar ações, estilos de interação?; Como entender a preferência de certas escolhas lingüísticas o de certos rituais de interação?

Os roteiros culturais, os *frames* e as metáforas conceituais apresentam modelos teóricos, construídos na relação entre a cognição, a linguagem e a cultura, capazes de explicar como agem, na construção do significado, os diferentes sistemas. Também, são unidades de análise plausíveis para estudarmos a relação entre língua e cultura de forma empírica, não impressionista e livre de etnocentrismo.

Com esta perspectiva damos o salto do lexema para analisarmos unidades maiores e também de maior alcance. A construção de significados não é um processo transparente, e a análise dos *frames* e das metáforas conceituais, permite ter acesso a aspectos da significação que de outra forma seriam imperceptíveis. Nos roteiros culturais a cultura adquire um aspecto de encenação, de representação. Cada uma dessas unidades contém, catalisa e transporta elementos que podem ser estudados como traços culturais. Uma vez identificados, podem ser submetidos à verificação ou a contraste.

Definir cultura em termos de unidades de análise dotadas de substrato empírico é o desafio deste trabalho. Na próxima seção, aprofundaremos nos fundamentos de cada uma destas propostas, com intuito de transforma-as em ferramentas úteis para a elaboração de uma análise comparativa de traços que, dentro do contínuo unidade/diversidade, se manifestam em representantes da língua espanhola de diversas origens.

1.4 Relação Língua-Cultura-Pensamento: Modelos Teóricos

1.4.1 A Metalinguagem Semântica Natural (NSM)

A idéia de que as línguas possuem um vocabulário central ou básico não é nova, e as tentativas feitas para extrair palavras ou termos que, embora simples, sejam suficientes para explicar outros mais complexos, sustentam-se na possibilidade de criar ferramentas úteis para na elaboração de syllabus para a aprendizagem de línguas, nas propostas de educação internacional e de comunicação inter-cultural, e na criação de dicionários. Para autores como Goddard e Wierzbicka (2007, p. 2) os critérios tradicionais de seleção dos termos básicos ou centrais, a saber, simplicidade, versatilidade, índice de freqüência, instinto do falante, não especificidade cultural, etc., muitas vezes são confusos e insuficientes. Por isso, eles propõem

como saída o procedimento da Metalinguagem Semântica Natural (Natural Semantic Metalanguage) ou NSM.

O NSM é um programa de pesquisa que conta com mais de 30 anos de existência. Numa equipe encabeçada por Anna Wierzbicka e um grupo de pesquisadores (entre eles Cliff Goddard), o desafio consiste em achar, por meio de um amplo número de trabalhos que incluem pesquisas em línguas diversas, um vocabulário central que seja comum para todas elas.

Valendo-se do procedimento da paráfrase redutiva como critério central, os pesquisadores tentam descobrir, por tentativa e erro e a análise conceitual, o maior número de termos comuns entre as línguas estudadas, com os quais possam explicar outros conceitos ou palavras que seriam mais complexos.

O conjunto desses itens, denominado de primitivos semânticos (*semantics primes*) é constituído por volta de 60 itens e seus respectivos domínios.

Substantives	I, YOU, SOMEONE/PERSON, PEOPLE
Relational substantives	SOMETHING, THING, BODY, PART
Determiners	THIS, THE SAME, OTHER
Quantifiers	ONE, TWO, SOME, ALL, MANY/MUCH
Evaluators	GOOD, BAD
Descriptors	BIG, SMALL
Mental/experiential predicates	THINK, KNOW, WANT, FEEL, SEE, HEAR
Speech	SAY, WORDS, TRUE
Actions and events	DO, HAPPEN, MOVE
Existence and possession	THERE IS/EXIST, HAVE
Life and death	LIVE, DIE
Time	WHEN/TIME, NOW, BEFORE, AFTER, A LONG TIME, A SHORT TIME, FOR SOME TIME, MOMENT.
Space	WHERE/PLACE, HERE, ABOVE, BELOW, FAR, NEAR, SIDE, INSIDE, TOUCH (CONTACT)
Logical concept	NOT, MAYBE, CAN, BECAUSE, IF
Intensifier, aumentor	VERY, MORE
Similarity	LIKE/WAY

Semantics primes – English exponents (AFER GODDARD, 2002a apud Goddard & Wierzbicka, 2007, p. 3)

Trata-se de uma proposta dinâmica que combina teoria, variedade de descrições e testes inter-lingüísticos. Segundo expõe Goddard ao fazer uma revisão do estado da questão, a tendência ao crescimento da pesquisa utilizando o NSM como ferramenta é prometedora. Sobre o assunto explica:

Existe uma grande quantidade de elementos a serem descobertos sobre a linguagem – especificações da estrutura semântica do vocabulário e da gramática (léxico-gramática), sobre a estrutura do discurso e as práticas discursivas, sobre a comunicação não verbal, sobre o fenômeno cultural e semiótico (GODDARD, 2002, p. 315).²⁵

Essa tendência cobre áreas cada vez mais abrangentes e se incorpora às pesquisas em áreas tais como: a antropologia cognitiva e a psicologia, além de incrementar aplicações práticas no campo do ensino de línguas, na tradução e na comunicação inter-cultural, áreas centrais dentro da Lingüística Aplicada.

Outra das vertentes práticas de desta proposta, explica Goddard (2002), é o seu uso nas descrições culturais, via roteiros culturais que é um dos eixos deste trabalho sobre o qual iremos nos estender no próximo capítulo. Antes, porém, é importante fazer menção alguns elementos sob a perspectiva do NSM que, acreditamos, fecham a justificativa da nossa escolha.

- Na perspectiva do NSM, conceitos complexos podem ser explicados a partir de um grupo simples de elementos (os primitivos semânticos).
- O grupo de primitivos semânticos possui equivalentes em todas as línguas. Daí que possam ser considerados universais lingüísticos.
- Os primitivos semânticos conformam uma espécie de língua franca útil para pesquisas de significados inter-culturais e inter-lingüísticos.
- Os primitivos semânticos possuem neutralidade cultural.

Na idéia dos primitivos semânticos encontramos imbuída a noção de universalidade lingüística/cultural, o que permite uma abordagem comparativa, não somente entre línguas/culturas diversas, mas também como ferramenta empiricamente válida para os estudos comparativos dentro de grupos de falantes da mesma língua. Desta forma contamos com uma

²⁵ “There is an enormous amount yet to be discovered about the language - specific semantic structuring of vocabulary and grammar (lexicogrammar), about discourse structure and discourse practices, about non-verbal communications, and panoply of cultural and semiotic phenomena” (Goddard, 2002, p. 315).

base sólida para encaminharmos numa empreitada cheia de contornos e possibilidades susceptíveis de serem colocadas no marco da pesquisa científica.

Como já foi mencionado, entendemos o espanhol como uma língua que embora possua variedade em termos fonéticos, léxicos e sintáxicos a partir dos quais são estabelecidas distinções entre os membros de diferentes comunidades de fala, aquilo que o hispânico, contém também uma diversidade (assim como uma unidade) cultural que também vai distinguir os membros dessa grande comunidade lingüística.

Uma das virtudes desta perspectiva é a neutralidade cultural que oferecem os primitivos semânticos, o que permite evitar o etnocentrismo principalmente quando tentamos explicar emoções, afetos ou valores próprios de uma cultura. Tais elementos, vistos numa perspectiva alheia, costumam aparecer deformados ou incorretos devido à tendência natural de abordá-los sob um ponto de vista externo. A esse respeito os autores mencionam que existem palavras cuja carga cultural é tão acentuada que ao serem traduzidas ou explicadas em outras línguas, utilizando procedimentos comuns, correm o risco de perderem o sentido (GODDARD; WIERZBICKA, op. cit. p. 6).

[...] a mesma mini-linguagem pode ser utilizada como um tipo de língua franca conceitual para pesquisar e explicar significados entre línguas e culturas diferentes assim como dentro de qualquer língua ou cultura” (GODDARD; WIERZBICKA, 2007, p. 5)²⁶.

Os exemplos na prática são muitos. Os profissionais da tradução e do ensino de línguas estrangeiras e nos estudos sobre comunicação inter-cultural, se deparam com frequência com termos cuja reprodução em outra língua constitui um risco de perda ou modificação substantiva do significado. A partir do NSM, tenta-se buscar formas para desempacotar os conteúdos conceituais de termos culturalmente carregados, para atingir a maior precisão e, em consequência, fugir do etnocentrismo. (GODDARD; WIERZBICKA, op. cit. p. 7).

No caso de falantes da mesma língua, o uso da NSM, suma-se ao fato de se ter um código lingüístico compartilhado, embora os membros desse universo pertençam a espaços geográficos diversos, com características próprias e apresentarem usos lingüísticos em parte diversos. Por isso, achamos que a escolha do espanhol para fazermos uma análise comparativa é, nesta perspectiva, mais do que pertinente. Nessa linha, Wierzbicka (1994) menciona

²⁶ “(...) the same “mini-language” can be used as a kind of conceptual lingua franca for investigating and explaining meanings across languages and cultures, as well within any single language and culture” (Goddard, C. & Wierzbicka, A. 2007, p.5).

exemplos de pesquisas nas quais são contrastados usos na mesma língua -no caso, o inglês- por diferentes grupos sociais e étnicos. É o caso das diferenças existentes entre membros da comunidade afro-americana e as pessoas de raça branca pertencentes à classe média (KOCHMAN, 1981 *apud* Wierzbicka, 1994, p. 9). No seguinte apartado, retomaremos este exemplo e proporcionaremos mais detalhes.

O NSM é uma ferramenta de base para desentranhar as especificidades culturais imbuídas em ações tão complexas como a negação e o elogio dentro da língua/cultura hispânica. Formas que, como mencionam Goodard e Wierzbicka (1997, p. 235), quando vistas de forma superficial podem receber descritores do tipo mais ou menos direto ou indireto, mais ou menos cordial. Assumir esse tipo de qualificativos, além de dizer pouco, inserem-nos numa prática etnocêntrica que é inadequada para objetivos sérios, é pouco clara como forma de análise da idéia de universidade/diversidade do conglomerado hispânico. Entretanto, nesta pesquisa, o NSM deve ser entendido como ferramenta metodológica e teórica na formulação dos roteiros culturais, uma das nossas categorias de análises, que passaremos a descrever a seguir.

1.4.2 Roteiros Culturais (CS)

Entre os membros dos grupos sociais existe um espaço compartilhado de regras tácitas, necessárias para o entendimento. Tais condutas, valores ou idéias, são originadas pela experiência direta ou indireta, em forma de práticas sociais, costumes ou normas que perfilam os traços dessa cultura. Mesmo sem eles perceberem, os membros desses grupos são portadores, transmissores e até modificadores desses códigos.

Poderíamos, entretanto, pensar que para termos acesso a essas formas estabelecidas de agir, bastaria um olhar atento e uma descrição detalhada e criteriosa. Embora essa tenha sido uma prática habitual dentro da antropologia cultural, os resultados obtidos nunca foram suficientes para conseguir descompactar de forma apropriada o fenômeno cultural, e descrever ou estabelecer comparações daquelas manifestações que afetam diretamente os estilos de comunicação.

A pergunta que acompanha esse desafio gira em torno de como podem ser olhadas essas estratégias tácitas que permitem os intercâmbios sem maiores esclarecimentos; como podem ser comparadas com as de outro grupo que possui um código lingüístico diferente; e inclusive entre portadores da mesma língua, se existirem, quais podem ser essas diferenças.

Um caminho possível para respondermos essas questões vem sendo levantado pelos trabalhos empíricos realizados via metalinguagem dos universais semânticos:

A metalinguagem dos universais lexicais pode ser utilizada não somente na análise semântica, mas também para formular as regras culturais conhecidas como roteiros culturais (WIERZBICKA, 1991, 1994 *apud* Goddard, Wierzbicka, 1997, p. 236)²⁷.

É precisamente o uso da metodologia do NSM que distingue a abordagem dos roteiros culturais de outras propostas. Uma das grandes vantagens desta perspectiva é a de poder representar e comparar cultura de forma neutra, isto é, onde o ponto de vista cultural do outro não exerce influência, já que é o próprio sujeito é quem explicita os detalhes, e não um outro que os coloca sob o filtro da sua visão. Wierzbicka argumenta que os roteiros culturais são capazes de esclarecer as diferenças culturais “incluindo aquelas que afetam mais diretamente os estilos de comunicação” (Wierzbicka, 1994, p. 3). Também, do ponto de vista teórico, é importante ressaltar a ruptura com a tradição gerativista que ignorou a riqueza cultural que participa diretamente na produção da linguagem em uso, porque o significado não existe fora da cultura.

Em outras palavras, os roteiros culturais são estruturas discursivas que emergem em forma de uma metalinguagem, e permitem descrever e comparar atitudes, valores, normas e suposições pertencentes a uma cultura numa perspectiva neutra e simples. Esses elementos emergem intuitivamente em forma de paráfrases auto-explicativas que, no entanto, possuem rigor empírico.

São várias as disciplinas que evidenciam e descrevem as relações entre língua e cultura. A etnografia da comunicação, a pragmática inter-cultural e os estudos culturais são mencionados por Goddard e Wierzbicka (1997) como métodos que têm contribuído no fortalecimento desta relação. Os mesmos, embora úteis, apresentam dificuldades que podem ser superadas com a escolha da abordagem dos Roteiros Culturais (CS).

Os principais problemas detectados pelos autores são: a presença de descrições ambíguas, a ausência de elementos que operem em todas as culturas, e a falta de princípios metodológicos claros (Goddard; Wierzbicka, 1997, pp. 232 -235).

Num outro trabalho, Wierzbicka (2007) menciona também que as comparações não dever ser feitas em termos dicotômicos ou de diferenças absolutas, e sim a partir de

²⁷ “The metalanguage of lexical universals can be used not only for semantic analysis, but also to formulate cultural rules for speaking, know as ‘cultural scripts’ ”. (Wierzbicka, 1991, 1994 *apud* Goddard, Wierzbicka, 1997, p. 236).

gradações. A idéia de que os traços culturais se movimentam dentro de um contínuo, é fundamental nesta pesquisa.

Em 1983, já Hall referia-se à falta de um método que permitisse entender de forma profunda e não impressionista os processos implícitos nas manifestações da fala. “Precisamos saber mais sobre como pensam as pessoas de diferentes culturas” (HALL, 1983, *apud* Wierzbicka, 1994, p. 2)²⁸. Por isso, entendemos que adotar o modelo dos CS é um caminho coerente para evitar sermos superficiais nas descrições que podem, com justiça, ser criticadas por seu caráter etnocêntrico.

Sobre as virtudes desta abordagem, e em resposta ao elemento antes mencionado, os autores ressaltam que os roteiros culturais permitem o acesso, a partir das evidências lingüísticas, às construções e elaborações mentais, isto é, cognitivas e também, ao estarem baseados em conceitos universalmente lexicalizados, apresentam-se como uma opção livre de etnocentrismo (WIERZBICKA, op. cit. p. 3).

Outro elemento de interesse é que o tipo de análise feita a partir dos roteiros culturais requer abrir mão de comparações quantitativas. Um mesmo traço (o silêncio, as desculpas, a insistência) não deve ser explicado em termos de ausência/presença. O importante não é a frequência de aparição, mas as explicações subjacentes ao ato de fala. A respeito Wierzbicka (op.cit. p. 4) explica que, em termos de contrastes, “[...] o uso de um ato de fala pode vincular-se às diferenças qualitativas das normas culturais”.²⁹

Uma ilustração relacionada com a idéia de frequência é a encontrada em Cestero (2005). Ao fazer menção aos turnos de fala na conversação em espanhol, a autora explica que, se comparada com outras línguas como o sueco e o filipino, o espanhol caracteriza-se por ausência de silêncios ou pausas. Sobre esta característica a autora esclarece:

[...] o valor que tem uma interrupção na conversação não é o mesmo em todas as línguas e culturas, isso explica porque na Espanha, por exemplo, a *proporção* de interrupções seja muito alta, enquanto que nas Filipinas ou na Suécia, o *número* de vezes que se interrompe em uma conversação cotidiana é *mínimo* (CESTERO, 2005, op.cit: 34, grifo nosso)³⁰.

²⁸cc (...) We need to know more about how people think in different cultures...” (Hall, 1983, p.91 *apud* Wierzbicka, 1994, p.2)

²⁹cc (...) an the use of these different speech acts is linked with qualitatively different cultural norms”. (Wierzbicka, 1994, p.4)

³⁰ “(...) el valor que tiene una interrupción en una conversación no es el mismo en todas las lenguas y culturas, lo que explica que, en España, por ejemplo, la proporción de interrupciones que se produce en cualquier conversación sea muy alta, mientras que, en Filipina o Suecia, el número de veces que se interrumpe en una conversación cotidiana es mínimo” (Cestero, 2005, p. 34).

Afirmações como a anterior, embora entendamos que o objetivo da autora é apresentar alguns dos mecanismos que operam na estruturação da conversação em espanhol, deixa uma série de lacunas. Uma delas relaciona-se com a idéia da variação intralingüística e a outra, não menos importante, com o que está por trás dessa característica, isto é, o valor implícito em termos culturais do traço em questão. Neste sentido, Cestero (2005) explica que o valor depende do tipo de interrupção, sendo tal especificação somente um dos elementos que funcionam como marca sociocultural.

Esse tipo de análise apóia-se nos estudos de Brown e Levinson (1987) sobre a cortesia ou nos fundamentos do princípio de cooperação de Grice (1975) emoldurados na análise da conversação. Perspectivas estas que sublinham o caráter universal dos princípios da cortesia e da cooperação, enquanto esboçam as particularidades ou especificidades das línguas/culturas comparadas. Encontramos nelas afirmações sobre as tendências universais da conversação, a saber, alternância de turnos, sistemas de reparação de erros, cumprimentos, rituais de fechamento, etc., sem negar os aspectos particulares de cada língua e cultura (CESTERO, op.cit. p. 15).

As idéias da relação língua/cultura e as apreciações sobre o contínuo universal/particular, que numa primeira aproximação parecem coincidir com este trabalho, são, entretanto, só uma mínima parte do que queremos mostrar. Falta ir além da conduta puramente lingüística e revelar, seguindo uma ótica neutra, quais são os valores, idéias, suposições que estão imbuídas nessas manifestações. Acreditamos que o caminho para a observação através de um prisma livre de etnocentrismo consiste no levantamento dos roteiros culturais.

Já mencionamos que mesmo num grupo que compartilha a mesma língua podem ser levantados contrastes nas normas culturais que regem as formas de agir desses sujeitos. Citamos, de forma superficial na seção anterior, um exemplo desse tipo. O que faremos a continuação é ilustrar, via roteiro cultural, o contraste de membros da comunidade afro-americana e membros de raça branca de classe média americana.

O exemplo, retirado de Wierzbicka, aborda as atitudes de ambos os grupos sobre a expressão das emoções, na base do livro intitulado “Black and White Style in Conflict”³¹ (KOCHMAN’S, 1991 apud Wierzbicka, 1994: 9 -10).

³¹ Na citação do exemplo decidimos manter as denominações na língua de origem, já que com uma tradução dos termos que denominam os grupos ao português, correríamos o risco de extrair ou desviar elementos culturais imbuídos no interior dessas palavras. Trata-se de um sentido construído num marco cultural, numa sociedade, onde tais termos referem-se a valores distintos dos que se refeririam numa outra língua, num outro espaço cultural.

BLACK STYLE	WHITE STYLE
Quando eu digo alguma coisa como esta: “eu penso isso” “eu não penso isso” Eu não quero que essa pessoa pense que eu sinto alguma coisa sobre isso [se a pessoa pensa que eu sinto alguma coisa quando eu digo algo, pensará que eu não penso bem]	Quando eu digo alguma coisa como esta: “eu penso isso” “eu não penso isso” Eu quero que essa pessoa saiba que eu sinto alguma coisa sobre isso [se a pessoa pensa que eu não sinto algo quando eu digo alguma coisa, pensará que eu não penso o que digo]

Resumindo o anterior, no caso do chamado White Style, a expressão da emoção compromete as idéias, enquanto que para o Black Style as idéias deverão estar apoiadas na emoção para terem o valor esperado. Um olhar detalhado permite verificar que:

- Parte-se de uma mesma língua (inglês) para expressar coisas diferentes.
- O expressado possui um substrato cultural.
- A caracterização não é dicotômica: racional/emocional.
- O dado de análise é o *verbatim*
- Na verbalização estão impressas as razões da supressão ou expressão da emoção.
- As razões da supressão ou manifestação da emoção são um traço característico distintivo entre os grupos.

Nesse exemplo, a mesma comunidade lingüística, dividida a partir de uma variável racial, as idéias medulares sobre a expressão da emoção apresentam caminhos opostos. Para nós, o espanhol é o caso que nos ocupa, e podemos predizer que, além dos denominadores comuns, podem ser detectados em grupos de diferentes zonas geográficas, espaços de contraste. Pretendemos, via roteiros culturais, calibrar até onde existe um espaço compartilhado para a negação e o elogio, por serem manifestações comuns nos intercâmbios comunicativos, e por prever que neles encontram-se impressas marcas culturais susceptíveis de análises. Entendemos também que ambas são manifestações idiossincráticas de comportamento.

Antes de passar a expor a seguinte categoria de análise queremos sintetizar algumas idéias sob as quais encontra-se ancorada a nossa escolha:

- O uso dos roteiros culturais para análise cultural, sustentados no NSM, significa um avanço metodológico importante.

- É uma perspectiva empírica que permite articular normas, valores, práticas e idéias culturalmente estabelecidas entre grupos pertencentes à mesma ou a diferentes comunidades lingüísticas.
- Podem ser concebidos como um prisma livre de etnocentrismo, acessível tanto para quem se encontra inserido, como fora da cultura que está sendo analisada.
- A flexibilidade dos roteiros culturais permite capturar nuances do significado cultural, derivados das idéias que sustentam certos usos lingüísticos.
- Por serem matéria de gradação mais do que diferenças absolutas permitem entender o universal e o particular da cultura dentro de um contínuo.

Na base dos argumentos anteriores, neste trabalho, os roteiros culturais estão na pauta de análise. Também, devido à necessidade de estabelecermos limites, dentre os múltiplos roteiros manifestos pelas pessoas de origem hispânica, centraremos a análise nos roteiros da negação e do elogio.

Este trabalho é só a ponta do iceberg. A abordagem, dos CS é um campo imenso para pesquisas cujas contribuições para o desenvolvimento da Lingüística Aplicada, e outras áreas afins, é de grande importância. Neste sentido, temos que além da semântica cultural revelada pelos roteiros culturais, existem outras possibilidades de aproximação à cultura que possuem elementos de coincidência com os CS. O mais importante deles é o substrato empírico no qual são levantadas as pesquisas.

A seguir argüiremos em torno de uma perspectiva derivada das ciências cognitivas, muito afins aos CS. Os estudos sobre a atividade cognitiva da categorização na qual são construídas teorias sobre os mapas conceituais e as metáforas conceituais são, junto com os roteiros culturais, categorias de descrição e análise onde o dado lingüístico pode ser utilizado para elucidar normas, valores, idéias, crenças, pensamentos, isto é, traços culturais de um grupo determinado.

1.4.3 Categorização

Categorizar é uma atividade cognitiva que nos permite organizar o mundo e, por isso, uma parte importante de nosso pensamento está constituída por categorias conceituais. Trata-se de uma capacidade compartilhada pelos seres humanos que, na maioria das vezes, acontece de forma inconsciente. Também, por ser uma atividade cognitiva, não é observável a simples vista. Entretanto, assim como outras funções de nosso sistema nervoso central, é a través da

linguagem que obtemos muitas informações e detalhes sobre o que está por trás desse complexo processo de nomear o mundo.

Existem vários modelos que tentam explicar como produzimos as categorizações. Um deles, inspirado na teoria dos conjuntos, de cunho objetivista, é o modelo clássico. Lakoff e Jhonson (1986) explicam que segundo esta perspectiva, as categorias que elaboramos para os diferentes elementos que conformam a realidade circundante são definidas pelas formas essenciais dos objetos. Uma categoria é construída em função de propriedades isoladas, desvinculadas à experiência e atadas a condições fixas, necessárias e suficientes definidas nas formas. Um exemplo da categoria CADEIRA³², nesta perspectiva, estaria definida por todos aqueles objetos que possuem respaldo, assento e quatro patas.

O que está por trás dessa idéia é uma visão objetiva do mundo. Mas o mundo é complexo e dinâmico demais para pretendermos assumir que uma teoria deste tipo possa dar conta do fenômeno da categorização. Também, o cérebro é um órgão suficientemente potente para resumir o mundo a meros conjuntos de formas. “Para os seres humanos a categorização é um médio para compreender o mundo, e como tal, deve servir para esse propósito de uma maneira suficientemente flexível” (LAKOFF; JHONSON, 1986, p.163-164)³³.

Embora o processo de categorização seja uma ferramenta indispensável para evitar o caos, o modelo clássico recebeu muitas críticas que deram lugar à idéia de que as categorias não são estruturas homogêneas nem rígidas. Eis um dos grandes aportes das ciências cognitivas, aprofundar no conhecimento dos fenômenos envolvidos processo de categorização, via pesquisa empírica.

Os fundamentos empíricos da teoria dos protótipos (Labov, 1973; Rosh, 1973, 1975; Taylor, 1989) demonstram, em contraste à idéia clássica, que existem categorias que possuem melhores estruturas prototípicas do que outras, ou seja, há bons e maus exemplos. Nesta perspectiva, a categoria CADEIRA inclui, além das formas prototípicas (os bons exemplos), elementos que possuem parecidos familiares (redes, cadeiras giratórias ou com formas não convencionais) (ROSH, 1977, apud, Lakoff e Johnson, op. cit. p. 164).

Outro aspecto considerado nesse modelo é o relativo às propriedades de interação. As categorias, ao serem determinadas por relações de parecido familiar, abrangem, além da forma perceptível pela vista, outras propriedades perceptuais, funcionais, atividades motoras e

³² Os modelos teóricos que estudam os processos cognitivos de categorização e as metáforas conceituais o uso de letras maiúsculas é uma convenção utilizada para diferenciar o conceito da palavra. Neste trabalho todas as referências aos conceitos seguirão esta convenção aparecendo em maiúsculas.

³³ Para los seres humanos la categorización es primariamente un medio de comprender el mundo, y, como tal, debe servir a ese propósito de una manera suficientemente flexible (Lakoff ; Jonson, 1986, p. 164).

intencionais. É o objeto e o que fazemos com ele. Isto se denomina propriedade de interação. Desta forma, a categoria pode ser ampliada dependendo do objetivo (LAKOFF; JOHNSON, op. cit. p. 164).

No modelo dos protótipos, as categorias se acomodam aos propósitos da classificação, os limites das categorias são flexíveis, podem se adaptar às necessidades e permitem, dependendo do caso, atribuir maior representatividade a alguns membros. Para Kövecses (2006, p. 25) os protótipos não são representações abstratas pré-existentes, mas estruturas variáveis criadas “on line” em tempo real, num dado contexto, segundo o objetivo da situação.

Seguindo essa nova perspectiva, a idéia da categorização passa a ser mais abrangente e possibilita, além da categorização de objetos, a aproximação e compreensão de outros conceitos menos tangíveis e objetivos e, em consequência, mais ricos na hora de tentar nos aproximar das motivações cujo substrato cultural marcam o caminho na construção de categorizações. Desta forma, entendemos a teoria dos protótipos ou *frames* como uma perspectiva que permite olharmos a idéia de categorização de forma mais rica e abrangente.

Neste ponto, é importante mencionar que, ao falarmos em protótipos ou *frames*, estamos cientes de que dentro dos estudos cognitivos em geral esses conceitos aparecem ora separados, dependendo do pesquisador, ora juntos pela mesma razão. Argumentamos que eles estão unidos como formas de se referir a uma perspectiva oposta à clássica ou objetivista já que se encontram dentro do experiencialista.

O que Lakoff (1987) definiu como ICM (Modelo Cognitivo Idealizado) é o que nos referimos antes como *frame* ou protótipo. No entanto, convenhamos em preferir o termo *frames* e explicar de forma sucinta a origem.

Nas pesquisas em lingüística cognitiva, derivada das chamadas ciências cognitivas, os *frames* têm ocupado um espaço cada vez mais relevante nos estudos de categorização conceitual. Dentro das várias linhas direcionadas ao estudo da linguagem, deve-se a Charles Fillmore, a chamada semântica de esquemas (*Frame Semantic*), desenvolvida nos anos 70, em estudos sobre significação lexicográfica, com o intuito de explicar como se organiza o nosso conhecimento do mundo. Esta proposta se apóia na idéia de que a noção de protótipo e os significados das palavras entendem-se na sua relação com as estruturas conceituais pelas quais são motivadas, isto é, numa base experiencial.

Na semântica de esquemas nós consideramos que os significados das palavras são mais bem entendidos em referência às estruturas conceituais as quais suportam e motivam. Por conseguinte, acreditamos que qualquer descrição do significado das palavras deve começar pela identificação de tais estruturas conceituais. *Frames* possuem propriedades de cenários estereotipados - situações nas quais os falantes

esperam que certos eventos aconteçam e sejam obtidos estados (LOWE; BAKER; FILLMORE, 1997, p. 19)³⁴.

A partir desta exposição, podemos anunciar que as divergências nas categorias ou nas formas de estabelecê-las, poder-se-iam constituir no gérmen de desencontros culturais, na medida em que a formação das redes de categorização estão permeadas pelos elementos culturais que as designarão. Principalmente no caso de conceitos mais abstratos, ou impregnados de valores e crenças, os caminhos na construção das redes de categorização poderão tomar direções diferentes.

Um exemplo apresentado por Fillmore (1975) e que tem se constituído num clássico é o conceito de solteiro³⁵. Na análise conceitual que inclui MACHO ADULTO-NÃO CASADO, é evidente que, embora dê conta de uma série de casos, não pode ser aplicado em referência, por exemplo, ao Papa ou àquele homem adulto solteiro que mora com a namorada.

As idéias propostas pela perspectiva experiencial vão além do simples achado de que a interpretação de um conceito supõe a ativação do conhecimento de mundo; o que é realmente importante é a sua legitimidade como objeto de estudo embasado em teorias que permitem um olhar além do exclusivamente lingüístico. Nesta altura, podemos também afirmar que no processo de categorização existe uma grande variação e flexibilidade, na forma em que as pessoas constroem suas representações mentais. Esta é uma idéia crucial dentro deste trabalho pela suas implicações no entendimento inter-cultural.

Para ilustrar o exposto, analisemos brevemente a palavra SUCESSO no contraste inter-cultural. Segundo o dicionário Aurélio e o Dicionário da Real Academia a palavra sucesso vem do latim *successu*. A partir desse dado, poder-se-ia concluir que em ambas línguas a representação do termo é a mesma para um falante de uma ou de outra língua. Outro elemento que serviria para apoiar essa hipótese são as diferentes acepções do termo encontradas nas duas obras. Tanto para o dicionário da língua espanhola como para o da língua portuguesa as idéias relativas a sucesso são as mesmas. No entanto, para os usuários da língua portuguesa dificilmente corresponderia a uma coisa negativa como a notícia de um desastre, enquanto que para um falante da língua espanhola essa palavra possui um correlato negativo, fundamentalmente pelo seu uso para designar uma seção de jornais na qual são reportadas as notícias mais trágicas.

³⁴ In frame semantics we take the view that word meaning are best understood in reference to the conceptual structures which support and motivate them. We believe, therefore, that any description of word meanings must begin by identifying such underlying conceptual structure.

Frames have properties of stereotyped scenarios – situations in which speakers expected certain events to occur and states to obtain (Lowe; Baker; Fillmore, 1987, p. 19).

³⁵ Bachelor.

Embora possamos nos estender numa larga lista de exemplos deste tipo, não este nosso objetivo. Ao contrário, queremos sublinhar que esta nova perspectiva apóia-se na experiência, nas práticas sociais, na cultura e é um excelente caminho para novas descobertas empíricas.

Aprofundar-nos no processo de categorização de diferentes comunidades permite revelar a existência de divergências e convergências no processo de representações mentais. Segundo Kövecses (2006, p. 28) “as diferenças entre protótipos dependentes do contexto, freqüentemente, formam a base de apresentações estereotipadas de grupos nacionais, étnicos, regionais, baseados no gênero, e assim por diante”³⁶.

O termo REY para um espanhol estará, assim, associado a elementos diferentes aos que o mesmo termo teria para uruguaio ou um venezuelano. Lembremos que a realeza como instituição é um elemento importante dentro da política espanhola, mesmo que existam pessoas que não a apóiem. A Espanha tem como sistema de governo uma monarquia parlamentar, na qual o Rei é o chefe de estado. No caso do Uruguai, o sistema de governo é presidencialista, e a figura do Rei no âmbito político é inexistente, já na Venezuela, REY é utilizado em termos afetivos.

Todos esses elementos, de cunho cultural, permitem fazer inferências, a serem confirmadas na base empírica, sobre os matizes que fazem de nossa capacidade de categorização um exercício cujos resultados estarão longe de ser uniformes. Desta forma, inseridos na idéia de categorização, a análise dos *frames* (Kövecses, 2006) possibilita o entendimento dos significados das palavras, um significado que vai além do conceito estabelecido pelos dicionários, um significado que não é auto-evidente. Trocamos o conceito normativo pelo *frame* evocado. Este é nosso pano de fundo para iniciarmos a exposição sobre a próxima categoria de análise no marco desta pesquisa.

1.4.4 Frames

As ciências cognitivas têm trabalhado durante décadas para descobrir o que está por trás da significação enquanto processo cognitivo de altíssima complexidade. A linguagem, por outro lado, apresenta-se como a materialização desses processos. Para Luque Durán (2004, p.17) “[...] cada língua possui aspectos especialmente ricos e imaginativos na sua estrutura gramatical e léxica para a captação de algumas parcelas e domínios específicos da

³⁶ Such differences between context-dependent prototypes commonly form the basis of stereotypical presentations of national, ethnic, regional, gender-based, and so on, groups. (Kövecses, 2006, p. 28)

realidade”³⁷. Os estudos comparativos entre línguas são um caminho para acessar aos aspectos da representação mental da realidade específicos de um grupo lingüístico, embora também mostrem aqueles que lhes são comuns com outros de línguas diferentes.

Na perspectiva dos *frames*, as línguas podem ser vistas como um “grande sistema de categorias” e a “cultura como uma complexa rede de *frames*” (Kövecses, 2006, p.p. 81 - 85)³⁸. Isto explicaria o fato de que em algumas línguas exista uma ampla gama de termos para se referir à mesma coisa. Um exemplo conhecido é o da língua dos esquimós e a multiplicidade de termos para se referir à neve. Lakoff (1987, p. 308 *apud*, Luque Duran op. cit.) explica que é comum, ao se ter um conhecimento experto sobre um domínio da experiência, neste caso a neve, a existência de um amplo vocabulário sobre esse domínio. Caberia perguntar se, no caso do derretimento das geleiras, os habitantes dos pólos reduziriam os termos para referir a neve e ampliariam as referências às águas. A resposta pode ser afirmativa.

Se a experiência e a interação com o mundo são os fundamentos para a construção de conceitos, podemos pensar que também, no caso de diferentes comunidades que compartilham a mesma língua, o espaço conceitual é bem sensível a sofrer variações. Cada cultura reflete a realidade de uma maneira particular, mas o chamado de “cultural específico” inclui, não somente o conjunto de termos utilizados para designar um elemento da realidade objetiva, mas também o panorama sobre costumes, hábitos, e crenças próprias de aquela comunidade (Luque Durán, 2004, p. 36). Por isso, numa mesma língua como o espanhol, encontraremos evidências de especificidades culturais nas diferentes comunidades, já não pela quantidade de palavras para um mesmo objeto, mas pela complexidade ou simplicidade do *frame* elaborado sobre um elemento, pelos diferentes percursos descritos na elaboração de um *frame* determinado. Em outras palavras, os conceitos, isto é, as imagens mentais ordenadas, limitadas e estáticas, podem ser as mesmas, mas os *frames* ou mapas conceituais são sensíveis de apresentar variabilidade.

Desta forma, o que está por trás da diversidade do espanhol não seria produto do acaso nem da arbitrariedade, ao contrário, encontrar-se-ia sustentado nas diferentes elaborações da realidade, produzidas por aspectos de natureza idiossincrática factíveis de serem estudados e analisados na procura, não de fazer ponto de honra à diversidade, mas de discernir os caminhos da compreensão. A fotografia de um *frame* permite, desta forma, visualizar detalhes

³⁷ [...] cada lengua presenta aspectos especialmente ricos e imaginativos en su estructura gramatical y léxica para la captación de algunas parcelas y dominios específicos de la realidad. (Luque Durán, 2004, p. 17)

³⁸ As idéias de Kövecses (2006) sobre os *frames* como unidades de análise cultural, estão fundamentadas em trabalhos seminais que até hoje são referência obrigatória dentro das pesquisas em lingüística cognitiva, a saber: Goffman (1974) *Frame Analysis* e Lakoff (1987) *Woman, Fire and Dangerous Things*.

específicos de nossos sistemas de categorização, entender quais os princípios que regem a construção dos sistemas de categorização, levantar hipóteses sobre o porquê de um item aparecer numa determinada categoria.

Como já foi mencionado, o que neste trabalho chamamos de *frames*, tem merecido diversos nomes nas ciências cognitivas. Kövecses (2006, p. 64)³⁹ faz menção a alguns deles: script (roteiros), cena, modelo cultural, modelo cognitivo idealizado, domínio, esquema, etc. Os elementos constituintes de uma categorização, isto é, as listas de representação de um domínio particular da experiência, encontram-se atadas por relações de diferentes tipos. Os elementos do mundo, mais ou menos objetivos, são definidos a partir de construções cujos vínculos são de ordens diversas e os *frames* são construções capazes de revelar os detalhes do tipo de relação estabelecida.

A riqueza desta unidade na análise consiste na possibilidade de fazer inferências sobre a forma que as pessoas têm de organizar e agrupar sentidos. O significado de uma palavra, ou uma frase depende do tipo de *frame* que utilizamos para conceituá-la, e esse significado pode ser mais ou menos estável o variar dependendo do contexto cultural no qual encontra-se inserido. Um exemplo bem conhecido é o de RESTAURANTE (Schank and Abelson, 1977, apud Kovecses, op. cit. p. 70) no qual se descreve um conhecimento compartilhado por uma cultura, americana no caso, para uma determinada situação. A descrição, também denominada *script*, consiste numa série de eventos seguidos de outros que de forma estereotipada aparecem dentro de uma cultura:

Ir ao restaurante

Sentar

Estudar o cardápio

Pedir a comida

O garçom traz a comida

Comer a comida

Pagar

Sair do restaurante

Esse modelo pode ser familiar para um brasileiro, mas também explica a designação de outras formas familiares que possuem denominações específicas tais como rodízio ou

³⁹ Na exposição de Kövecses, aparecem os termos frames, modelos cognitivos idealizados e domínios, utilizados muitas vezes de forma indistinta. Já que neste trabalho não nos aprofundaremos nas divergências teóricas que têm merecido a utilização desses termos, faremos menção a eles em diferentes momentos –também sem distinção. Para facilitar a leitura, daremos preferência ao uso de frame. Entretanto, para diferenciar da exposição feita sobre os roteiros culturais, evitaremos o uso de scripts, sempre que for possível.

quilo. Desta forma, uma pessoa para lograr o entendimento da situação vai preferir dizer “fui no *kilo* e comi muito bem”. A escolha cancela partes desse roteiro inicial: se sentar, estudar o cardápio, pedir comida, o garçom trás a comida. Essa saída econômica é possível entre pessoas que compartilham o mesmo *frame*, mas poder-ia ser incompressível para quem não conhece essa modalidade de restaurante. Quando utilizamos frases para falarmos de experiências quotidianas, o fazemos na base de *frames* estruturados previamente. Em palavras de Kövecses (2006, p. 66) “o entendimento de um enunciado requer o entendimento da totalidade do *frame*”.⁴⁰

Os *frames* não são elementos isolados, mas conjuntos de elementos que representam ou significam outros. Segundo Kövecses (op. cit.), o processo cognitivo da representação pode ser de três tipos: i) a totalidade do domínio pelas suas partes constituintes; ii) a parte do domínio pela totalidade; iii) a parte pela parte. Entretanto, o que poderia parecer uma abordagem meramente cognitiva, apresenta-se, inevitavelmente, impregnado de cultura já que as escolhas dos caminhos das representações, sejam elas quais forem, estarão mediadas pelas práticas socioculturais da comunidade de referência.

A metonímia e a metáfora são manifestações lingüísticas dependentes dos modelos cognitivos idealizados (ICMs). Daí que a metonímia permita revelar o elemento prototípico de um *frame* o qual, por sua vez, mostrará o tipo de representação, seja da totalidade pela parte, da parte pela totalidade ou da parte pela parte. Na metáfora conceitual, aspecto a desenvolver em detalhe na próxima seção, também é aplicável a idéia da explicação de um domínio a partir de outro. De fato, Kövecses (2005, 2006) sintetiza o conceito de metáfora conceitual como correspondência entre dois *frames* ou domínios.

Por enquanto deteremos-nos na metonímia para adicionar um aspecto fundamental, a saber, os estereótipos. Na metonímia, os melhores representantes do conjunto, isto é, os protótipos, são manifestações tácitas da cultura. Por isso, com freqüência os protótipos evidenciam a presença de estereótipos. Kövecses (2006, p. 109) explica que “os grupos sociais apresentam visões estereotipadas dos outros e de se próprios”⁴¹. Esse dado é muito útil como elemento de análise em grupos que falam a mesma língua porque na manifestação de estereótipos podem estar condensadas crenças sobre a unidade ou diversidade das comunidades de hispânicos, sejam negativas ou positivas, embora o autor mencione que a tendência é a de favorecer o estereótipo interno, mais do que o externo.

⁴⁰ The understanding of a particular sentence requires our knowledge of an entire frame (Kövecses, 2006, p. 66).

⁴¹ Social groups have stereotypes about those outside the group and also about themselves (Kövecses, 2006, p. 108)

Por outro lado, a transparência desse tipo de manifestações permite que desde fora, na perspectiva do pesquisador, sejam feitas análises livres de etnocentrismo, o que, como já foi mencionado, é um dos objetivos fundamentais dentro desta pesquisa.

A categorização, mecanismo do qual surgem os *frames*, é um processo cognitivo que se manifesta na linguagem. Não possui um fim em si mesmo, mas é uma forma de organizar a informação que o mundo oferece. Trata-se de uma capacidade compartilhada pelos seres humanos cujos produtos estão longe de serem uniformes, ao contrário, apresentam elementos estáveis ancorados na cultura. A eliciação de um *frame* permitirá, desta forma, reconstruir caminhos de elaboração de sentidos e revelar traços culturais em forma de idéias, valores, estereótipos, etc.

A vinculação entre as elaborações conceituais e os roteiros culturais, é sugerida por Lakoff (1980, *apud* Kövecses, 2006, p. 111) quando o autor menciona o vínculo existente entre os rituais do dia-a-dia como tipos de *frames*. Desta forma, consideramos que os roteiros culturais descritos anteriormente seriam uma espécie de elaboração performática dos *frames*. Para Kövecses (2006), além dos *frames*, as metáforas conceituais, a nossa seguinte unidade de análise, são também mecanismos cognitivos capazes de dar conta da significação dos rituais do cotidiano e dos processos de significação.

1.4.5 As Metáforas Conceituais

Existem duas perspectivas para a abordagem da metáfora, uma delas, chamada de tradicional, cuja origem se remonta a Aristóteles, concebe a metáfora como um fenômeno exclusivo da linguagem. Esta perspectiva considera a metáfora como uma expressão lingüística de função retórica ou poética, na qual uma ou mais palavras de um conceito são utilizadas além do seu significado convencional para expressar um conceito similar.

A outra perspectiva ressalta a função cognitiva da metáfora, e é definida como “mapeamentos entre domínios” (Kövecses, 2006, p. 130). Esta perspectiva é abordada de forma ampla tanto na lingüística cognitiva, quanto na psicologia cognitiva. Essas áreas explicam que existe uma série de mecanismos envolvidos no processo de construção metafórica. Algumas pesquisas se centram na regularidade do pensamento, enquanto outras indicam regularidades na linguagem, e os métodos de obtenção de dados variam de acordo com o objeto de estudo. Segundo Kövecses (2005, p. 37 - 38) a tendência geral dos estudos está direcionada aos aspectos mais universais do fenômeno de elaboração metafórica.

Seja qual for a abordagem, o interesse pelo tema sustenta-se no reconhecimento de nossa natureza eminentemente simbólica. Sobre o assunto, Lakoff e Johnson expressam o seguinte:

Nós chegamos à conclusão de que a metáfora [...] impregna a vida cotidiana, não somente a linguagem, mas o pensamento e a ação. O nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente de natureza metafórica (Lakoff & Johnson, 1986, p. 39)⁴².

Entendemos, assim, a metáfora não só como fruto do mero prazer estético ou estilístico, mas parte fundamental da linguagem comum. As condutas do dia-a-dia refletem o nosso entendimento metafórico da experiência. Frases como: “se liga”, “estou estourada”, “fulano tem um parafuso a menos”, etc., negam a literalidade da linguagem do cotidiano, e o transformam em caldo de cultivo para a pesquisa empírica sobre o que acontece em nossas mentes quando utilizamos uma metáfora.

Principalmente em se tratando de dar conta de elementos tais como sentimentos e emoções, a metáfora conceitual é uma ferramenta muito útil, pois permite expressar assuntos que possuem um alto grau de abstração. Assim, estabelecidas as correspondências, definimos uma coisa mais abstrata, em termos de uma outra mais concreta. Para Lakoff e Johnson (1986), as metáforas são o set de correspondências conceituais. Por isso o que constitui a construção de qualquer metáfora conceitual não é uma palavra específica da expressão, mas o resultado do mapeamento dos domínios conceituais que a conformam. Esta relação não acontece de forma arbitrária, mas é fruto de um código de representações compartilhado entre os integrantes de um grupo.

Uma revisão dos estudos sobre o fenômeno metafórico permite revelar a participação de aspectos como: a experiência corporal e atividade cerebral –envolvendo mecanismos neuronais de conexão entre diferentes áreas do cérebro e a ativação da memória de longo prazo (Gibbs, 1994; Gibbs; O’Briam, 1990; Boroditsky, 2001, apud, Kövecses, 2005, p. 29).

Alarcón explica que a teoria da metáfora conceitual tem grande força explicativa para os lingüistas. Seu estudo permite dar conta de como as expressões habituais estão relacionadas a diferentes domínios, por meio de princípios gerais. Também permite explicar porque são usadas em diferentes domínios conceituais, e como os princípios que as regem estão baseados em inferências. A autora menciona que, no caso da metáfora A PAIXÃO É

⁴² Nosotros hemos llegado a la conclusión de que la metáfora [...] impregna la vida cotidiana, no solamente el lenguaje, sino también el pensamiento y la acción. Nuestro sistema conceptual ordinario, en términos del cual pensamos y actuamos, es fundamentalmente de naturaleza metafórica (Lakoff & Johnson, 1986, p. 39).

FOGO, o raciocínio que temos acerca do fogo é utilizado para discorrer sobre a paixão, por isso não é um mistério entender frases como: ‘ascender a paixão’ e ‘o relacionamento esfriou’ (ALARCÓN, 2002, p. 9).

Esse espaço construído no nível das idéias possui, como é natural, um suporte cujos limites transcendem as fronteiras lingüísticas. É por isso que o conceito metafórico A PAIXÃO É FOGO ou O AMOR É UMA JORNADA, como tantos outros exemplos, podem ser encontrados em várias línguas.

Os constitutivos das metáforas conceituais são definidos, segundo Lakoff e Johnson (1980), como domínios fonte e alvo. Retomando os conceitos anteriores, na PAIXÃO É FOGO, o domínio fonte corresponde ao FOGO, enquanto o domínio meta é a PAIXÃO. Da mesma forma, na metáfora O AMOR É UMA JORNADA, o domínio fonte corresponde ao conceito de JORNADA, enquanto o domínio meta é o AMOR. Desta forma, raciocinamos sobre a paixão e o amor (que são elementos de muita complexidade) em termos de fogo e jornada (que são mais concretos) e os conhecimentos por eles evocados⁴³.

Para Kövecses (2005) a maioria das pesquisas faz com que os resultados apontem mais aos aspectos universais do fenômeno metafórico. A esse respeito, Lakoff (1992) explica que o mapeamento metafórico varia na universalidade, isto significa que é possível encontrarmos desde usos mais universais e convencionais, até usos que possuem especificidade cultural. Trata-se de um contínuo que vai do mais universal até o mais específico.

Explica Rivano (1999) que a base experiencial sublinhada na teoria de Lakoff e Johnson, em oposição ao objetivismo e subjetivismo, é bastante complexa. Segundo o autor, o conceito possui, além de uma vida construída mediante a experiência coletiva (aprendizagem, divulgação, transmissão de pessoa a pessoa, instalação pela linguagem, etc.), uma vida própria produto da experiência pessoal única de cada indivíduo. Daí que sua constituição no nível cognitivo seja resultado da união entre o coletivo e o particular. A modo de exemplo, Rivano (op.cit) menciona que, embora poucos de nós tenhamos ao longo de nossa vida alguma experiência direta de guerra, entendemos perfeitamente quando uma relação afetiva é explicada em termos bélicos (a batalha campal do amor, estratégias do casal, etc.). Isto significa que, mesmo sem ter experiências reais com a guerra, entendemos o conceito porque possui estabilidade e autonomia por si próprio, isto é, uma idealização.

⁴³ Os termos FONTE e ALVO são um recurso mnemônico de uso estendido na bibliografia sobre metáforas na perspectiva cognitiva.

Da mesma forma acontece com outros conceitos herdados pela linguagem ou por práticas sócio-culturais diversas, conceitos que a própria realidade contradiz, mas que perduram como convenções. Isto explicaria, em parte, a variabilidade ou a unidade da significação de conceitos entre falantes de uma mesma língua.

Para Kövecses (2005) o que deve ser afinado são os estudos sobre a variação metafórica, já que é nesses casos onde podem ser evidenciados traços culturais. Um exemplo que pode servir de ilustração pelo menos para levantarmos algumas questões sobre a variação metafórica em línguas diferentes, pode ser a seguinte construção metafórica: MUDAÇAS SÃO MOVIMENTOS, contida nas seguintes frases, em línguas diferentes (she went crazy; ella se volvió loca, ela ficou maluca), poderia confirmar a universalidade da construção. Entretanto, ao observarmos os verbos que acompanham as diferentes frases, temos a impressão que o mapeamento dos mesmos tomarão rumos diferentes.

Kövecses (op. cit. p. 67) afirma, também, que muitas metáforas conceituais “[...] são boas candidatas para serem metáforas universais ou, pelo menos, quase universais”⁴⁴. Também, afirma que a metáfora como objeto de estudo existe porque o pensamento manifesta-se por meio da linguagem. Dito de outra forma, a expressão lingüística metafórica permite a manifestação tangível da metáfora conceitual, e as expressões metafóricas podem ser utilizadas para atingir, pelo menos de forma hipotética, o vínculo entre os domínios que a constituem. Entretanto, a construção metafórica está longe de ser um fenômeno puramente lingüístico e de pensamento. A metáfora, além de corporal e neural, é sociocultural. Estamos ante um fenômeno multidimensional, embora a idéia de que a metáfora é ‘tudo isso’ muitas vezes não seja convincente para os membros da comunidade científica (p. 8-9).

Desta forma, seguindo a linha de Kövecses, ficamos seduzidos pela proposta de adentrarmos nos estudos sobre variação metafórica, já que é neles onde podem ser achados traços culturais. A metáfora é, para nós, um saber declarativo, um mecanismo de propagação cultural e uma arena para fazermos inferências sobre traços culturais de diferentes comunidades de fala.

Na abordagem da lingüística cognitiva, a metáfora é mais cognitiva do que cultural. Todos temos um corpo e a mesma base experiencial. Além do mais, existe uma capacidade comum para organizar a nossa estrutura conceitual. Essa capacidade é fruto dos aspectos compartilhados da cognição humana e se manifesta na linguagem. Contudo, e é isso o que discute Kövecses, essa perspectiva não consegue explicar a natureza social do pensamento

⁴⁴ [...] we saw a number of conceptual metaphors [that are good candidates for universal or at least near-universals metaphors. (Kövecses, 2005, p. 76)

porque se encontra ancorada à idéia da corporificação, idéia essa que se adapta muito bem às metáforas mais universais, enquanto deixa no vazio aquelas construções metafóricas motivadas pelas práticas socioculturais, e que são mais específicas. Em outras palavras, a construção metafórica motivada pela relação entre conteúdos sociais e mentais, permite revelar conceitos que as pessoas têm sobre um fenômeno determinado e que, a diferencia das metáforas mais universais, apresenta variabilidade.

Existe um corpo de evidências empíricas sobre a variabilidade metafórica. Para Kövecses (2006, p. 155), o momento atual da pesquisa deve apontar à detecção das dimensões dessa variabilidade, isto é, os elementos da metáfora em que acontece a variabilidade e as causas da mesma. A variação metafórica acontece em diferentes níveis e, em cada nível, ocorrem também diferentes tipos de variação. Dentre os diferentes níveis mencionados por Kövecses, (2005) além daquele correspondente a línguas diferentes, o qual tem sido o mais pesquisado quicá pela procura da universalidade, temos outro que acontece entre falantes da mesma língua.

Para cingirmos ao que interessa nesta pesquisa, mencionaremos a chamada dimensão regional, na qual os falantes da mesma língua revelam variações na elaboração de algumas metáforas. Ao respeito, Kövecses explica que no caso do inglês a variação apresenta diferentes aspectos:

A escolha de expressões que refletem a mesma metáfora conceitual pode diferir para o mesmo domínio alvo; um dialeto nacional pode influir na conceitualização metafórica de outro, e assim por diante. Por exemplo, o uso americano de expressões metafóricas para a raiva que possui um baixo nível de variação na expressão metafórica geral A RAIVA É UM FLUIDO QUENTE NUM CONTENEDOR (ou de forma mais geral, a metáfora A PESSOA COM RAIVA É UM CONTENEDOR PRESSURIZADO), *have a cow*, enquanto os britânicos utilizam *have a kittens*. As duas expressões são motivadas pela mesma metáfora conceitual, mas a expressão linguística é diferente (Kövecses, 2005, p. 94)⁴⁵.

As expressões metafóricas são, da mesma forma, um saber declarativo que pode estar baseado em experiências culturais únicas, individuais, as quais podem ser propagadas aos membros da mesma comunidade pela ação da mídia, ou aquelas que se tornam possíveis ao serem colocadas por membros prestigiosos da comunidade. Desta forma, as novas metáforas,

⁴⁵ [...] the choice of expressions reflecting the same conceptual metaphor might differ for the same target; one national dialect might influence metaphorical conceptualization in another, and so on. For example, American use of metaphorical expressions for anger that is a low-level variant of the general ANGER IS A HOT FLUID IN A CONTAINER (or even more generally, THE ANGRY PERSON IS A PRESSURIZED CONTAINER) have a cow, whereas the British use have kittens. Both expressions are motivated by the same conceptual metaphor, but the actual linguistic expressions differ (Kövecses, 2005, p. 94).

ao serem veiculadas, são apropriadas pelas pessoas e passam a formar parte de um repertório compartilhado pelo grupo no qual surgiram.

O leque aberto a partir desse conjunto de questões são subsídios indispensáveis na análise traçada. É de se esperar, portanto, que sejam observados uma variedade de traços compartilhados e específicos, sutis e evidentes, em diferentes níveis das expressões metafóricas selecionadas para esta pesquisa, e outras que surgirão de forma espontânea.

2 METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo abordaremos os argumentos de base metodológica que fundamentaram este trabalho, e apresentaremos a descrição do contexto e dos participantes. Também serão descritos os instrumentos utilizados e os procedimentos de coleta e análise de dados. No decorrer da nossa exposição, com o intuito de manter a clareza das explicações, proporcionaremos detalhes que sustentam algumas de nossas escolhas metodológicas.

2.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa qualitativa pode ser definida, em termos genéricos, como um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo e o transformam num quadro de representações. A prática derivada desse exercício científico tem transformado o papel tradicional da pesquisa como acúmulo de produtos. Na pesquisa qualitativa, pesquisador e participante atuam no processo de construção de conhecimento, o primeiro possui vozes que são escutadas, enquanto o segundo toma as decisões pertinentes às perguntas da pesquisa e direciona o processo. Ambos são agentes ativos inseridos num ambiente natural de fonte de dados.

Segundo Gergen e Gergen (2006, p. 381), a prática da pesquisa qualitativa tem permitido a “geração de um *processo* comunicativo, então um objetivo principal da pesquisa passa a ser o estabelecimento de formas produtivas de relação”. Gaskell (2004, p. 69), argumenta que o objetivo deste tipo de pesquisa não é contar fatos, mas explorar o fenômeno numa perspectiva ampla na qual possamos ter acesso às diferentes representações do fenômeno estudado.

Esta pesquisa se caracteriza por ser qualitativa na medida em que os fenômenos são interpretados e não quantificados. Consideram-se na sua elaboração os significados atribuídos pelos participantes no processo de construção de sentidos, e a ênfase é no processo, e no significado construído pelos participantes. Daí que entendamos a realidade como resultado de um processo socialmente construído, no qual o pesquisador é um agente ativo do processo.

Um dos formatos utilizados nas ciências sociais dentro do paradigma da pesquisa qualitativa é o estudo de caso. Existem várias definições para esse tipo de formato. Johnson, por exemplo, o define em termos de **unidades de análise** (1992, p. 75, grifo nosso).

Como sugere o nome, trata-se do estudo de um caso, desta forma o pesquisador centra sua atenção numa entidade que reconhece como singular. A respeito, explica Gil (1999, p. 72) que “o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado”.

Nunan (1997, p. 74. grifo do autor) diz que metodologicamente, o estudo de caso é um ‘híbrido’ que utiliza diferentes métodos de coleta de dados. Stake (1994, p. 236) argumenta que “como forma de pesquisa, o estudo de caso é definido pelo interesse em casos particulares e não pelos métodos de indagação utilizados”.⁴⁶

Entretanto, alguns autores colocam o estudo de caso em contraste com as etnografias. Para Freebody (2003, p.81), o estudo de caso, diferente da maioria das etnografias, centra-se numa instância particular. Nunan (op.cit.) explica que algumas características destas abordagens são compartilhadas na medida em que ambas tentam prover um marco sobre o que acontece num ambiente determinado, ampliando-se em alguns casos além da descrição. Desta forma, os dados apresentados permitem ao leitor tirar conclusões diferentes das que foram expostas.

Sobre as vantagens que oferece este tipo de metodologia, Nunan destaca:

- A possibilidade de generalizações.
- A representação sobre o mesmo ponto de vista.
- A possibilidade de oferecer uma base de dados material que pode ser reinterpretada em pesquisas posteriores.
- A acessibilidade ao processo de pesquisa.
- A possibilidade de uso de diferentes métodos de coleta.

(Nunan, 1997, p. 77-78).

A noção de “bounded system”⁴⁷ (sistema limitado) é crucial para entender o alcance do estudo de caso. Esta idéia explica que os limites do estudo de caso serão estabelecidos pelo próprio pesquisador considerando os limites da pesquisa. No entanto, a contextualização e a compreensão de que o caso funciona como e dentro de um sistema, permite uma visão da

⁴⁶ “As a form of research, case of study is defined by interest in individual case cases, not by de methods of inquiry used” (Skate, 1994, p. 236).

⁴⁷ Stake (1994. p. 236.) em referência às palavras de Louis Smith (1978). A idéia central da definição refere a unidade de um sistema sem obviar a totalidade à qual pertence, embora a atenção seja limitada às questões da pesquisa.

complexidade da instância de estudo. Johnson (1992), ao fazer menção desta definição, propõe que a mesma implica em um estudo naturalista, o que significaria que os dados são retirados da observação em estado e ambientes naturais. O mesmo autor, no entanto, faz uma ressalva quando expõe que esta metodologia é flexível o suficiente para permitir que os dados provenham do uso de técnicas de elicitação.

Stake (1994, p. 237 - 238) propõe algumas categorias heurísticas para o estudo de caso: intrínseco, instrumental e coletivo. Para Freebody (2003), os estudos de caso podem ser exploratórios, explicativos e descritivos. A eleição de uma ou outra dependerá, em qualquer caso, dos objetivos da pesquisa. Segundo Johnson, (1992) um estudo de caso descritivo se centra na descrição do fenômeno e pode ser de curta duração.

A escolha de estudo de caso descritivo como tipo de pesquisa para este trabalho justifica-se pela utilização de um número limitado de participantes; pela atenção em unidades de análise também limitadas; pelo uso de técnicas de elicitação no processo de construção dos dados a serem analisados; pela atenção à perspectiva dos sujeitos como suporte para a análise; e pelo processo heurístico que acompanha o percurso da pesquisa. Mas também porque, na perspectiva de estudarmos unidade/diversidade lingüístico/cultural de falantes de língua espanhola, escolhemos um grupo de legítimos representantes desta língua/cultura para mostrarmos um modelo diagnóstico sobre como se apresentam esses elementos.

2.2 Os participantes e o contexto

As pessoas que participaram desta pesquisa são adultos, entre 30 e 40 anos, hispano-falantes que moram no Brasil, especificamente, na cidade de Brasília. Os motivos pelos quais encontram-se num país estrangeiro são variados (trabalho, família ou simples escolha).

Nesta pesquisa convencionamos em chamar nossos colaboradores S1, S2, S3, S4. É claro que esta escolha permite a preservação da identidade dos mesmos. A continuação apresentamos algumas características gerais porque consideramos que podem ser importantes para que o leitor tenha uma visão mais clara dos dados e das informações proporcionadas nos instrumentos. O tempo de permanência no Brasil, em todos os casos é menor do que quatro anos, mas alguns deles tiveram permanência prolongada em outros países. Entretanto, é importante esclarecer que a análise não levou em conta variáveis como sexo, idade, área de instrução e nível socioeconômico.

Denominação	Idade	Sexo	Nacionalidade	Cidade Natal	Permanência no Brasil
S1	42	M	Espanhol	Almeria	10 meses
S2	48	F	Colômbia	Boyacá	3 anos
S3	49	F	Venezuelana	Ciudad Bolívar	1 ano e 8 meses
S4	31	M	Espanhol	Madrid	2 meses

Lembremos também que a seleção dos participantes foi feita considerando a divisão do espanhol em áreas geolectais (Moreno, 2000). Desta forma, de acordo à nacionalidade, a distribuição seria: S1 área andaluza; S2 área andina; S3 área caribenha; S4 área castelhana.

Nossos participantes conformam um grupo heterogêneo, isto é, cada um deles possui uma história de vida que faz deles indivíduos particulares. Tal particularidade se vê refletida em muitos aspectos: nas pautas de comportamento, gostos e preferências, no plano das idéias e nas escolhas lingüísticas. Dentro de tal heterogeneidade, no entanto, focamos um grupo que compartilha a mesma língua, o espanhol, como língua materna. Este elemento é de muita importância para os objetivos de nossa pesquisa, já que se parte do pressuposto de que entre eles existe uma ampla porção de elementos compartilhados só pelo fato de falarem a mesma língua. Esses elementos abrangem não só questões da língua, mas também outras quicá mais sutis, o menos evidentes do que o código lingüístico.

Outro elemento considerado nesta pesquisa para a escolha dos participantes foi o nível de formação. Todos eles possuem formação em nível superior, escolha que obedece ao fato de querermos garantir um socioleto alto, isto é, um domínio do chamado registro culto. (Moreno, 2000, p. 51).

Por outro lado, trabalhos como este recorrem, necessariamente, à idéia da delimitação da língua em áreas geográficas. Das oito áreas geolectais reconhecidas nos estudos sobre as variantes do espanhol, foram escolhidas pessoas que, pela sua origem, pertenciam a algumas delas. Lembremos, como já foi mencionado neste trabalho, que essa divisão deriva da consideração de elementos lingüísticos característicos das diferentes comunidades de falantes de espanhol (traços fonéticos, gramaticais e aspectos léxicos), selecionados a partir de usos urbanos e cultos. (Moreno, op.cit. p. 38).

Dentre as diferentes áreas, os participantes pertencem às seguintes: caribenha, andina, castelhana e andaluza. Isso significa que temos dois membros do chamado espanhol da América e outros dois do peninsular. A opção por esse grupo de pessoas se justifica, então, por consideramo-lo legítimos representantes de suas respectivas comunidades.

Antes da escolha definitiva dos participantes, sondamos algumas pessoas que tinham o perfil que precisávamos. Desde o início, tínhamos claro que a disposição a colaborar era indispensável, por isso, tentamos não insistir demasiado para evitar comprometer às pessoas. Aqueles que participaram, o fizeram de forma voluntária, contando com nosso compromisso de manter o sigilo das informações.

Finalmente, queremos agregar que partimos do princípio de que todos e cada um de nós somos transmissores da cultura da qual formamos parte. Mesmo que na maioria das vezes o façamos de forma inconsciente, transmitir cultura é parte inevitável de nosso processo de interação com os outros. Somos membros autênticos de uma cultura, e na ação somos testemunhas e atores dela.

2.3 Procedimentos e instrumentos de coleta de dados e de análise

2.3.1 Técnicas de Elicitação

As técnicas de elicitação são formas muito utilizadas nas pesquisas das ciências sociais. O seu uso sustenta-se no fato de que não podemos esperar que os participantes estejam *per se* dispostos a tratar os tópicos que o pesquisador procura. Daí que o pesquisador precise, para superar esse obstáculo e orientar à ação, de algum tipo de material de estímulo.

Na Linguística Aplicada, a linguagem é o substrato material por excelência do qual extraímos os dados que constroem nosso objeto de pesquisa (LEHMANN, 2004). Esses dados possuem como características essenciais o caráter semiótico e a volatilidade. Por isso que para serem analisados precisam de registro (gravação de áudio). Entretanto, a análise dos dados registrados deverá estar suportada por um processo prévio de observação, para garantir o levantamento de elementos chaves que fogem pela atemporalidade e limitações próprias do formato de registro utilizado. Segundo Flick (2004, p. 147), “além das competências de fala e escuta, empregadas nas entrevistas, a observação é outra habilidade diária metodologicamente sistematizada e aplicada na pesquisa qualitativa”. Seguindo a categorização do autor, a nossa observação dos fenômenos foi natural, participante e não sistemática.

Existe um grande número de técnicas de elicitação. Os formatos variam desde desenhos ou fotografias até textos escritos, sejam questionários ou entrevistas. Esses estímulos são apresentados para gerar, de forma propositada, respostas sobre um tema previamente definido.

Em resposta às particularidades deste trabalho, utilizamos como técnicas de elicitação questionários e entrevistas. A seguir, serão desenvolvidos alguns pontos sobre esses instrumentos.

2.3.2 O questionário

O questionário de itens abertos é caracterizado, segundo Nunan (1992), como aquele no qual o próprio sujeito decide o quê e como dizer. Embora no outro extremo existam os questionários fechados, um questionário pode ter uma mistura de elementos de ambos os tipos.

No caso da nossa pesquisa, o questionário é do tipo misto e tem como objetivos: 1) obter informação pessoal sobre os participantes; 2) familiarizar o participante com o tema da pesquisa; 3) obter informações específicas que servirão para encaminhar as entrevistas.

Seguindo as idéias de Marconi & Lakatos (2001), os que responderam ao questionário foram depois entrevistados com auxílio de um roteiro de entrevista para conseguir o cruzamento das informações.

2.3.3 Elaboração do questionário

A elaboração do questionário passou por várias fases. Num primeiro momento pensamos que seria útil para a obtenção de informações, mas foi depois de nos aprofundarmos em questões teóricas que soubemos do seu verdadeiro potencial. O nível de abstração e abrangência das nossas unidades de análise requer de um ponto de partida, e esse ponto de partida foi o próprio questionário. Desta forma, além de proporcionar informações, o questionário passou a ser considerado o roteiro da nossa entrevista, e as respostas colocadas pelos participantes foram na maioria das vezes a desculpa para muitas das perguntas colocadas na entrevista.

Para elaborarmos o questionário, mantivemos o foco nas unidades de análise. Primeiro, pedimos alguma informação pessoal, dentre as quais estava a origem do participante. Esse dado devia ser acompanhado de referências sobre os lugares onde tinha morado para garantir não só a origem lingüística, mas a potencialidade de representação dos aspectos da mesma.

Na primeira questão se faz um jogo de associação livre. Além de antecipar o tom do questionário, serviu para que na entrevista entrássemos no tema sem dificuldade. O resto do questionário foi dividido em três partes formuladas de maneira propositada para atingir a

nossas unidades de análise, começando pelos *frames*, passando pelos roteiros culturais e finalizando nas metáforas.

Para os *frames*, escolhemos um grupo de palavras de forma aleatória. Para os roteiros, apresentamos vários diálogos e fizemos algumas perguntas sobre eles. Também demos a opção para que eles elaborassem diálogos alternativos. Finalmente, colocamos algumas expressões metafóricas em forma de construções idiomáticas e solicitamos que nos informassem se as conheciam e se as utilizavam.

A aleatoriedade dos itens do questionário foi um risco que decidimos correr. Para comprovarmos a utilidade dessas escolhas para nossos objetivos, pedimos a uma pessoa que não formou parte do grupo de participantes, que o respondesse na presença da pesquisadora para comprovar a clareza das questões. Imediatamente depois, ensaiamos uma entrevista com esta pessoa e testamos assim a utilidade do instrumento. Além disso, como veremos nas conclusões e considerações finais, desta pesquisa se projetam propostas mais específicas. Desta forma entendemos a aleatoriedade como um passo necessário para o desenvolvimento futuro do tema.

Uma vez elaborado o questionário, enviamos-lo via e-mail aos participantes. No texto que acompanhava o questionário anexo, pedia-se que ficassem à vontade para qualquer tipo de esclarecimento. Não obstante, nenhum deles pediu mais explicações do que as proporcionadas. Solicitamos também que reenviassem pela mesma via o instrumento respondido e, assim que os recebemos, procedemos a revisá-los e a marcar as datas dos encontros para as entrevistas.

2.3.4 A entrevista

Para Rosa e Arnoldi (2006. p. 38), a entrevista é uma “construção comunicativa de um simples registro de discursos dos entrevistados” a qual possui traços que lhe são próprios, surge de forma espontânea e vem dada em resposta à situação com a presença de interlocutores (entrevistador/ entrevistado) numa relação dialógica. Entretanto, o estudo de um fenômeno complexo, o que é característico na pesquisa das ciências sociais, perder-se-ia ao estar condensado num simples registro.

A linguagem é interação, e a conversação é uma atividade dinâmica, semântica, um processo de produção de sentidos que possui características estruturais e convenções que lhe são próprias e que estão determinadas pelo contexto sociocultural no qual se insere. Por serem as estratégias comunicativas o foco do nosso trabalho, consideramos as entrevistas além das

freqüentes dicotomias, pergunta/resposta, entrevistador/entrevistado, e as entendemos como espaço de interação por excelência.

Marcuschi (1998 *apud* Paiva, 2004) refere-se à conversação como “interação verbal” em termos abrangentes, embora alguns autores coloquem como condição a simetria de direitos e a espontaneidade do evento.

[...]é sugestivo, por tanto, conceber a conversação como algo mais do que um simples fenômeno de uso da linguagem em que ativa o código. Ela é o exercício prático das potencialidades cognitivas do ser humano em suas relações interpessoais, tornando-se assim um dos melhores testes para a organização e funcionamento da cognição na complexa atividade da comunicação humana. Neste contexto a língua é um dos tantos investimentos mais não o único, o que permite uma análise de múltiplos fenômenos em seu entrecruzamento (Marcuschi, 1998, p. 6, *apud*, Paiva p .70)

Silveira, ao tratar o tema, define as entrevistas como:

[...]eventos discursivos complexos, forjados não só pela dupla entrevistador/entrevistado, mas também pelas imagens, representações, expectativas que circulam – de parte a parte – no momento e situação de realização das mesmas e, posteriormente, de sua escuta e análise (Silveira, 2002, p. 120).

A colocação dos autores permite pensarmos a entrevista em termos de evento comunicativo. Isto implica um espaço de interação que fornecerá os dados a serem analisados para os propósitos da pesquisa. Por uma parte, o fato de estabelecermos certos tópicos não a faz artificial nem retira a espontaneidade. Por outra, o fato de que o entrevistador apresente características similares ao grupo, por ter o espanhol como língua materna e morar no Brasil, atenuam o elemento de assimetria. Podemos mencionar, neste sentido, que os temas das conversas pertencem ao cotidiano dos entrevistados, assemelham-se na sua realidade e na situação de entrevista enquanto o entrevistador atua como mediador da interação.

Na exposição que faz Silveira sobre diferentes perspectivas da entrevista, vemos como na chamada “perspectiva da interação”⁴⁸, a entrevista e a análise da mesma não podem estar isoladas da situação de interação como mecanismo para evitar a subjetividade. A subjetividade já não é mais vista como uma ameaça à validade do estudo: [...] “à nossa condição de sujeitos culturalmente constituídos, circunstancialmente situados, quer como entrevistadores, quer como entrevistados, podemos refletir sobre outras questões que não fidedignidade, imparcialidade, exatidão e autenticidade” (Silveira, *op.cit.* p. 125).

⁴⁸ Silveira (2002) faz menção à oposição que faz Alasuutari (1995) às entrevistas nas ciências humanas. A dicotomia contempla: perspectiva fatista e a da interação. (Silveira, 2002. p.123)

2.3.5 A entrevista semi-estruturada

Segundo Nunan (1992 p. 149) na entrevista semi-estruturada o entrevistador possui uma idéia geral do direcionamento que deverá seguir o encontro, o que deveria sair, sem uma bateria específica de perguntas. O que orienta o processo são tópicos ou elementos que guiam o encontro.

A vantagem deste tipo de ferramenta é a possibilidade de direcionar o encontro sem submeter ao entrevistador a pressões desnecessárias por ser flexível. Igualmente, o tipo de dado proporcionado é mais profundo, daí que o entrevistador tenha um acesso privilegiado aos pensamentos do interlocutor (Nunan, p. 150). Sobre este ponto, Rosa & Arnoldi (2007, p. 30 – 31) explicam que na entrevista semi-estruturada as questões deverão permitir que o participante “discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre o tema apresentado”.

Nós optamos pela entrevista semi-estruturada em profundidade porque esta permite que o entrevistado proporcione respostas mais espontâneas, sem que o pesquisador perca seus objetivos. Daí que a entrevista foi útil para esclarecer e aprofundar questões relacionadas aos esquemas de categorização, às relações conceituais e às elaborações de tipo performático. Informações fundamentais para termos acesso a como eles constroem seus mundos subjetivos, mediados pelas práticas individuais e socioculturais.

2.3.5 Desenvolvimento das entrevistas

A entrevista estabeleceu-se como um diálogo. Existia um elemento concreto e comum entre pesquisador e participante, o questionário. Isso ajudou a eliminar qualquer vestígio de ansiedade e proporcionou espontaneidade ao encontro.

Como já foi mencionado, o roteiro da entrevista foi a própria estrutura do questionário. Nos encontros começamos sem entrar em muitos detalhes com os participantes, só os cumprimentos de costume e alguns comentários sobre assuntos gerais e o anúncio de que seriam gravados, ante o que todos concordaram.

As entrevistas foram conduzidas como uma conversa, focada nos tópicos específicos, mas dando liberdade para a inclusão de reflexões trazidas por eles. Essas digressões, entretanto, não atrapalharam a retomada dos tópicos.

Os encontros duraram perto de uma hora. A parada do aparelho de gravação significou a finalização da entrevista. Logo depois, continuamos a conversar mais uns minutos. Acabado o encontro, agradecemos a colaboração prestada.

As entrevistas foram realizadas em espaços sugeridos pelos participantes. No caso de S1, S2, S3, o encontro aconteceu em um café da área. S4 pediu para que o encontro se realizasse numa sala de reuniões no seu local de trabalho. Todos os ambientes foram agradáveis e livres de barulhos que atrapalhassem a gravação.

Ao finalizar cada entrevista, fizemos a transcrição. Segundo Szymanski (2004, p. 7) a fala do entrevistado deve ser registrada de forma tal como ela se deu. O processo de transcrição foi o primeiro momento de análise. Já nesse momento percebemos que tínhamos material suficiente para análise, pelo qual não contemplamos a possibilidade de outros encontros com os participantes, embora eles tivessem mostrado disposição para isso.

A análise dos registros obtidos através das entrevistas foi feita segundo a análise de conteúdo qualitativa. Trata-se de um método muito comum na análise de textos desenvolvido dentro das ciências sociais que, segundo menciona Weber (1985, *apud*, Bauer e Gaskell, 2004, p. 192) “é uma metodologia de pesquisa que utiliza um conjunto de procedimentos para produzir inferências válidas de um texto. Essas inferências são sobre os emissores, a própria mensagem, ou a audiência da mensagem”. A respeito, Bauer (2004, p. 191) argumenta que este procedimento “traça um meio caminho entre a leitura singular verídica e o ‘vale tudo’”, daí que permita “reconstruir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades” (2004, p. 192). Esta questão aponta diretamente sobre os objetivos deste trabalho.

2.4 As categorias de análise de dados

Dado é uma representação de caráter semiótico de um objeto epistêmico. Nosso objeto epistêmico são os enunciados orais concebidos como eventos comunicativos em sua complexidade constitutiva (Lehmann, 2006). A análise desses dados é precedida de um processo de codificação e classificação dos materiais que, segundo Bauer,

(...) é uma tarefa de construção que carrega consigo a teoria e o material de pesquisa.
(...) Um referencial de codificação é um modo sistemático de comparação. Ele é um conjunto de questões (códigos) com o qual o codificador trata os materiais e do qual o codificador consegue respostas, dentro de um conjunto predefinido de alternativas (valores de codificação) (Bauer, 2004, p. 199).

Neste trabalho, o critério para análise de dados esteve baseado na apresentação das diferentes unidades de análise discutidas na fundamentação teórica. Cada uma constitui uma matriz de representação dos dados. A primeira corresponde aos roteiros

culturais, a segunda aos *frames*, e a terceira às metáforas conceituais. Cada uma delas, por sua parte, proporciona detalhes específicos das elaborações feitas pelos participantes e oferece, no conjunto, uma perspectiva dialógica.

Em lugar de se seguir a ordem de apresentação dos tópicos no questionário e nas entrevistas, consideramos que, por serem os *frames* e as metáforas conceituais abordagens altamente vinculadas, seria conveniente colocá-los em continuidade, primeiro os *frames* (unidade menor) e depois as metáforas (unidade maior). Lembremos que Kövecses (2005, 2006) define as metáforas como mapeamentos entre *frames*, e que os traços culturais, tanto dos *frames* quanto das metáforas, se observam num nível semântico de significação. Nos roteiros culturais, esses elementos culturais possuem substrato na conduta.

Uma constante na apresentação é que primeiro se coloca a interpretação e embaixo se exemplifica com os trechos das falas dos participantes nas entrevistas e, em alguns, com elementos do questionário. Quando se faz referência à entrevista colocamos depois da fala, as(s) linhas(s) correspondentes ao(s) trecho(s) das entrevistas e, no caso de que a informação seja do questionário, é especificado com Q.

Na explicação do elemento colocamos a referência inicial dos participantes, que foram denominados com números acompanhados de S (S1, S2, S3, S4). Depois, na colocação da fala, também se especifica a qual dos participantes corresponde.

A apresentação de nossas unidades possui também tem uma estrutura interna que será especificada por separado posteriormente.

2.4.1 FRAMES

A análise dos *frames* foi realizada a partir da seguinte estrutura:

1. Analisamos o *frame* associado com CULTURA e sugerimos algumas explicações.
2. Apresentamos uma visão geral sobre como foram construídas as totalidades dos *frames* retomando referências gerais para dar uma panorâmica do processo de representação, sublinhando as fontes que o alimentam.
3. Analisamos separadamente cada um dos *frames* apresentados nos questionário e os apresentamos de acordo com critérios de relação que surgiram de uma primeira revisão.
4. Elaboramos uma série de comparações de acordo com diferentes critérios também surgidos da própria análise: *frames* mais ou menos regulares, redes de categorização

que apresentam maior permeabilidade de elementos culturais e menção aos estereótipos.

2.4.2 Metáforas Conceituais

O formato utilizado para a apresentação e análise das metáforas conceituais é constituído de três partes. Cada uma dessas fases corresponde a um tipo de leitura, tanto pelo formato, quanto pela ênfase que se dá. Esse percurso foi inspirado nos trabalhos de Lakoff e Johnson (1986), Rivano (1999), e Kövecses (2005, 2006).

Visando obter uma idéia geral das informações sobre as construções metafóricas, primeiramente construímos uma tabela que preenchemos com os dados obtidos tanto das entrevistas quanto dos questionários. No campo vertical, registramos o material lingüístico recolhendo a frase apresentada no questionário.

O campo horizontal foi dividido segundo os seguintes critérios que explicaremos a continuação:

Conhece: A importância deste critério se relaciona com a propriedade de propagação da construção metafórica. Entendemos que uma metáfora pode existir num tempo/espaco restringido. A falta de familiaridade com a expressão prevê a dificuldade ou impossibilidade de expressar qualquer significação ou anuncia uma possibilidade de deformação do conceito original. Não acontece a conexão neuronal e por isso aparece um vazio de sentido, ou um sentido adulterado.

Utiliza: Complementando o critério do conhecimento, o uso pode ser um indicador da metáfora divulgada e aprendida. Desta forma, a utilização da expressão pressupõe familiaridade. Quanto mais familiaridade maior possibilidade de elaborar sentidos.

Explica: O conceito é herdado como um todo estruturado, o que possibilita que o participante ofereça elaborações mentais produzidas ante a presença do estímulo (expressão idiomática). Aqui são recolhidas as explicações que eles proporcionaram às frases. Em muitos casos, essas explicações aparecem na forma de novas construções metafóricas que corroboram ou contradizem a construção original. Também neste campo, se recolhem menções expressas ao tópico do qual é originária a frase. As frases são colocadas em cursiva. No caso de adulteração do sentido, a menção é feita nos comentários, reservando este espaço para as construções que são coerentes com o sentido original da expressão.

Literalidade: São registrados os apelos à literalidade que os participantes utilizam para explicar a frase ou partes dela. Esta é uma estratégia utilizada pelo participante para cobrir o vazio de sentido.

Construções e domínios: É o primeiro passo para reconstruir a metáfora subjacente à expressão. É o nome que damos ao conceito ou à relação conceitual dos elementos da frase, baseado no conhecimento tácito que possuímos da linguagem, das frases e da primeira leitura dos dados. Aqui são identificados os domínios, seguindo as convenções, em fonte e alvo, e colocamos, também numa primeira tentativa, as variações mais evidentes observadas nos diferentes domínios.

Também são incluídas as construções que, no mesmo suporte, originam-se das frases alternativas expressadas pelos participantes.

Comentários: São incluídas referências sobre adulteração de sentido.

Num segundo momento, voltamos à reconstrução da metáfora subjacente à expressão original. Trata-se de uma espécie de tradução para verificar que domínios são utilizados para explicar outros.

Nesta segunda leitura dos dados, nos apoiamos novamente em nosso conhecimento sobre a linguagem e em nossos próprios conceitos que dialogam com as falas dos participantes. Desta forma, agrupamos as expressões que apresentam correlatos nas mesmas construções metafóricas, encabeçadas pelos conceitos mais básicos que oferecem o marco para derivar elementos mais específicos extraídos do *verbatim* dos participantes.

As correspondências entre os diferentes domínios seguem a nomenclatura convencional: vão escritos em maiúsculas e cada parte representa um domínio: fonte e alvo.

O domínio fonte é o mais concreto e o alvo é o mais abstrato. O domínio alvo importa a estrutura do domínio fonte, ou dito de outra forma, a fonte estrutura o alvo. A relação conceitual recebe, desta forma, um nome no qual se identifica a relação dos conceitos.

Em alguns casos, partimos e ficamos na cena básica, em outros, dependendo dos elementos proporcionados nas falas, podemos sair da cena básica e derivar elementos mais específicos.

Finalmente, derivado dos passos anteriores, num terceiro e último momento de leitura, apresentamos os exemplos mais significativos e revelamos as marcas de unidade e diversidade desta categoria, , partindo desta vez da frase, e suportados nas falas individuais desta vez referenciadas.

2.4.3 Roteiros Culturais

A análise dos roteiros conta com a seguinte estrutura:

Os roteiros culturais analisados foram resumidos a duas ações diferentes: negar e elogiar. Ao apresentarmos os modelos de cada uma dessas situações, os participantes construíram uma série de argumentações e, em alguns casos, além de valorar, propuseram alternativas aos mesmos ou deram pistas para a construção dos seus próprios roteiros. Negar e elogiar são, entretanto, ações dialógicas. Dito de outro modo, a negação se faz sobre alguma coisa (neste caso, um pedido) e a resposta ao elogio acontece como consequência de uma ação prévia, o ato de elogiar.

No caso da negação, as falas dos participantes referem-se a duas ações, o pedido e a resposta ao pedido, já que observamos que os discursos sobre as duas ações proporcionam informações relevantes. Por isso, em lugar de analisar e interpretar somente a negação, julgamos conveniente nos deter também nas considerações sobre o pedido.

No segundo roteiro, o elogio, as informações, em sua maioria, referiam-se às respostas apresentadas para esse ato exemplificado em duas situações diferentes. Dessa forma, a análise e interpretação correspondem, fundamentalmente, às apreciações sobre as respostas aos elogios.

2.5 Triangulação

Segundo Bauer e Gaskell (2004, p.483) uma forma de assegurar a confiabilidade e a validade de uma pesquisa é a triangulação de perspectivas e métodos teóricos. Neste sentido, tomamos em conta dois elementos fundamentais. Primeiro, os dados provém de várias origens (questionários e entrevista) e segundo, o corpo desta pesquisa é baseado em três modelos teóricos (*frames*, metáforas conceituais e roteiros culturais) que ofereceram uma perspectiva multifocal dos fenômenos estudados.

Bauer e Gaskell (op.cit. p. 483) ainda acrescentam que “a aproximação do problema a partir de duas perspectivas ou com dois métodos irá, inevitavelmente, levar a inconsistência e contradições”. Contudo, estas divergências são um sinal de que o pesquisador deverá seguir com atenção para valorar sua origem e a interpretação que está sendo produzida. Para os autores citados, a confiabilidade na pesquisa qualitativa é indicada por: “a) triangulação e compreensão reflexiva através de inconsistências; b) pela clareza nos procedimentos; c) pela construção do corpus e d) pela descrição detalhada” (p. 482). Desta forma, as inconsistências

podem chegar a revelar que os fenômenos sociais se apresentam diferentes na medida em que são abordados de diferentes perspectivas.

3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

3.1 Análise dos *frames*:

Análise do *frame* associado com CULTURA

As respostas dos participantes em relação à CULTURA permitem a seguinte leitura.

Em todos os casos, os participantes explicam suas preferências sugerindo espaços físicos restringidos, seja pelo caráter nacional, regional ou familiar.

“(...) yo soy de una aldea pequeña ... entonces, para mí, mi entorno es el campo”. (S1: 9-10)

“(...) fue lo que aprendí de mis padres / Barraquera porque es una característica de los colombianos”. (S2: 6/9)

“(...) se usan mucho en el lenguaje cotidiano. Yo soy de Ciudad Bolívar, oriente del país”. (S3: 3-4)

“Yo lo limité a España, la cultura más española castellana” (S4: 2).

Essa tendência poderia ser explicada como zona de conforto (falo do que sei, do que conheço) o como um sinal de que eles entendem que essa cultura se limita a um território particular. É interessante que neste item nenhum deles referiu-se à totalidade hispânica, embora, pelo fato de serem estrangeiros, seria de se esperar alguma menção.

S2 e S3 optam pelo uso da metonímia: O MEMBRO PELA TOTALIDAD DA CATEGORÍA.

Nas falas dos participantes são mencionados valores. Em alguns casos isto aparece de forma explícita, e em outros, só é sugerido.

“(...) recuerdo mucho a la familia, a los amigos desde que soy pequeño/ Allá vivimos con los mayores, no los dejamos solos” (S1: 3-4/13)

“libertad porque me encanta ser libre/(...) paz porque es lo que todo el mundo añora/(...) somos muy arraigados a las tradiciones, a las costumbres, a la familia” (S2: 9-10/21-22)

“Yo creo que nuestro lenguaje es cariñoso” (S3:13)

“(...) alegría porque allí siempre se están celebrando fiestas (...) que es una sociedad muy alegre” (S3:3-4)

S1 e S4 coincidem nas referências das festas nacionais e mencionam um *outro* europeu que compara ou com quem se é comparado. Ambos participantes são espanhóis e viveram em outros países da Europa antes de virem ao Brasil.

“Digamos que periódicamente hay un tipo de fiesta” (S1: 7)

(...) Cuando vivía en Londres no entendía como los padres, los abuelos, los mayores vivían solos... yo viví con mi abuela. Allá vivimos con los mayores, no los dejamos solos” (S1: 11-13)

“(...) en Polonia siempre me decían lo de la fiesta, la alegría, que siempre estamos de risa y esas cosas” (S4: 18-20)

Para S1, o traço a partir do qual se estabelece diferença é visto como positivo, enquanto que para S4 a distinção é expressa como negativa, embora que de forma atenuada.

“Sí, si, como de alegría... pero es un poco negativo” (S4: 22)

Observe-se também, neste último caso, a elaboração metafórica que acompanha a fala.

“(...) fuera de España se ve eso, como una pandereta de Europa” (S4: 20)

S1 e S4 coincidem na menção de FESTA como aspecto característico da cultura à qual pertencem, e as idéias de tradição e tolerância surgem como elementos na elaboração do *frame*.

“(...) cuando hablo de fiesta (...) a la fiesta típica de mi región” (S1: 7)

“(...) pero están las Fallas también, San Fermín... son fiestas populares” (S4: 9)

“(…) digamos que de un espíritu abierto en todos los sentidos (…) Digamos que las fiestas podrían ser una especie de tubo de escape. Hoy en día no, pero siguen siendo un espacio de tolerancia en muchos sentidos. Cosas que a lo mejor no se pueden tolerar fuera de la fiesta (…) se puede tolerar en las fiestas (…) cosas que fuera de la fiesta no se tolerarían” (S1: 18-25)

En España no te exigen mucho. Que tu no vas a Alemania o a otros países para hacer el bestia, y a España que si que vas, porque la gente también acompaña, permite (…) uno va a otro país y si le miran mal uno normalmente se corta... pero en España se tolera (…) en otros lugares no puedes tirar tomates, en España te dejan” (S4: 23-32)

Tanto na seleção dos termos do questionário quanto na entrevista, S2 coloca aspectos que remetem temas de conflito na Colômbia. Tais observações tomam a forma de expressão de desejos.

“(…) libertad porque me encanta ser libre para hacer las cosas (…) paz porque es lo que todo el mundo añora en la vida” (S2: 3/9-10)

A participante também faz referência direta a questões que, segundo ela, definem a forma de ser dos Colombianos.

“Berraquera porque es una característica de los colombianos (…) somos muy arraigados a las costumbres, a las tradiciones, a la familia, y sobre todo a lo que se lucha” (S2:9/21-22)

O termo “barraquera” é explicado para dar conta de uma espécie de ânimo particular na hora de fazer as coisas. Desta forma, vemos como certo tipo de ações são valorizadas pela energia que se deseja investir ou que é investida.

Para S3, a caracterização cultural dos venezuelanos encontra um subsídio importante na linguagem. Em outras palavras, a linguagem é vista como traço cultural peculiar. Essa idéia é desenvolvida através de uma explicação na qual são atribuídas às palavras e as frases um sentido particular (carinho) e uma forma de interpretar questões como tempo e espaço.

“(...) todo para nosotros es ahí mismito” (5-6)

“Todo es ratico, ratito... nosotros minimizamos mucho... mi amorcito, corazoncito...” (9-10)

“Yo creo que nuestro lenguaje es cariñoso” (13)

“Pendejo, en Venezuela la usamos mucho” (22-23)

“(...) y vaina es lo más usado en nuestro país” (47-48)

Visão geral sobre as totalidades dos *frames*.

Em termos gerais, podemos dizer que os *frames* são construídos:

Por aquilo que se diz.

Para nosotros todo es ahí mismito (S3)

Pelo que se faz.

Las personas no te ubican en un tiempo, en un espacio (S3)

Pasión por la barraquera que le pongo a las cosas (S2)

Las fiestas típicas (S1/S4)

Pelo que se deseja.

Es lo que todo el mundo añora (S2)

Pelas convenções estabelecidas pelo grupo.

Un espacio de tolerancia (S1)

Pelas construções feitas ou atribuídas a um outro.

Fuera de España esto se ve como una pandereta de Europa (S4)

Um outro que pode pertencer ao grupo ou não.

Es algo que nuestro papá nos enseñaba (S2)

Em alguns casos esse outro ocupa um lugar relevante dentro do grupo, pode tratar-se de uma figura de autoridade.

Después de que un gran escritor, novelista, Arturo Usler Pietro la usó en uno de esos programas culturales (S3)

Análise de conceitos: MAR, INVIERNO, VINO, MAMITA, CHÉVERE, FÚTBOL, BEISBOL, TOROS, REY.

Das respostas dadas ao segundo item do questionário realizamos uma análise baseada nesses dados e naqueles surgidos nos esclarecimentos durante as entrevistas.

Segundo Köveses (2006), dentro de uma língua existem palavras que possuem uma carga cultural específica. No conjunto de termos escolhidos para este trabalho, alguns proporcionam informações mais previsíveis, enquanto outros parecem revelar uma carga cultural mais acentuada. O critério para a apresentação dos resultados consiste na colocação, num primeiro momento, daqueles termos que uma vez analisados pareceram mais transparentes, reservando os últimos lugares àqueles que proporcionaram maior número de informações, ou informações que mereceram maior atenção.

Há termos que, por sua própria natureza encontram-se relacionados, é o caso das menções aos deportes (futebol e baseball), e outros que, após uma leitura mais profunda, dão a impressão de possuir certa afinidade. Esse foi outro dos critérios na escolha deste roteiro de apresentação: o vínculo, evidenciado pela análise, fundamentado nos objetivos da pesquisa.

MAR

Observamos que a palavra MAR apresenta, na maioria dos casos, uma conceitualização bastante estável. Podemos dividir o conjunto de associações em dois grupos. Um deles reúne elementos físicos relativos ao ambiente praia, e o outro faz referência ao lazer.

A única elaboração que escapa desses conceitos foi feita por S4, que nas respostas manifesta um sentido particular da experiência.

“Miedo, porque a mi me da miedo, porque en Ávila no hay mar y entonces, cuando voy a algún sitio con mar, me da un poco de respeto”
(S4:39-40)

INVIERNO

Observamos que a idéia prototípica para INVIERNO é o FRÍO. Há também uma grande quantidade de referências sensoriais.

S2 menciona elementos mais subjetivos derivados da comparação espontânea entre frio e calor. Uma reflexão pessoal sobre como varia seu temperamento dependendo da temperatura; o que não deixa de ser sensorial.

“Es una paz, una tranquilidad... me encanta el frío, me da más seguridad, es como si fuera un temperamento más fuerte (...) me gusta, es fuerza, el calor es débil” (S2: 48-50)

S1, S2 e S4 fazem menção a lugares onde tiveram experiências prolongadas com baixas temperaturas.

“(...) soy de un pueblo de la sierra” (S1: 67)

“(...) yo vengo de una ciudad donde hace frío” (S2:49)

“(...) yo los he vivido en Polonia, allí hace mucho frío y nieve”

(S4: 93)

VINO

Na representação conceitual de VINO, verificamos uma menção recorrente sobre propriedades físicas da substância, com forte substrato sensorial (gosto, cor, sabor).

Outras categorias de menor peso frisam os efeitos (relaxar, vida feliz).

No caso de S1, a referência contextual permite entender que sua representação está motivada pela história pessoal.

“Mi padre hacía vino, yo lo ayudaba a mi padre a hacer vino. Para mí el vino... en mi casa no se puede cenar sin vino” (S1: 53-54)

Observamos, no entanto, que inclusive no caso de S1, a idéia mais prototípica de vinho é a substância, a bebida.

MAMITA

MAMITA apresenta duas linhas claras de conceitos. A primeira, mencionada por todos os participantes, faz referência fundamentalmente aos afetos e à figura materna. Observe-se que S1 conceitualiza afeto em termos de calor.

“Yo no uso mamita, digo madre, pero sí me trae esa idea a la cabeza, casa, hogar, cariñitos, calentito” (S1: 64/65)

“Protección, mi madre... cariño” (S2: 46)

Gente querida, madre muy querida (cuestionario)/ “(...) pero también cariño” (S3:86)

“es una expresión de cariño (...) hacia la madre” (S4:90)

A outra direção que toma o *frame* é exclusiva de S3. Para esse participante, o termo pode referir-se a um outro, além da mãe, sem perder o elemento afetivo.

“También una expresión que usamos los venezolanos, de gente querida” (S3:83)

Pode vir vazia de afeto.

“(...) para referirse, para llamarnos entre sí... usamos mucho todos esos términos para referirnos...”.
(S3:83)

Pode ter, inclusive, uma conotação sexual.

“(...) una mujer que está muy bien, buenota”. (S3: 85-86)

CHÉVERE

Todos os participantes referem-se à idéia de alguma coisa positiva. S1, S2 e S3, e procuram correlatos em outras palavras ou construções. Para S4, em contraste com os outros, o sentido é proporcionado pela idéia de um outro que faz uso da palavra.

“(...) he puesto a mi amiga porque como ella es Colombiana ella siempre lo decía, pero yo no lo digo” (S4:55-56)

Agrega também mais uma explicação onde se confirma o sentido forâneo do termo.

“(...) y de las telenovelas también, de Venezuela” (S4: 58-59)

S1 coincide com S4 sobre o fato de que o termo não é usado na Espanha.

“Que chévere no lo usamos” (S1: 41)

“(…) es que esto en España no se suele decir” (S4:55)

Observamos que CHÉVERE é um conceito que tem a capacidade de otimizar conceitos positivos. Mesmo sendo uma gíria, apresenta um sentido propagado, segundo os participantes de origem espanhol (imigração e mídia). Isso poderia explicar que no caso de S2 o conceito seja construído de forma vicária.

Se comparado com o termo **BACÁN**, observamos que só foi definido por S2. O resto dos participantes não apresentou resposta. BACÁN é um termo desconhecido por ser uma gíria típica de alguns países da América e, de acordo com o mencionado no questionário por S2, possui um correlato em CHÉVERE. Entretanto, observamos que neste caso o conceito não tem sofrido os efeitos da propagação.

FÚTBOL

FUTEBOL origina uma construção bastante prototípica relacionada com a atividade, o esporte.

“(…) los partidos de la liga son los domingos (…) las chicas se están aficionando al fútbol” (S1:58-60)

“(…) soy un aficionado al fútbol, pues ... el mundial, la Eurocopa que hemos ganado hace poco” (S4:80-81)

Fanáticos, espectáculo (S3/questionário)

Emoción para unos (S2/questionário)

Também, no caso de S2 e S3, são feitas referências a valores ou anti-valores.

“(…) trasmite muchos valores (…) si hay un esfuerzo, una lucha, un respeto al rival”. (S4:84-85)

“(…) es dominio, es algo que une y domina el mundo, lo manipula, manipulación diría yo”. (S2:43-44)

S3 reconstrói a significação durante a entrevista dando ênfase a uma referência atualizada cujo substrato sociocultural é específico, somado a uma menção estereotipada.

“Fútbol es algo nuevo, para nosotros la vinotinto, yo lo relaciono con todas esas cosas y Brasil que es fútbol. Nosotros somos nuevos dentro de la cultura del fútbol, si no... tú dirías fútbol Brasil”. (S3: 79-82)

Essa intervenção merece uma explicação para o leitor. VINOTINTO é a cor da camiseta do time de futebol da Venezuela, é uma metonímia utilizada para nomear a seleção. Pode-se inferir que, neste caso, VINOTINTO é um elemento atualizado do *frame*.

BEISBOL

Aqui, também se observa uma construção bastante prototípica relacionada com a atividade, o esporte. Se comparada com futebol, neste caso, para S1 e S4, o termo possui um sentido de alteridade, enquanto S2 faz uma referência pessoal.

“Estados Unidos (...) yo sé que se juega en outro países...” (S4:77-78)

“No sé, eso es para gringos” (S1: 56)

“(...) cuando era niña no jugaba mucho con las muñecas (...) el béisbol era una forma de compartir” (S2: 39-40)

Entretanto, S3 elabora um sentido baseado em elementos de forte substrato sociocultural.

“(...) Venezuela es eso, Caracas, Magallanes, Ciudad Universitaria, papita, maní, tostón. Eso es TODO”. (S3: 66-67)

“Cuando uno va a los juegos de béisbol, allí en el universitario, los vendedores ambulantes van entre las gradas y venden papita, maní y tostón, y lo gritan a voz viva (...) tanto así que eso se volvió, en los narradores de noticias de béisbol, de deportes, cuando se ponchaba a algún bateador...” (S3: 69-72)

Vemos também na fala apresentada o uso de um recurso metonímico (o lugar pela coisa) Ciudad Universitaria/ universitário, para se referir ao estadium. Desta forma, vemos

como as redes de categorização do termo para este participante encontram-se permeadas pela ativação de um domínio experto de conhecimento do elemento.

TOROS

Para este termo observam-se formulações conceituais que oferecem elementos muito interessantes para este estudo. Uma panorâmica das informações dadas pelos participantes revela que, de uma ou outra forma, todos fazem menção às touradas e a Espanha.

S4, mesmo sem dizer expressamente que se trata das touradas, quando explica a relação ambígua que têm o faz em relação às touradas e não ao toro (animal). Também não menciona Espanha, mas diz que é tradicional de forma enfática.

“Lo de los toros, yo tengo una relación de amor y odio con los toros (...) y no lo soporto... pero es TRADICIONAL”. (S4:35-36)

“De los toros, la FIESTA NACIONAL” (S1:28)

España, corridas de toros (S3/cuestionario)

España (S2/cuestionario)

Também observamos que S1 e S4 mencionam TRADIÇÃO e fazem referências temporais.

“(...) tradición, es una tradición muy arraigada, pero no es tan antigua como la gente piensa”. (S1:29-30)

“(...) a la mayoría de mis amigos no les gusta... pero a la gente mayor sí”. (S4:36-37)

Inferimos que estas idéias podem estar relacionadas com a discussão sobre se são certas ou não as touradas, atividade muito arraigada na Espanha e, na atualidade, questionada. Isto é um traço particularmente interessante se pensarmos que hoje a Espanha tem se consolidado como membro importante da comunidade europeia. Fato este que vem acompanhado de uma série de discussões sobre os estereótipos dos espanhóis.

Podemos pensar que o termo atualiza idéias relacionadas com esse debate.

“(...) y, después de mucho pensar, me parece una tortura” (S4:)

Confirmando mais uma vez a idéia dos estereótipos, recolhemos a fala de S3:

“(...) creo que es un poco lo que culturalmente traigo en la cabeza ¿de dónde vienen los toros? vienen de la MADRE PATRIA, como diríamos”. (S3:)

REY

Logo de início observamos é que S1 e S4, ficam incomodados com o termo. No caso de S1, deixa o questionário sem resposta e na entrevista inicia sua fala com uma negação.

“Nada, no me dice nada”. (S1:43)

S4 na entrevista utiliza termos duros. Entretanto, ao comentar sobre o primeiro item do questionário, quando explicava suas escolhas sobre as palavras associadas à cultura, S4 faz menção a REY em dois momentos.

“(...) ellos luchaban por su Rey, eso ejemplo, ha desaparecido absolutamente en España, pero en aquella época era la religión, el Rey, todo eso”. (S4: 14-15)

S1, S3 e S4 fazem menção à Monarquia Espanhola.

España, reyes de Europa (S3/questionário)

“NO SOY ANTIMONÁRQUICO” (S1:43)

“(...) la cabeza del estado...”. (S4:63)

A diferença de S3 para S1 e S4, é que a representação apresenta um substrato nas práticas sociais, passa pela Espanha, mas também cobre um aspecto mais abrangente, a história e a política espanhola.

“(...) se entiende que en otros sectores del estado...”. (S4:64)

“(...) antes era imposible encontrarte una crítica al Rey y a la Casa Real”.(S4:69-70)

“(...) yo nací en la época de Franco... aunque no me acuerde de la época de Franco... desde que tengo memoria para mí ha sido democracia. Reconozco el papel para la democracia de Juan Carlos”.

(S1: 43-46)

“(...) yo no sé que qué porcentaje de españoles están convencidos de que lo que necesitamos es una monarquía”. (S1: 48-49)

Da entrevista com S3, surge uma elaboração que inclui um sentido específico do termo, um sentido atualizado pela menção num discurso elaborado de uma pessoa cuja influência na população do país é um fato.

“(...) en este momento se me acaba de ocurrir, como dice el presidente, que rey también le dicen las mujeres amorosamente a las parejas, mi rey, no me acordaba (...) mi rey es una de esas palabras cariñosas... que hay muchas” (S3:60-63)

Observamos, no meio de uma fala na terceira pessoa, elementos de tipo idiossincráticos. O comentário encontra suporte nas práticas sociais.

Comparação

De acordo com Kövecses (2006) a análise dos *frames*, embora não explique a conduta humana, proporciona alguns esclarecimentos que de outro modo seriam difíceis de obter numa perspectiva empírica. Neste sentido, da nossa análise concluímos o seguinte:

Ainda que os mapeamentos não cheguem a ter completa uniformidade, em termos gerais, as elaborações nas quais encontramos maiores regularidades são nos conceitos

MAR – VINHO – INVERNO – FUTEBOL – BEISBOL – MAMITA – CHÉVERE-TOROS

Um exemplo para ilustrar o anterior é o conceito de FÚTBOL.

FUTEBOL – JOGOS
 PAÍSES ONDE SE JOGA
 TIMES/EQUIPES
 EVENTOS

Ao parecer esses conceitos possuem um modelo cognitivo cultural bastante compartilhado e os traços de variabilidade são produzidos por motivações de tipo mais individual.

S3 é a participante que nesses itens apresenta variações de substrato sociocultural nos conceitos de MAMITA e FÚTBOL, e uma mais evidente em BEISBOL. Neste último caso a representação está mediada por um conhecimento experto e pela comunidade de referência e é bastante interessante pelos matizes condutuais (ação) que se revelam na sua fala.

O frame para REY é bem mais complexo para S1 e S4. Nestes casos é patente a presença de parcelas da realidade e de aspectos idiossincráticos próprios da Espanha que não são compartilhados pelos representantes dos países da América hispânica. REY é para S1 e S2 um *frame* complexo, um espaço compartilhado e uma fonte para menções estereotipadas, fato este que supera o campo ideológico mais individual.

Em fim, a maior fonte de divergência é característica de conceitos que possuem maior carga cultural, enquanto as regularidades são observadas em termos que não apresentam nos membros da mesma comunidade lingüística tais valores. É de se esperar, então, que existam outros casos de conceitos representativos para uns ou outros grupos.

3.2 Análise de Metáforas Conceituais

Expressão idiomática	Conhece		Utiliza		Explica	Literalidade	Construções e Domínios	Comentários
<i>A esse tipo lo poncharon</i>		S3			S2: <i>Lo pescaron con problemas en las manos; lo cogieron con las manos en la masa; lo pillaron.</i> Béisbol. S3: <i>Lo dejaron fuera de juego.</i> Béisbol.		LOS PROBLEMAS SON OBJETOS QUE SE COGEN CON LA MANO Fonte: objetos Alvo: problemas LA VIDA ES UN JUEGO Fonte: jogo Alvo: vida LAS RELACIONES PERSONALES SON UN JUEGO (DE BEISBOL)	S2: Deforma o significado.
	S2							

Expressão idiomática	Conhece		Utiliza		Explica	Literalidade	Construções e Domínios	Comentários
<i>Menos mal que estaba allí para echarte un capote</i>	S1	S3			S4: Ayudar. Toros.		LA VIDA ES UNA CORRIDA DE TOROS Fonte: tourdas Alvo: vida LA VIDA ES UNA CORRIDA DE TOROS EN LA QUE LAS PERSONAS PARTICIPAN EJERCIENDO FUNCIONES ESPECÍFICAS	TOROS
		S4		S4				

Expressão idiomática	Conhece		Utiliza		Explica	Literalidade	Construções e Domínios	Comentários
<i>A esa mujer le dieron la puntilla</i>	S1	S3			S2: <i>Inesperado; la fregaron; le dieron duro; la remataron.</i>		LA VIDA ES UNA CORRIDA DE TOROS (EN LA QUE LAS PERSONAS PARTICIPAN EJERCIENDO FUNCIONES ESPECÍFICAS) Fonte: touradas Alvo: vida LAS PERSONAS SON OBJETOS Fonte: objetos Alvo : personas	
		S4		S4				

Expressão idiomática	Conhece		Utiliza		Explica	Literalidade	Construções e Domínios	Comentários
<i>Siempre me das base por bola</i>		S3		S3	S3: <i>Alguien te lleva la delantera o te jode.</i>	S1: <i>Dar gato por liebre.</i> S2: <i>Beisbol.</i>	LA VIDA ES UN JUEGO LA VIDA ES UN JUEGO DE BEISBOL EN EL QUE LAS PERSONAS SON JUGADORES QUE EJERCEN FUNCIONES ESPECÍFICAS Fonte: jogo Alvo: vida	S1: Deforma
	S2							

Expressão idiomática	Conhece		Utiliza		Explica	Literalidade	Construções e Domínios	Comentários
<i>Yo bailo al son que me toquen</i>		S3		S3	S2: <i>Al son que me toquen bailo; como me traten yo trato.</i> S3: <i>Fluir con las situaciones; dejarte llevar.</i> S4: <i>Bailarle el agua a alguien; ser un pingaio; le gusta que le hagan la pelota.</i>		LAS RELACIONES PERSONALES SON MÚSICA Fonte: música Alvo: Relaciones personales	S2: alegre S4: negativo

Expressão idiomática	Conhece		Utiliza		Explica	Literalidade	Construções e Domínios	Comentários
<i>Ese tipo me echa los perros</i>	S1	S3		S3	S1: <i>Recibir mal a alguien; echarle una bronca.</i> S2: <i>Cortejar, seducir.</i> S3: <i>Alguien me está enamorando; le gusto.</i> S4: <i>Despectivo.</i>	S1: <i>Imagínate que te reciban echándote los perros.</i>	LAS PERSONAS SON RECIPIENTES (CONTENEDORES) AGREDIR ES LANZAR ANIMALES EN EL RECIPIENTE. Fonte: jogar animais Alvo: agredir CORTEJAR ES LANZAR ANIMALES EN EL RECIPIENTE Fonte: jogar animais Alvo: cortejar	S4: <i>Puedo deducir de lo que habla. Hay muchas frases relacionadas con los perros que son negativas: tarde de perros; vida de perros; perro viejo que es experiencia.</i>
	S2	S4						

Expressão idiomática	Conhece		Utiliza		Explica	Literalidade	Construções e Domínios	Comentários
	S1	S3	S1	S3				
<i>Eres una rata</i>					S1: <i>Insulto; miserable; agarrao.</i> S2: <i>Insulto; asesino.</i> S3: <i>Persona maliciosa; hábil; mala gente.</i> S4: <i>Persona mal intencionada; dañina..</i>		LAS PERSONAS ANIMALES DESPRECIABLES Fonte: amimais desprezíveis Alvo: pessoas LAS PERSONAS SON ANIMALES PERSPICACES/HÁBILES Fonte: animais espertos Alvo: pessoas	Variação sutil no domínio meta. Tipo de animais. S4: Estereótipo. (<i>Supongo que en todas las culturas la rata está asociada con algo sucio</i>)
	S2	S4	S4					

Expressão idiomática	Conhece		Utiliza		Explica	Literalidade	Construções e Domínios	Comentários
		S3		S3				
<i>Ese tipo es un cuarto bate</i>					S3: <i>Al mejor jugador se le reserva el turno al bate.</i>		LA VIDA ES UN JUEGO DE BÉISBOL DONDE LAS PERSONAS SON LOS JUGADORES QUE EJERCEN FUNCIONES ESPECÍFICAS Fonte: jogo Alvo: vida	

Expressão idiomática	Conhece		Utiliza		Explica	Literalidade	Construções e Domínios	Comentários
		S3		S3				
<i>Me saca la piedra cuando me dices eso</i>					S2: <i>No me saque de quicio; no me ponga en un nivel de agresividad.</i> S3: <i>Me saca de las casillas.</i>	S3: <i>No sé de dónde viene la piedra.</i>	LAS PERSONAS SON CONTENEDORES (DE PIEDRAS) EL CONTENEDOR EXPLOTA ANTE LA RABIA ENOJARSE ES EXPLOTAR Fonte: recipiente Alvo: pessoas	Ainda que S1 não se manifesta, no meio da entrevista utiliza a expressão: <i>sacar de quicio.</i>
	S2							

Expressão idiomática	Conhece		Utiliza		Explica	Literalidade	Construções e Domínios	Comentários
		S3						
<i>Estoy pelando</i>					S2: <i>Sin plata; pelado.</i> S3: <i>Sin dinero.</i>	S4: <i>Más allá del sentido literal; pelar patatas.</i>		
	S2							

Expressão idiomática	Conhece		Utiliza		Explica	Literalidade	Construções e Domínios	Comentários
		S3		S3				
<i>Había gente que juega garrote</i>					S3: <i>Muchas personas; gente como arroz.</i>	S2: <i>Gente que se pelea, por lo del garrote.</i>	LAS PERSONAS SON OBJETOS (COMIDA) Fonte: comida Alvo: pessoas	S3: Diz que não sabe a origem da expressão.
	S2							

Expressão idiomática	Conhece		Utiliza		Explica	Literalidade	Construções e Domínios	Comentários
<i>Me garraron fuera de base</i>		S3		S3	S2: <i>No estaba preparado.</i> S3: <i>Cuando me preguntas cosas que no sé; no están listas.</i> S4: <i>Te han pillao desprevenido.</i>		LA VIDA ES UN JUEGO DE BÉISBOL Fonte: basebol Alvo: vida	S4: Proporciona uma explicação técnica, baseado no seu conhecimento, também técnico das regras do basebol.
	S2		S2					

Reconstrução da metáfora subjacente e identificação de domínios fonte e alvo.

LA VIDA ES UN JUEGO

Fonte: Juego

Alvo: Vida

LA VIDA ES UN JUEGO DE BEISBOL

LA VIDA ES UN JUEGO DE BEISBOL DONDE LAS PERSONAS SON JUGADORES QUE EJERCEN FUNCIONES ESPECÍFICAS

A ese tipo lo poncharon

Siempre me das base por bola

Es un cuarto bate

LA VIDA ES UNA CORRIDA DE TOROS

Fonte: corridas de toro

Alvo: Vida

LA ES UNA CORRIDA DE TOROS EN LAS QUE LAS PERSONAS PARTICIPAN EJERCIENDO FUNCIONES ESPECÍFICAS

Menos mal que estaba allí para echarte un capote

Dar la puntilla

LAS PERSONAS SON OBJETOS

Fonte: objetos

Alvo: personas

Había gente que juega garrote

Me saca de quicio

LAS PERSONAS SON COMIDA (abundante)

Fonte: comida

Alvo: personas

Había gente como arroz

LAS RELACIONES PERSONALES SON MÚSICA

Fonte: música

Alvo: relaciones personales

Bailo al son que me toquen

LAS PERSONAS SON RECIPIENTES (CONTENEDORES)

Fonte: recipientes contenedores

Alvo: personas

LAS PERSONAS SON RECIPIENTES CONTENEDORES DE OBJETOS SÓLIDOS
EL OBJETO CONTENIDO ES EXPULSADO ANTE LA RABIA

Me saca la piedra

**AGREDIR ES LANZAR ANIMALES EN EL RECIPIENTE
CORTEJAR ES LANZAR ANIMALES EN EL RECIPIENTE**

Ese tipo me echa los perros

LAS PERSONAS SON ANIMALES

Fonte: animales

Alvo: personas

LAS PERSONAS SON ANIMALES DESPRECIABLES
LAS PRSONAS (hombres) SON ANIMALES DESPRECIABLES
LAS PERSONAS SON ANIMALES ASTUTOS

Eres una rata

Marcas de Unidade/Diversidade

Menos mal que estaba allí para echarte un capote

Na recuperação das falas vemos que S1 e S4 coincidem na reconstrução metafórica deixando a impressão de naturalidade.

AYUDAR (S1: Q)

Para ayudarte. Es una expresión relacionada con el mundo de los toros
(S4:Q)

“(…) es ayudar a una persona” (S4:179)

S3, embora repita o sentido expressado por S1 e S4, busca outros domínios fonte mais familiares a ela.

Ayuda a tempo. Echarte una mano. Hacerte la segunda (S3:Q)

S2 diz que não a conhece, embora possa entender o sentido. No entanto, não oferece alternativas.

“(…) no la conocía, no la uso, pero la entiendo”. (S2: 120)

A esa mujer le dieron la puntilla

Na fala de S1 observa-se novamente a familiaridade com o domínio fonte.

“La terminaron de rematar... cuando un toro está moribundo se le da la puntilla” (S1:146-147)

Também agrega uma correção derivando a idéia AS SITUACIONES EXTREMAS SÃO TOURADAS.

“Yo nunca diría eso, lo que se dice en España es... esto es la puntilla, el colmo, la gota que ha derramado el vaso” (S1:147-148)

Na última parte da sua fala observa-se que recorre a outros domínios fonte para ser mais explícito: TAMBIÉN AS SITUACIONES EXTREMAS SÃO LÍQUIDOS NUM CONTENEDOR (PRESTES A DERRAMARSE OU QUE SE DERRAMAN)

S4 também faz explícito o domínio fonte.

La remataron. También se usa bastante en España. (Q)

“(…) dar la puntilla está relacionada con el mundo de los toros, para matar al toro” (S4: 175-176)

S2, embora reconheça o âmbito de origem, afasta-se do domínio fonte e centra sua fala em outra construção: AS PESSOAS SÃO OBJETOS QUE PODEM SER ATINGIDOS (EM ALGUMAS DAS SUAS PARTES –NUCA)

Que le dieron duro (Q)

“(…) la puntilla, los toros”. (S2:150)

“(…) nosotros decimos que le dieron en la nuca”. (S2: 121)

“La fregaron quiere decir que la robaron, abusaron de ella en el sentido económico, cualquier sentido que la gente no se esperaba” (S2: 123-124)

S3 não se manifesta.

A ese tipo lo poncharon

Na sua explicação, S3 recorre à menção do domínio fonte, e ainda alimenta a construção original com outra frase na qual são recuperados ambos domínios.

“(...) viene del béisbol, lo dejaron fuera del juego. También usamos lo agarraron fuera de base” (S3:175-176)

S2 muda tanto a fonte quanto o alvo, derivando numa nova construção metafórica que altera a original.

“Para nosotros es a ese tipo lo fregaron (...) eso quiere decir que lo encontraron con las manos en la masa, que quiere decir *in fraganti*, que no tenía culpa” (S2:130-132)

S1 e S4 não se manifestam.

Siempre me das base por bola

S1 ensaia uma explicação, mas deforma o sentido.

“Que me das base por bola, me puedo imaginar que me dan gato por liebre, que me engañen” (S1:143-144)

S2 não conhece a frase, mas reconhece o domínio fonte. Sua fala nos parece intuitiva.

“(...) ahí sería también beisbol” (S2:150)

S4 também identifica a esfera da realidade que origina a expressão.

“Seguro que es de beisbol” (S4:166)

Entretanto, destas falas podemos concluir que reconhecer o domínio fonte não é suficiente para criar o mapeamento que leve ao domínio meta.

S3 é o único participante que reconhece as duas partes do mapa e, inclusive, na sua explicação oferece alternativas coerentes.

“(…) que te lleva la delantera, que te jode” (S3:177)

Ese hombre es un cuarto bate

Consistente com a apreciação anterior, S3 é o único participante que reconhece o sentido.

“Que es el mejor jugador, el que hace el jonrón” (S3:176)

Me agarraron fuera de base

Também aqui observamos que S3 utiliza a frase para atingir um amplo grupo de situações alvo.

“(…) que también es del béisbol (...) cuando te equivocas, te agarran desprevenido o no estás lista... o no sabes” (S3: 185-186)

S2 identifica o sentido.

“Significa que no estaba preparada para eso” (S2:145)

S4 proporciona uma explicação técnica.

“(…) porque si tienes que llegar a la base y te agarran fuera de la base es que te han pillao desprevenido” (S4:169-170)

Entretanto, faz questão de esclarecer que sua construção é só produto de um processo de dedução.

“(…) lo podría deducir pero jamás lo diría” (S4: 170-171)

Eres una rata

S1 apresenta uma variação para o domínio fonte.

“Ser UN rata no una rata. Para mí es un rata (...) Es muy insultante. Una falta de respeto. A mí me suena fatal. Para mi una rata es um ser miserable, agarrao...” (S1:132-136)

Essa variação adquire uma especificação relativa ao de gênero.

“Tacaño, pero no tacaña, a una tía no le diría eso... suena muy mal” (S1:138)

Desta forma, a construção adquire uma especificação que não foi considerada antes: LAS PERSONAS (HOMBRES) SON SERES DEPRECIABLES.

S4 e S2 coincidem com S1 na valoração do domínio fonte.

“(...) supongo que es eso, que es negativo. Una rata es una persona mal intencionada y dañina, yo no lo diría, creo que no se utiliza porque es muy fuerte, bastante despectivo” (S4:182-184)

“Una rata puede ser un asesino, un tipo que no tiene escrúpulos para nada... es un insulto muy feo, se dice también que ese tipo es una porquería, para nosotros rata es sinónimo de porquería” (S2:137-139)

Vemos que no caso de S2 surge uma nova construção: LAS PERSONAS SON EXCREMENTOS.

Embora como elemento adicional, S3 inclui na valoração um novo elemento (esperteza) e, a diferencia dos outros participantes, não sublinha o caráter negativo e quase tabu do domínio alvo.

“Una rata es una persona maliciosa, hábil, un mala gente” (S2:179)

Yo bailo al son que me toquen

S2 anuncia uma modificação na construção que parece não alterar o sentido.

“(...) nosotros décimos al contrario, al son que me toquen bailo”
(S2:133-134)

Entretanto, na sua colocação no questionário revela um valor negativo.

“De venganza, ojo por ojo” (Q:2)

Ainda que com um sentido diferente, a idéia negativa é confirmada por S4 e por S1 da seguinte forma:

“(...)puede corresponder a bailarle el agua a alguien... ser un pringao, se mucho, pringao es una persona que no tiene personalidad, que todo le sale mal, que no tiene suerte, algo así, se usa mucho en Madrid”
(S4:193-196)

“Un pelotas, un adulador, ese siempre baila a son que le tocan”
(S1:150-151)

Ao contrário dos outros participantes, vemos que, mais uma vez, o domínio alvo varia. A idéia possui um conteúdo positivo relacionado com capacidade de adaptação às situações.

“(...) que te dejas fluir” (S3:178)

Fluir con las situaciones, dejarte llevar (Q:S3)

Ese tipo me echa los perros

S1 recorre à literalidade.

“Imaginate que te sueltan los perros” (S1: 157)

e outorga um sentido negativo.

“Llegas a una casa y te sacan los perros. Cómo te reciben, fatal ¿no?”
(S1: 159)

“Puede ser recibir mal a alguien (...) echarte una bronca” (S1:156)

S4 explica:

“(...) puedo deducir de lo que habla, pero no la utilizaría, yo creo que es negativa porque en España hay frases relacionadas con perros que son negativas, por ejemplo una tarde de perros es una tarde que llueve que hace frío, que es poco apacible, o eres un perro también puede ser un insulto” (S4:176-182)

Vemos neste caso como a interpretação negativa é justificada porque o domínio fonte ativa outras construções desse mesmo domínio.

S2 e S3 se mostram familiares com a frase. Nas explicações dadas, vemos que o domínio alvo é diferente dos que apresentaram S1 e S4.

Alguien me está enamorando, le gusto (S2:Q)

“(...) lo usamos mucho, puede ser una mujer que el tipo me está molestando... quiere decir que está queriendo ser mi enamorado, está gustando de mí” (S2: 134/136).

Me saca la piedra cuando dices eso

As construções de S2, S3 e S4 identificam o mapeamento do domínio alvo sob o mesmo sentido, ainda que, no caso de S4, como ele mesmo expressa, é produto da dedução. Todos facilitam a explicação utilizando uma série de outras construções, pelo que deduzimos que a elaboração do alvo possui diversas possibilidades, embora quase todas elas apontem à idéia do que o contém.

“Puedo deducir que me pones nervioso” (S4: 191)

“No me ponga de mal genio, no me saque de quicio, no me ponga en un nivel de agresividad” (S2: 1414-142)

“(...) cuando hay algo que no soportas.... Te saca de las casillas, te enerva...” (S3:180-181).

Había gente que juega garrote

A interpretação de S2 é baseada numa literalidade que deforma o sentido.

“(...) me imagino que es gente que se pelea, que se da duro por eso del garrote” (S3:128-129).

S3 apresenta uma nova alternativa para o domínio fonte que não o desvirtua, mas que reafirma o sentido original.

“(...) en lugar de decir que juega garrote, yo diría había gente como arroz” (S3:184)

Sobre as marcas de unidade/diversidade nas metáforas conceituais, concluímos que:

Os participantes de origem espanhola (S1 e S4) estão familiarizados com as construções cujo domínio fonte são as touradas. Neste sentido, confirma-se que esse domínio é um recurso utilizado para conceitualizar uma ampla parcela da vida, independentemente das opiniões pessoais que eles possuam sobre a festa taurina.

S3 é a única participante que, além de mostrar familiaridade, apresenta um prolixo número de elaborações em aquelas construções cujo domínio fonte é o baseball. Isto se explica pela importância sociocultural que possui essa esfera na realidade venezuelana.

Vemos que, na maioria dos casos, as realizações dos *frames* apóiam as demonstrações de usos convencionalizados na forma de construções metafóricas. Especialmente quando o domínio fonte possui um alto impacto na realidade destas pessoas. Neste sentido, o caso de S2 é diferente. Na sua construção para o *frame* de BEISBOL, S2 referiu-se a uma experiência pessoal da infância. Confirmamos então, nas suas elaborações sobre as construções metafóricas subscritas a este campo, que não existe correlato sociocultural deste conceito na Colômbia. Diferentemente da Venezuela, país vizinho, onde este elemento (BEISBOL) atinge uma grande quantidade de domínios conceituais.

A preferência sob alguns domínios específicos está relacionada com a afinidade que os grupos socioculturais têm sobre essas atividades, tal afinidade é um traço cultural que se manifesta na forma de se conceitualizar o mundo.

Outras expressões que possuem uma base mais universal apresentam também variações, ainda que mais sutis. Em alguns casos a variação é observada no domínio fonte e em outros casos no domínio alvo.

3.3 Análise dos Roteiros Culturais

Roteiro: PEDIDO/NEGAÇÃO

Reconhecimento da situação: O PEDIDO

<p>QUANDO DIGO ALGO COMO... tem um evento na tua cidade em Julho e eu estou convidado Lá não conheço ninguém e estou procurando onde ficar. Será que você conhece um lugar barato...</p>	<p>“(...) está lanzando un mensaje, un mensaje directísimo(...)indirectamente lo que quiere es que lo invite” (S1: 71,72,73) “Aunque no lo hace explícito” (S2: 53)</p>
<p>QUERO DIZER... Posso ficar na tua casa?</p>	<p>“ENTRE LÍNEAS se puede leer” (S3: 92) “ÉL LO TIENE que interpretar, leer entre líneas” (S4: 96)</p>

Valorações individuais sobre o PEDIDO

S1 valora como negativa a forma de realização do pedido e apresenta alternativas, ressaltando a importância do tipo de relação entre os participantes.

“(...) un amigo no te habla así... un amigo, un amigo te dice, oye, ¿hay sitio en tu casa? PUNTO. Y un no amigo, que es conocido y que tenga cierta consideración contigo te diría, recomiéndame un hotel” (74 – 77)

Qualifica-o de violento.

“Es violentar. Desde mi punto de vista, lo normal es decir, mira Juan, necesito ir a tu ciudad, ¿tienes sitio en tu casa? (...) Dejar las cosas

claras. No dejar esa ambigüedad echándole el muerto al otro. (...) Eres tú el que necesita algo, PIDELO. No vengas con vueltas” (91 – 95)

Diz que pode ocorrer entre espanhóis, mas esclarece que se trata só de uma possibilidade.

“(...) se hace entre españoles, es una forma de hacerlo y si cuela, cuela”
(74)

S2 valora a realização como educada, comenta sobre a importância de que, além do pedido, seja oferecida alguma coisa em troca, e sobre a necessidade de explicar o pedido.

“(...) no lo hace explícito porque es EDUCADO, no puede ir uno a pedirle cosas a otros así... sin consideración, sin ofrecer nada a cambio (...) Le pediría el favor con unas condiciones de ayuda, que no sienta que estoy abusando de ella (...) le daría explicaciones de porqué lo necesito” (53 -59)

S3 qualifica o pedido como cuidadoso e explica que uma mudança na forma de realiza-o dependerá da urgência do mesmo.

“(...) generalmente las personas son CUIDADOSAS (...) se van por las ramas, nunca van directamente... necesito... porque es una cosa diferente... necesito que me recibas en tu casa, ahí es una pregunta donde la respuesta es si o no, pero eso es una necesidad muy urgente, un caso extremo. Aquí hay cierta ambigüedad, no parece una emergencia, por eso el tipo comienza a dar vueltas, yo siento que es como adornar la situación y no decir las cosas directamente, eso es lo que se espera” (123-131)

Num primeiro momento, S4 valora a situação do pedido como educada e a explica baseado no vínculo dos participantes.

“Puede ser por educación... porque quizás podría ser más directo pero no tienen CONFIANZA para decírselo... si tuviera toda la confianza se lo diría” (102-103)

Depois explica que não se reconhecera agindo dessa forma e passa a qualificar o ato de violento.

“Yo jamás recurriría a estas... ESTRATEGIAS” (104)

“(...) pues no, a mí eso me parece super violento... pues yo no lo haría” (112 -113)

Reconhecimento da situação: A NEGAÇÃO

<p>QUANDO UMA PESSOA PEDE PARA FICAR NA MINHA CASA EU DIGO ALGO COMO...</p> <p>Justo nessa data não estarei em casa.</p> <p>QUERO DIZER...</p> <p>Não quero que fique na minha casa.</p>	<p>“alguien que quiere que lo invite y el otro lo manda para el carajo”(89-90)</p> <p>“(...) muy disimuladamente le dice, no estoy aquí, no estoy para ti” (S3:93-94)</p> <p>“(...) el otro comienza a dar alternativas para no entrar de lleno” (S3:129)</p> <p>“(...) que también tiene que interpretar que el otro no quiere que se quede” (S4:124)</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Valorações individuais sobre a NEGAÇÃO.

S1 explica que a resposta a um pedido deve ser feita de forma direta (sim ou não).

“Me gusta que me lo digan claramente, mira ¿hay sitio en tu casa? Yo le diré, pues sí o no” (79-80)

A resposta negativa poderá estar seguida de uma manifestação de lamento e de uma proposta alternativa.

“¿A un amigo? Mira niño, está todo ocupado, lo siento muchísimo, te busco un hotel” (83)

Ressalta, da mesma forma que o fez ao se referir ao pedido, a importância do tipo de vínculo entre os participantes do intercâmbio. Uma demonstração de laços estreitos requer uma resposta (ou de um pedido) feitos de forma direta.

“Un amigo no tiene que andar con rodeos” (80)

S2 admite dificuldade para dar respostas negativas aos pedidos, y agrega, caso a negação aconteça deve vir acompanhada de uma desculpa ou uma explicação.

“Tengo que decir que sí. Normalmente no tengo corazón para decir que no, y no le digo que no porque me da pena” (66-67)

Também, menciona diferenças regionais para a manifestação da negação, e atribui a manifestação direta da mesma a uma zona específica.

“(…) existen lugares donde las personas te dicen que no, los paisas, los de Antioquia, la zona cafetera, por ejemplo, te dicen que no pero te dan una excusa” (68-69)

S3 proporciona uma resposta muito rica em informações. Em primeiro lugar, manifesta que a negação deve ser aprendida. A respeito, explica que existe uma incapacidade generalizada nas pessoas de se negar pedidos. Essa incapacidade está relacionada com o sentimento de culpa e outros valores que, segundo explica, são culturais.

“Porque no sabe decir que no” (96)

“Eso es algo que hay que aprender en la vida... decir que no... sin que le quede a uno culpa adentro” (98-99)

“Culturalmente nosotros somos criados para no decir no... no desobedecer, ser amables, tienes que ser bueno y cuando dices no, no eres bueno... no eres buena gente, no eres buena persona, eres un mal muchacho, eso lo tenemos implícito en... decir no, en negar algo que tú no quieres” (103-107)

No caso de negação direta, para S3 é uma possibilidade quase inviável e agrega que o que seguiria a uma negação seria uma explicação, uma escusa.

“(...) cuando le dices no a una persona , no le dices no porque no me da la gana... podrías decirle, mira chamo, no estoy pendiente por equis circunstancia, pero no se hace” (107-108)

“Que te invite a casa A JURO. El tipo, a regañadientes, o por no tener la valentía de decir, mira, no me provoca tener gente en mi casa” (110-111)

“Excusas... lo que se diría habitualmente es una excusa. Yo le hubiese dicho, tengo la casa full, pero si tengo ocasión de tomarnos un café, una cosa ... entonces nos vemos” (113-115)

Menciona também que ante um pedido existe uma expectativa a ser satisfeita, a saber, a aceitação do pedido.

“De repente al que está pidiendo “asilo político” no lo satisface porque no es su expectativa... aquí son todo cosa de expectativas (...) es una negociación” (118-121)

Finalmente, argumenta que o esperado é não receber uma negação de forma direta.

“El otro comienza a dar alternativas para no entrar de lleno, yo siento que es como adornar la situación y no decir las cosas directamente, eso es lo que se espera” (129-131)

S4 interpreta a resposta como uma negação não direta, embora faça uma valoração que deixa dúvidas sobre a ideia de negação direta e indireta. Da sua fala inferimos que a negação direta possui um valor implícito: a sinceridade.

“Utilizaría una estrategia parecida... no le diría directamente, que también tiene que interpretar que el otro no quiere que se quede y, además es muy cortante. (...) no se enrolla, no se hace el simpático” (123 – 124)

Roteiro: ELOGIO (Resposta ao elogio)

Reconhecimento da situação: ELOGIAR E RESPONDER AO ELOGIO

<p>QUANDO UMA PESSOA ME DIZ ALGO COMO: Que blusa bonita!</p> <p>EU DEVO RESPONDER DIZENDO: Obrigada. Está as suas ordens.</p> <p>É BOM OFERECER O OBJETO ELOGIADO, EMBORA NÃO SEJA PARA EMPRESTA-LO.</p>	<p>“(…) no se lo necesita prestar, es solo por ser educado, eso se lo enseñan a uno”. (S2: 107-108)</p> <p>“(…) hay gente a la que jamás se la prestaría, pero igual se dice. Es algo que nos han enseñado como CORTESÍA” (S3: 149-150)</p>
<p>SE UMA PESSOA ME DIZ ALGO COMO: Que coleção de discos legal você fez. É magnífica.</p> <p>EU DEVO RESPONDER DIZENDO ALGUMA COISA COMO: Bom, não são tantos assim, muitos são presentes.</p> <p>QUANDO UMA PESSOA ME FAZ UM ELOGIO, NÃO É BOM EVAIDECER-SE DO OBJETO ELOGIADO.</p>	<p>“Porque culturalmente, en nuestra cultura, la reacción habitual a un cumplido es quitarle importancia, decir que no lo mereces es habitual” (S4: 131-132)</p> <p>“Nos han inculcado la modestia” (S1: 121)</p>

Sobre a resposta ao primeiro elogio, S1 afirma que não se identifica pela aparição da frase “está a tu orden”. Ele oferece alternativas e esclarece que esse tipo de manifestações requer de certos requisitos prévios: o tipo de objeto e a relação com a pessoa que faz o elogio.

“Claro, jamás diría está a tú orden, lo diría de otra manera. Cuando tú quieras, cuando quieras te la dejo” (101-102)

“Un coche no se ofrece, es una especie de alter-ego” (109)

“Si somos amigos, llévatelo. Es muy bueno, te lo recomiendo” (114)

Entretanto, atribui a segunda resposta a um traço característico de seu grupo de origem.

“Eso es típico de los españoles” (101)

“Y el segundo, exactamente igual” (102)

Explica, em vários momentos da sua fala, os valores contidos na resposta. Entretanto, manifesta com tom de contrariedade que tais valores, embora possam ser considerados positivos, não são muito autênticos.

“Esa falsa modestia de los latinos” (116)

“Podríamos decir, y sí, me ha costado mucho trabajo, te agradezco que lo reconozcas... pero no, tenemos que decir... no, no son tantos, no es para tanto (118-119)

“(...) si una chica le dice a otra, qué guapa estás, empieza a justificarse... en vez de decir, muchas gracias... pero si lo compré en las rebajas, pero si estoy muy gorda” (125-127)

Argumenta que tal reação ao elogio é produto de uma educação sustentada em valores de tipo religioso, ante a qual ele se mostra particularmente contrariado.

“Por la educación, eso es lo que nos han enseñado. Yo creo que es por la educación católica que nos han jodido. Nos han inculcado la modestia” (119-121)

Sobre a modéstia, explica que, embora as pessoas a exercitem com esse tipo de rituais, trata-se de uma convenção cultural.

“(...) yo creo que casi todos los españoles, si lo piensan, si lo reflexionan, no creen que sea bueno, pero culturalmente respondemos así, estamos socializados así...” (123-124)

S2 ressalta a idéia de não literalidade contida na resposta ao elogio no primeiro diálogo, mostra-se familiar com seu uso, embora faça uma correção de forma e descubra valores derivados dessa ação.

“(...) es un decir, una expresión” (104)

“Nosotros no decimos está a tu orden, sino está a la orden, como de cortesía, educación” (101-102)

Também faz referência ao uso convencionalizado da expressão.

“(…) no se lo necesita prestar, es sólo por ser educado, eso se lo enseñan a uno” (107-108)

Sobre o segundo diálogo, não questiona a intervenção, mas oferece uma alternativa na qual não se especifica resposta.

“Si es bonito, para uno es satisfactorio... sobre todo decimos que blusa tan chévere, qué bonita, donde la compró, si le queda bien” (114-115)

S3 ressalta, da mesma forma que o fez S2, a idéia de não literalidade contida na resposta ao elogio no primeiro diálogo e se mostra familiar com seu uso.

“(…) cuando hay cierta confianza nos podemos prestar la ropa” (174)

“(…) hay gente que jamás la prestaría pero igual lo dice. Es algo que nos han enseñado como CORTESÍA, cuando alguien te halaga tú agradeces y dices a la orden, es una forma de cortesía... no es algo que sea llevado a la acción inmediatamente...” (149-152)

Argumenta que agir ante o elogio de essa forma é um traço cultural, produto da educação e acontece de forma inconsciente.

“(…) es algo que lo tenemos internalizado... que no te obliga a nada” (152)

“(…) nadie piensa que está mintiendo, automáticamente tú dices, a la orden” (154-155)

Por outro lado, explica que essa resposta deriva de um acordo tácito, e por isso é automaticamente recebida como uma convenção.

“(…) la mayoría de la gente ya entiende que es un tácito acuerdo, que no te estás comprometiendo a prestarle nada” (157-158)

Sobre a segunda situação, S3 explica que esta resposta é comum ante um elogio. Agrega também que o fato de não aceitar o elogio abertamente não significa que a pessoa não goste de ser elogiada.

“La gente muchas veces no acepta el éxito... te lo ganaste, y aunque nos guste ser halagados, nos minimizamos” (161-162)

Explica também que a resposta ao elogio pressupõe crenças e idéias dissipadas entre as pessoas sobre o que é bom e o que não é bom.

“Es el concepto de lo bueno y de lo malo... si esta persona acepta el logro... este es un coño de madre... está mal visto que aceptes lo que has conseguido con tu trabajo”. (164-166)

Caso a pessoa proporcione uma resposta diferente, segundo S3, isto pode ser interpretado de forma negativa. Desta forma, são reveladas duas idéias ou valores por oposição.

“Una persona pretenciosa nos cae mal... es bueno ser humildes, no ser pretenciosos” (170-171)

S4 se diz identificado com a segunda situação. Manifesta que tal identificação se deve a que ante uma situação de elogio, o que se espera é uma resposta na qual é diminuída a importância ao objeto elogiado.

“Porque culturalmente, en nuestra cultura, la reacción habitual a un cumplido es quitarle importancia, decir que no lo mereces es habitual” (131-132)

Embora explique que se trata de uma reação aprendida, é evidente que tal aprendizagem não se faz de forma consciente.

“(…)lo hacemos porque lo he visto desde que era pequeñito” (139)

“Nadie te lo dice expresamente, si te dicen halagan, di que no, yo creo que de verlo, de experimentarlo.” (141-142)

No caso de receber uma resposta diferente, S4 explica que esta pode ser interpretada de forma negativa.

“(…) a la gente le das un reglo y la gente reacciona de una determinada manera, o recibe un piropo y normalmente no, que no lo merezco o algo así” (139-141)

“Si una persona dice gracias, ya lo sé... me parecería un poco creído, me resultaría una persona con la que no me gustaría tener mucho contacto. Me suena antipático” (144-146)

“(…) una chica me dijo, qué gabardina más bonita y yo le respondí diciéndole el precio (...) por lo visto no se puede hacer, es un poco feo...” (154-157)

“(…) tú automáticamente piensas que soy un gilipollas, este me anda PRESUMIENDO... que no es muy elegante decir el precio” (160-161)

“Y en España dices donde te la has comprado, pues en las rebajas” (163)

Entretanto, não manifesta identificação com a primeira situação, a qual qualifica de estranha, embora reconheça a não literalidade da mesma.

“Que puedes usarla cuando quieras, que te la puedo prestar... debe ser otra convención, pero en España no lo dirías, eso sonaría un poco raro” (150-151)

“Pensaría primero que no es verdad, es bastante raro...” (153)

Valorações individuais sobre a ação de ELOGIAR.

Como foi mencionado, estamos centrando a análise deste roteiro na resposta ao elogio e não à ação de elogiar. No entanto, sobre essa ação, queremos ressaltar algumas informações proporcionadas pelos participantes S2 e S3, para os quais o ato do elogio implica aspectos que são reconhecidos pelos participantes como próprios.

S2 explica que na Colômbia o elogio é muito freqüente e importante.

“Se vive de eso” (S2:114)

De forma espontânea, ela em lugar de mencionar que se trata de formas de elogio, refere-se a situação como bajulação e utiliza uma construção típica da sua região para explicar tal sentido.

“Echar cepillo es cuando tienes un interés por una persona para que le haga un favor, usted lo alaba mucho, le dice cosas que ni son verdad pero para que la persona se sienta bien y lo pueda ayudar, la gente echa cepillo” (S2: 89-91)

No caso de S3, a ação de elogiar está associada à idéia de aproximação aos outros para conseguir alguma coisa. Ela atribui esse valor do elogio a seu grupo de referência e também utiliza uma construção metafórica para falar de um tipo de aproximação.

“Nosotros somos educados culturalmente educados para eso... a través del halago hacia la persona conseguir ENTRAR. Entrar no solamente en contacto, sino conseguir algo, un trabajo, aunque no estoy de acuerdo” (S3: 135-137)

Note-se que em ambos os casos, os participantes S2 e S3, rejeitam pessoalmente essa finalidade do ato de elogiar e se inclinam aos aspectos mais convencionais do elogio, isto é, a expressão aberta de agrado por alguma coisa possuída por um outro.

Wierzbicka (1994) explica que diferentes grupos que compartilham a mesma língua podem manifestar diferentes normas culturais e diferentes roteiros culturais. Na análise que

acabamos de apresentar nós observamos que em relação ao pedido, todos os participantes reconhecem no roteiro apresentado, uma diferença entre o dito e o que realmente se quer dizer. No entanto, na valoração feita sobre o pedido encontramos variações entre os participantes.

Para S1 e S4 o pedido, considerado indireto, é valorado de forma negativa e seu uso depende fortemente do vínculo entre os participantes do intercâmbio. Quanto mais íntimo o vínculo, mais direto deve ser feito o pedido.

S2 e S3 não expressam valorações negativas, pelo contrário, consideram o pedido indireto como educado e cuidadoso. Para S2 o pedido deve estar acompanhado por um oferecimento (pedir é trocar) e para S3, a emergência do pedido pode ser uma possibilidade para que o mesmo seja feito de forma mais direta.

No caso da negação ilustrada no diálogo, não fica claro o reconhecimento dos participantes sobre o tipo de negação. Somente S3 e S4 mencionam que se trata de uma negação que não é direta, embora a valoração apresente divergência entre eles.

Em relação ao roteiro sobre o elogio, são observadas também convergências e divergências nas apreciações dos participantes. S1, S3 e S4 manifestam que é apropriado diminuir o valor do objeto elogiado. Todos eles reconhecem na resposta ao elogio um traço característico da cultura e o valor cultural imbuído nas respostas é identificado como modéstia.

Encontramos também que, no caso do primeiro diálogo, S2 e S3 se mostram identificados e reconhecem a não literalidade do oferecimento, valorando-o como expressão convencionalizada de cortesia. Esse elemento, no entanto, não é reconhecido por S1 e S4.

Podemos concluir, então, que no caso da análise desses roteiros, as maiores coincidências são apresentadas entre os participantes de origem espanhol que, em muitos casos contrastam com os participantes de origem hispano-americano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre unidade/diversidade lingüístico cultural dos falantes do espanhol

O marco referencial no qual se apóia esta pesquisa apresenta diferentes níveis de abstração para pensarmos o contínuo unidade/diversidade lingüístico cultural do mundo hispanofalante.

Podemos, entretanto, recriar esta idéia de forma gráfica. Pensemos no percurso de um trem. Numa primeira estação os falantes de espanhol, assim como outros seres humanos, compartilham funções cognitivas e utilizam a linguagem como ferramenta básica de comunicação. Esta é a estação do mais universal.

Na seguinte estação, encontramos que a totalidade do hispânico compartilha uma língua que possibilita o contato entre falantes que a possuem como língua materna. Ainda que com certas diferenças, não podemos nos esquecer de fazer menção aos novos passageiros deste vagão, esse grupo cada vez mais amplo que, no decorrer da suas vidas, têm se apropriado desse bem que os nascidos numa vintena de países possuímos, o bem do idioma, do espanhol. Nesta estação conhecida como unidade, historicamente foram estabelecidos diálogos que, até os dias de hoje, permanecem vigentes e se mostram cada vez mais frutíferos, principalmente nos âmbitos científico, comercial e político.

É desse lugar de onde surgem idéias como o hispano-americanismo, e mais recentemente o panhispanismo. Esta parada permite, entre muitos benefícios, abarcar um universo amplo numa idéia só; estipular um ponto de partida para a discussão e o estabelecimento de medidas em assuntos comerciais; mostrarmos e mostrar ao mundo (aos novos membros da nossa comunidade e aqueles que, embora seduzidos, não se decidiram a falar a nossa língua) uma realidade de diálogo transparente que é, dito seja de passagem, indiscutivelmente positiva.

Para quem trabalha com a língua, essa nossa unidade é muitas vezes um espaço de conforto. Por quê dizer *me provoca* ou *me apetece*, se com dizer *quiero* todos entendem. É também mais fácil falarmos de encontros porque, no caso contrário, estaríamos revelando a nossa ignorância.

Contudo, este trabalho não se inicia nessa estação, muito pelo contrário, o gérmen originário esteve na última parada da viagem (ou primeira, eis a contradição). Trata-se da estação da diversidade, lugar prolixo -pelo excessivo- que vem sendo uma preocupação constante para aqueles que precisamos mostrar em nosso ofício que somos só uma parte disso e não a totalidade, refiro-me aos professores de E/LE.

Mas também, dependendo do assunto, somos nós mesmos que decidimos ficar nesta estimulante estação. Em alguns casos o objetivo é legítimo, e até prático, se alguém deseja aprender a língua para fechar um negócio na Argentina, preferiremos o *subte* ao *metro*. È o critério pedagógico da “rentabilidade”. Entretanto, nesta estação do diverso, do próprio, do que nos diferencia do outro, é preciso tomar distância de intenções suspeitas, principalmente daquelas encarnadas em discursos encheidos de nacionalismo.

Por isso, tomando um pouco de distância, decidimos seguir para as estações intermediárias. Nessas estações intermediárias encontramos muitos elementos inconclusos e por isso, se apresentou ante nós como um espaço cheio de desafios, um terreno fértil visto em sua complexidade, com muitas perguntas que geram outras, em lugar de gerar respostas prontas. Um espaço que não é novo, e que é conhecido sob o nome de intercultural mas que preferimos não nomear, porque achamos que falta acabamento.

A nossa proposta se localiza nessas paradas/estações intermédias, lugares nos quais podemos afinar os conceitos tanto de unidade quanto de diversidade lingüístico/cultural que nos caracteriza. Desta forma, decidimos nos apropriar das propostas que nos oferecem os Roteiros Culturais, os *frames* e metáforas conceituais para iniciar o processo que permitirá arrumar os vagões e as estações intermediárias do percurso, e quem sabe, no futuro, abrir mão dos extremos com a segurança de que, mesmo prescindindo do início e do fim, chegaremos a algum lugar.

Sobre as nossas unidades de análise

Há várias razões para essas unidades de análise serem uma alternativa válida para entendermos o espectro unidade/diversidade lingüístico/cultural do mundo hispânico. Inicialmente, entendemos que estes modelos são perspectivas construídas na intersecção entre o sistema cognitivo, a linguagem e a cultura. Esses elementos interagem na construção do significado em diferentes momentos, daí que possam dar conta do fenômeno de significação em diferentes níveis. Não existe significação fora da cultura.

Além disso, cada uma destas perspectivas proporciona um ângulo diferente na complexa fotografia da comunicação. *Frames*, metáforas conceituais e roteiros culturais são modelos teóricos que descrevem e explicam o processo de construção de significados culturais proporcionando, cada um deles matizes importantes.

O *Frame* revela elementos da organização proporcionando dicas sobre como as pessoas arrumam e constroem sentidos. A metáfora conceitual traz à luz quais os âmbitos preferidos para se conceitualizar parcelas da vida. E os roteiros culturais nos apresentam, em forma de ação, outros mecanismos de significação, nos quais encontramos imbuídos aspectos tácitos da cultura que os caracteriza. Todos esses modelos são perspectivas livres de etnocentrismo. Eles apresentam a cultura de forma neutra, sem o filtro que implicaria o olhar alheio.

Essas unidades de análise permitem também o trânsito no contínuo que vai do mais universal ao mais específico em termos descritivos e não prescritivos. E, por serem tácitas, evidenciam o entendimento natural daqueles que as compartilham, mas também são territórios férteis para prever desencontros, possíveis de amainar na medida em que sejam reconhecidos.

Mesmo que de forma inconsciente, todos somos portadores, transmissores e modificadores desses códigos, idéias, suposições, valores materializados na linguagem verbal e não verbal, e, somente a partir dos *frames*, das metáforas conceituais e dos roteiros culturais é que podemos produzir uma análise mais completa da cultura.

Por essas razões, estas abordagens se apresentam como alternativas viáveis para o tratamento dos elementos socioculturais no ensino/aprendizagem de E/LE.

Sobre a aplicabilidade no ensino aprendizagem de E/LE

Estamos num momento no qual a educação para a interculturalidade faz eco em qualquer parte do mundo. Este conceito, ademais da educação, permeia as sociedades, e é um elemento focal em se tratando de ensino/aprendizagem de línguas. Para apropriarmos de uma língua, é necessário ter acesso a elementos mais subjetivos e profundos do que o sistema da mesma. Neste sentido, no ensino/aprendizagem é necessário executar práticas dirigidas ao conhecimento, compreensão e diálogo de conceitos configurados pelas práticas socioculturais, que se manifestam na linguagem e nas práticas sociais dos diferentes grupos.

Mas a comunicação não é um processo transparente, se fosse assim, não existiriam os estereótipos, os mal-entendidos e os choques culturais. A comunicação é um processo

complicado, e seu ápice de complexidade e de encontro intersubjetivo acontece entre os membros de línguas/culturas diferentes.

Para superar os atritos e preparar os novos usuários da língua, nos documentos oficiais são descritos repertórios de conteúdos socioculturais que devem ser tratados. No *Marco común europeo de referencia para las lenguas: aprendizaje, enseñanza, evaluación*,⁴⁹ esses elementos são apresentados como um conjunto de conteúdos declarativos (saber que) e procedimentais (saber como) que, quando internalizados, habilitam ao aluno a se desenvolver de forma adequada em diversos tipos de interação. Tais listas, além de conter opções pouco operacionalizáveis na prática docente, em muitos dos casos são dificilmente atingíveis a nível empírico e, nesse sentido, não são aplicáveis a abordagens científicas para descrever ou comparar culturas. Essas listas, úteis para objetivos imediatos, na verdade são somente dicas de por onde devemos começar para ir além, tanto na prática docente quanto em termos de pesquisa empírica. Sobre o assunto, Guillén (2005) afirma que a falta de operacionalização desses conteúdos costuma resultar em mais perguntas do que respostas. Se acrescentarmos a essa situação o fato de que não há uma forma de ser hispânico, ou dito de outra forma, não existe um modelo estável nem típico de cultura para apresentar aos alunos, o problema fica ainda maior.

O fato de considerar o hispânico como um “bloco homogêneo” pode gerar falsas crenças e incompreensão frente a situações inesperadas. O conhecimento da cultura no processo de aquisição de línguas deve atingir componentes medulares, deve ir além dos estereótipos, e isso só se pode conseguir abrindo mão de apreciações superficiais, impressionistas e negadoras de uma realidade complexa e dinâmica.

Nós propomos como alternativa o uso de modelos teóricos (*frames*, metáforas conceituais e roteiros culturais) como vias de acesso a um saber mais profundo e real. Esse convite está baseado, *grosso modo*, em que: se a linguagem reflete nossa organização e estrutura conceitual, é lógico pensar que no processo de aquisição de línguas a estrutura conceitual sofre uma espécie de reorganização; se desejamos ter acesso ao *lexicon* mental, deveremos, em muitos casos, procurar além do dicionário; se partirmos da literalidade na construção metafórica, chegaremos a conclusões falsas, por isso precisamos de outros mecanismos de interpretação; se desconstruirmos algumas das nossas manifestações performáticas, chegaremos a compreender porque elas acontecem dessa forma e não de outra.

⁴⁹ Marco común europeo de referencia para las lenguas: aprendizaje, enseñanza, evaluación.
<http://cvc.cervantes.es/obref/marco/>

Somos seres eminentemente semióticos, e o fato de que nas manifestações verbais e condutuais exista uma motivação fortemente cognitiva e cultural, permite pensar, inclusive, na busca de equivalências na nossa língua/cultura de origem para facilitar a compressão de conteúdos provenientes de outras línguas/culturas. Chamar a atenção sobre esses processos inconscientes, responsáveis pela construção de sentidos e fundamentais para os processos de comunicação efetiva, e evidenciar os contrastes que surgirem, rende mais benefícios do que a simples elucubração, assunção de realidades *per se*, e nos faz transformar a nossa própria cultura, o nosso saber, na principal ferramenta de trabalho.

REFERÊNCIAS

ALARCÓN, P. El acto sexual es comer. **Revista de Lingüística Teórica y Aplicada**. n.40, 2002. p. 74-24.

BAUER, W. & GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BRIZ, E. A. Cortesía verbal codificada y cortesía verbal interpretada. In: Bravo, D. y Briz, E. A. (coord.). **Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español**. España: Ariel, 2004. p. 67-94.

BROWN, P. & LEVINSON, S. **Some Universals in Language Usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CESTERO, A. M. Conversación y enseñanza de lenguas extranjeras. **Cuadernos de didáctica del español/LE**. Madrid: Arco Libros, 2005.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUCS, 2000.

DEL VALLE, J. La lengua patria común: *La Hispanofonía* y el Nacionalismo Hispánico. In: _____. (ed). **La lengua, ¿Patria Común?** Ideas e Ideologías del Español. Madrid: Vervuert Iberoamericana, 2007. p. 31-56.

_____. La RAE y el Español Total. ¿Esfera pública o comunidad discursiva?. In: _____. **La lengua, ¿Patria Común?** Ideas e Ideologías del Español. Madrid: Vervuert Iberoamericana, 2007. p. 81-96.

DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. (orgs). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

FILLMORE, C. An Alternative Checklist Theories of Meaning. **Proceedings of the Annual Meeting of Berkley Linguistics Society**, ed. Cogen et al, 123-131. University of California, Berkeley, 1975.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONTANA, A. & FREY, J. H. Interviewing. In: Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (eds). **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 1994. p. 361-376.

FREEBODY, P. **Qualitative research in education: interaction and practice**. London: Sage, 2003.

GERGEN, M. M. & GERGEN, K. J. Investigação qualitativa: tensões e transformações. In DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. (orgs). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 367-388.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GODDARD, C. & WIERZBICKA, A. Discourse and Culture. In: Teun Van Dijk (ed) **Discourse as a Social Interaction**. London: Sage, 1997. pp. 231-259.

_____. Semantics Primes and Cultural Scripts in Language Learning and Intercultural Communication. In: Farzad, S. & Palmer, G. (eds.). **Applied Cultural Linguistics: Implications for second language learning and intercultural communications**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007.

GODDARD, C. On-going Development of the NSM Research Program. In: Cliff, G. & Wierzbicka, A. (eds.) **Meaning and Universal Grammar – Theory and Empirical Findings**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002. v. II. p. 301-314.

GUILLÉN, C. (2005): Los contenidos culturales. In: Sánchez Lobato, J. & Santos Gallardo, I. (eds.) **Vademécum para la formación de profesores**. Madrid: SGEL, 2005. p. 835-851.

GRICE, P. Logic and Conversation. In: Cole, P. & Morgan, J. (eds.). **Syntax and Semantics: Speech Acts**. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58.

HAENSCH, G. El español de América y el español de Europa. **Panacea@. Boletín de Medicina y Traducción**. v. 2, n. 6, p. 64-72. Dic, 2001. Primera parte. Disponível em: http://www.tremedica.org/panacea/PanaceaPDFs/Panacea6_Diciembre_2001.pdf. Acesso em:

_____. El español de América y el español de Europa. **Panacea@. Boletín de Medicina y Traducción**. v. 2, n. 6, p. 37-64. Mar, 2002. Segunda parte. Disponível em: http://www.tremedica.org/panacea/PanaceaPDFs/Panacea7_Marzo2002.pdf Acesso em:

JOHNSON, D. M. **Approaches to research in second language learning**. London: Longman Publishing Group, 1992.

KRAMSCH, C. **Language and Culture**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

KÖVECSES, Z. **Methapor in Culture: Universality and Variation**. New York: Cambridge University Press, 2005.

_____. **Language, Mind and Culture**. A practical Introduction. Oxford: University Press, 2006.

LABOV, W. The boundaries of words and their meaning. In: Bailey, C.J. & Shuy, R. W. (eds.) **New ways of analyzing variation in English**. Washington: Georgetown University Press, 1973. p. 340-373.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metáforas de la vida cotidiana**. Madrid: Cátedra, 1986. (trad.)

LAKOFF, G. **Women Fire and Dangerous Things**. Chicago: Chicago University Press, 1978.

_____. G. **The Contemporary Theory of Metaphor**. To Appear in Ortony, Andrew (ed.) *Metaphor and Thought* (2nd edition), Cambridge University Press, 1992. Disponível on-line: <http://uchcom.botik.ru/IHPCS/MET/WebLibrary/Lakoff/The-Contemporary-Theory-of-Metaphor.html>. (Acesso em: 17/11/2008)

LEHMANN, CH. Data in linguistics. **The Linguistics Review**. v. 21, n 3-4, 175-210. Set. 2004.

LOWE, J. B.; BAKER & FILLMORE, C. A frame-semantic approach to semantic annotation. In **Proceedings of the SOGLEX workshop** Tagging text with Lexical Semantics: Why, What and How? April 4-5, Washington, D.C. in conjunction with ANPL-1997.

MARCONI, M. e LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas internacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MORENO, F. **Principios de la sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

_____. Qué español enseñar. **Cuadernos de didáctica del español/LE**. Madrid: Arco Libros. 2000.

NUNAN, D. **Research method in language learning**. Cambridge: Cambridge University Press. 1997.

PAIVA, A. Análise da conversação. In MUSSALIM, F & NETES, A. (Orgs) **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez Editora. 2004.

PUGA, J. Elusión e insinuación: la atenuación en el castellano de chile. **Revista de Lingüística Teórica y Aplicada**. v. 37, 123-138. Jan. 1999.

RIVANO, E. Un modelo para la descripción y análisis de la metáfora. **Logos**. 9. 1999.

ROSA, M. V. F. P. C. & ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ROSCH, E. Natural Categories. **Cognitive Psychology**. 4, 328-350. 1973.

SILVEIRA, R. M. H. A. A entrevista na pesquisa em educação: uma arena de significados. In: COSTA, M. V. (org). **Caminhos investigativos II: outros modos de fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A. 2002.

STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. (eds). **Handbook of qualitative research**. London: Sage, 1994. pp. 236-247.

SZYMANSKI, H. (org.) **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva.** Brasília: Liberlivro, 2004.

TAYLOR, J. R. **Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory.** Oxford: Oxford University Press, 1989.

WIERZBICKA, A. Cultural Scripts: A semantic Approach to Cultural Analysis and Cross-Cultural Communications. In **Pragmatics and Language Learning.** Monograph Series. v. 5. Pl 24, 1994. p. 2-25.

WIERZBICKA, A. The double life of a bilingual: A cross-cultural perspective. In: Bond, M. (ed.) **Working at the Interface of Culture: Eighteen lives in social sciences.** London: Routledge, 1997. p. 113-125.

ANEXOS

Questionários

Transcrições das entrevistas



Universidade de Brasília (UnB)
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET)
Mestrado em Linguística Aplicada

Cuestionario

Seudónimo: S1

Edad: 42

Nacionalidad: Español

Ciudad Natal: Almería

Países donde ha vivido: España, Marruecos, Inglaterra, Brasil

Tiempo de permanencia: Marruecos 2 años, Inglaterra 9 años, Brasil 10 meses, el resto en España

A continuación le presentamos algunas actividades que deberá realizar. Por favor, trate de responderlas en su totalidad y sea lo más espontáneo que pueda. Si lo desea, puede agregar algún comentario. Su identidad y respuestas serán utilizadas sólo para fines académicos, y se mantendrá la confidencialidad de las mismas.

1) Mencione entre 5 y 10 palabras que crea están asociadas a su cultura.

familia	amistad	comida	fiesta	Campo

2) Cuando ve o escucha estas palabras piensa en: (escriba una lista de palabras que, de forma espontánea, asocie con las que le hemos dado)

Así como en la actividad anterior, no existen respuestas correctas o incorrectas. Si alguna de las palabras no le genera ningún tipo de asociación, déjela en blanco. Tampoco hay un número exacto de asociaciones que deba realizar.

TOROS: fiesta, tradición, arte, belleza, fuerza, muerte

MAR: sol, amigos, cerveza, pescaíto, juego

CHÉVERE: guay

REY:

VINO: amigos, fiesta, familia,

BEISBOL:

FÚTBOL: amigos, bares, conversación, vino, domingo

BACÁN:

MAMITA: casa, hogar,

INVIERNO: chimenea, comida, frío,

3) Lea el siguiente diálogo. Se trata de una conversación telefónica entre dos personas que se conocen y hace mucho que no se ven.

- ¡Hola! hace tiempo que no hablamos. Cuéntame, ¿cómo te va?
- Bien, bien. Trabajando mucho.

- ¡Qué bueno! Pues me alegra mucho saber de ti. Por cierto, hay un evento en tu ciudad, en julio y me han invitado a ir. Allá no conozco a nadie y estoy buscando donde quedarme. A ver si conoces un lugar que sea barato. Bueno, y también, a ver si aprovechamos, nos vemos un rato y conversamos.
- Justo para estas fechas no estaré en casa.
- ¡Que lástima! Si supieras de un hotel barato, avísame, por favor... o te llamo en estos días porque no estoy con mucho dinero y me urge ir.
- Vale, está bien. Déjame ver.
- Muchísimas gracias. Me alegra mucho haber hablado contigo y quedo pendiente a ver si me puedes ayudar. Te llamo en estos días. Gracias de nuevo. Un abrazo.
- Venga. Adiós.

Responda las siguientes preguntas:

3.1 ¿Qué cree que trata de decir la persona que llama?

Literalmente un lugar para quedarse, entre líneas un hueco en la casa de la persona a la que llama

3.2 De acuerdo a su respuesta. ¿Cree que respondería de la misma forma? Explique brevemente.

Depende de la relación con la otra persona, si no la conozco mucho si respondería igual...

3.3 En caso de que su respuesta sea negativa, elabore un diálogo que refleje como lo haría.

4) Lea los siguientes diálogos entre dos personas conocidas.

A:

- Oye, pero que blusa tan linda.
- Gracias. Está a tu orden.
- Gracias.

B:

- Pero que buena colección de discos que has hecho. Es fascinante.
- Bueno, tampoco son tantos. Muchos me los han regalado.

4.1 ¿Cómo definiría estas situaciones?, ¿qué tipo de acto comunicativo cree que se está realizando?

Cumplidos y respuesta a los cumplidos

4.2 ¿Se ha identificado con alguno de los diálogos?

Con la segunda

4.3 ¿Con cuál de ellos?, ¿por qué? Explique.

Con la segunda, Porque es similar a lo que hacemos los españoles en estas situaciones

4.4 En una situación semejante: ¿Diría y le dirían lo mismo?

Más o menos (Lo de la blusa solo se daría entre mujeres)

4.4 En caso de que no se identifique con el diálogo. Explique cómo se llevaría a cabo una situación similar en tu país.

5) Lea con atención las siguientes expresiones.

A este tipo lo poncharon.
 Menos mal que estaba allí para echarle un capote.
 A esta mujer le dieron la puntilla.
 Siempre me das base por bola.
 Yo bailo al son que me toquen
 Este tipo me echa los perros.
 Eres una rata.
 Ese hombre es un cuarto bate.
 Me saca la piedra cuando dices eso.
 Estoy pelando.
 Había gente que juega garrote.
 Me agarraron fuera de base.

Ahora, en relación a las frases, responda:

5.1 En términos generales, ¿le dicen algo?
 Algunas si, otras no

5.2 Señale con una equis (x), en las columnas respectivas, cual o cuales conoce y usaría en su habla cotidiana.

	la conozco	la uso
A ese tipo lo poncharon		
Menos mal que estaba allí para echarle un capote	x	
A esa mujer le dieron la puntilla	x	
Siempre me das base por bola		
Yo bailo al son que me toquen	x	
Ese tipo me echa los perros	x	
Eres una rata	x	X
Ese hombre es un cuarto bate		
Me saca la piedra cuando me dices eso		
Estoy pelando		
Había gente que juega garrote		
Me agarraron fuera de base		

5.3 ¿Con qué las asocia?. Escriba a lado las ideas que le surjan, pueden ser palabras o frases. Si no se le ocurre nada con facilidad, déjelo en blanco.

A este tipo lo poncharon:
 Menos mal que estaba allí para echarle un capote: ayudar
 A esta mujer le dieron la puntilla: la cagaron
 Siempre me das base por bola:

Yo bailo al son que me toquen: hago lo que conviene
Te echaron los perros: te recibieron mal
Eres una rata: tacaño
Me saca la piedra cuando dices eso:
Estoy pelando:
Había gente que juega garrote:
Me agarraron fuera de base:

5.4 Aunque no sean iguales, ¿existe alguna equivalente para estas expresiones en su país?
Mencione cual y escriba el equivalente.
Las que conozco es porque son equivalentes en mi país

5.6 ¿Recuerda alguna frase que considere de uso frecuente en su país? Menciónela.
Tomar el pelo
Sacar de quicio

Muchas gracias por sus respuestas.
Alba Escalante



Universidade de Brasília (UnB)
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET)
Mestrado em Linguística Aplicada

Cuestionario

Seudónimo: S2

Edad: 48

Nacionalidad: Colombiana

Ciudad Natal: Pesca (Boyacá)

Países donde ha vivido: Colombia y Brasil

Tiempo de permanencia: Colombia (45 años) – Brasil (3)

A continuación le presentamos algunas actividades que deberá realizar. Por favor, trate de responderlas en su totalidad y sea lo más espontáneo que pueda. Si lo desea, puede agregar algún comentario. Su identidad y respuestas serán utilizadas sólo para fines académicos, y se mantendrá la confidencialidad de las mismas.

6) Mencione entre 5 y 10 palabras que crea están asociadas a su cultura.

Alegría	Pasión	Libertad	Identidad	Cultura
Unión	Familia	Lucha	Berraquera	Paz

7) Cuando ve o escucha estas palabras piensa en: (escriba una lista de palabras que, de forma espontánea, asocie con las que le hemos dado)

Así como en la actividad anterior, no existen respuestas correctas o incorrectas. Si alguna de las palabras no le genera ningún tipo de asociación, déjela en blanco. Tampoco hay un número exacto de asociaciones que deba realizar.

TOROS: España, fuerza, agresividad, monumental

MAR: vida, color, relajamiento

CHÉVERE: bacano, bacán, súper!!

REY: orden, mando, seguridad, meta

VINO: gusto, color, sabor

BEISBOL: niñez

FÚTBOL: emoción para unos, manipulación

BACÁN: chévere, bueno, amigo

MAMITA: amor, piropo

INVIERNO: sentimiento

8) Lea el siguiente diálogo. Se trata de una conversación telefónica entre dos personas que se conocen y hace mucho que no se ven.

- ¡Hola! hace tiempo que no hablamos. Cuéntame, ¿cómo te va?
- Bien, bien. Trabajando mucho.

- ¡Qué bueno! Pues me alegra mucho saber de ti. Por cierto, hay un evento en tu ciudad, en julio y me han invitado a ir. Allá no conozco a nadie y estoy buscando donde quedarme. A ver si conoces un lugar que sea barato. Bueno, y también, a ver si aprovechamos, nos vemos un rato y conversamos.
- Justo para estas fechas no estaré en casa.
- ¡Que lástima! Si supieras de un hotel barato, avísame, por favor... o te llamo en estos días porque no estoy con mucho dinero y me urge ir.
- Vale, está bien. Déjame ver.
- Muchísimas gracias. Me alegra mucho haber hablado contigo y quedo pendiente a ver si me puedes ayudar. Te llamo en estos días. Gracias de nuevo. Un abrazo.
- Venga. Adiós.

Responda las siguientes preguntas:

3.1 ¿Qué cree que trata de decir la persona que llama?

Quiere que lo deje hospedar en su casa.

3.2 De acuerdo a su respuesta. ¿Cree que respondería de la misma forma? Explique brevemente.

No soy capaz. Seguro que termino ayudándolo, y no viajaría.

3.3 En caso de que su respuesta sea negativa, elabore un diálogo que refleje como lo haría.

9) Lea los siguientes diálogos entre dos personas conocidas.

A:

- Oye, pero que blusa tan linda.
- Gracias. Está a tu orden.
- Gracias.

B:

- Pero que buena colección de discos que has hecho. Es fascinante.
- Bueno, tampoco son tantos. Muchos me los han regalado.

4.1 ¿Cómo definiría estas situaciones?, ¿qué tipo de acto comunicativo cree que se está realizando? **Puede ser una situación de “echar cepillo” o un cumplido.**

4.2 ¿Se ha identificado con alguno de los diálogos?

No... por la forma de decirlo. No tiene que decir que son pocos.

4.3 ¿Con cuál de ellos?, ¿por qué? Explique.

4.4 En una situación semejante: ¿Diría y le dirían lo mismo?

- **Oiga que bonito eso, donde lo compró.**
- **Pues en una tienda muy buena...**

4.4 En caso de que no se identifique con el diálogo. Explique cómo se llevaría a cabo una situación similar en tu país.

10) Lea con atención las siguientes expresiones.

A este tipo lo poncharon.
 Menos mal que estaba allí para echarle un capote.
 A esta mujer le dieron la puntilla.
 Siempre me das base por bola.
 Yo bailo al son que me toquen
 Este tipo me echa los perros.
 Eres una rata.
 Ese hombre es un cuarto bate.
 Me saca la piedra cuando dices eso.
 Estoy pelando.
 Había gente que juega garrote.
 Me agarraron fuera de base.

Ahora, en relación a las frases, responda

5.1 En términos generales, ¿le dicen algo?

5.2 Señale con una equis (x), en las columnas respectivas, cual o cuales conoce y usaría en su habla cotidiana.

	la conozco	la uso
A ese tipo lo poncharon	X	
Menos mal que estaba allí para echarle un capote		
A esa mujer le dieron la puntilla		
Siempre me das base por bola		
Yo bailo al son que me toquen	X	
Ese tipo me echa los perros	X	
Eres una rata		
Ese hombre es un cuarto bate		
Me saca la piedra cuando me dices eso	X	
Estoy pelando	X	
Había gente que juega garrote		
Me agarraron fuera de base	X	

5.3 ¿Con qué las asocia? Escriba a lado las ideas que le surjan, pueden ser palabras o frases. Si no se le ocurre nada con facilidad, déjelo en blanco.

A este tipo lo poncharon: **lo cogieron**
 Menos mal que estaba allí para echarle un capote:
 A esta mujer le dieron la puntilla: **le dieron duro**
 Siempre me das base por bola:
 Yo bailo al son que me toquen: **venganza, ojo por ojo**
 Te echaron los perros: **están buscándote por...**

Eres una rata: **insulto**

Me saca la piedra cuando dices eso: **me da rabia, mal genio, me emputa...**

Estoy pelando:

Había gente que juega garrote:

Me agarraron fuera de base:

5.4 Aunque no sean iguales, ¿existe alguna equivalente para estas expresiones en su país?

Mencione cual y escriba el equivalente.

Para lo poncharon diría, lo pillaron.

5.6 ¿Recuerda alguna frase que considere de uso frecuente en su país? Menciónela.

SE LO DIJE, CUÍDESE DEL SERENO, CÓJALE LA PLACA AL TAXISTA, ETC.

Muchas gracias por sus respuestas.

Alba Escalante



Universidade de Brasília (UnB)
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET)
Mestrado em Linguística Aplicada

Cuestionario

Seudónimo: S3

Edad: 49

Nacionalidad: Venezolana

Ciudad Natal: Ciudad Bolívar

Países donde ha vivido: Venezuela y Brasil

Tiempo de permanencia: Brasil (1 año y 8 meses)

A continuación le presentamos algunas actividades que deberá realizar. Por favor, trate de responderlas en su totalidad y sea lo más espontáneo que pueda. Si lo desea, puede agregar algún comentario. Su identidad y respuestas serán utilizadas sólo para fines académicos, y se mantendrá la confidencialidad de las mismas.

11) Mencione entre 5 y 10 palabras que crea están asociadas a su cultura.

Ahí mismo	Ratito	Mijita	Pendejo	Carajito
Mi alma	Ve.	Buena nota	Chama	Vaina

12) Cuando ve o escucha estas palabras piensa en: (escriba una lista de palabras que, de forma espontánea, asocie con las que le hemos dado)

Así como en la actividad anterior, no existen respuestas correctas o incorrectas. Si alguna de las palabras no le genera ningún tipo de asociación, déjela en blanco. Tampoco hay un número exacto de asociaciones que deba realizar.

TOROS: España, corridas de toros, coleadas, poder, fuerza

MAR: Arena, sal, agua, sol, disfrute

CHÉVERE: algo bueno, todo está bien... (Respuesta a un saludo)

REY: España, reyes de Europa

VINO: Uvas, buen sabor, viñedos, Italia, Francia, Chile

BEISBOL: Caracas – Magallanes, Ciudad Universitaria, papita, maní, tostón, Venezuela

FÚTBOL: La VINOTINTO, fanáticos, espectáculos, dinero

BACÁN:

MAMITA: gente querida, madre muy querida, mujer buenota, piropo

INVIERNO: estaciones, frío, nieve, abrigos, chocolate caliente, churros

13) Lea el siguiente diálogo. Se trata de una conversación telefónica entre dos personas que se conocen y hace mucho que no se ven.

- ¡Hola! hace tiempo que no hablamos. Cuéntame, ¿cómo te va?
- Bien, bien. Trabajando mucho.

- ¡Qué bueno! Pues me alegra mucho saber de ti. Por cierto, hay un evento en tu ciudad, en julio y me han invitado a ir. Allá no conozco a nadie y estoy buscando donde quedarme. A ver si conoces un lugar que sea barato. Bueno, y también, a ver si aprovechamos, nos vemos un rato y conversamos.
- Justo para estas fechas no estaré en casa.
- ¡Que lástima! Si supieras de un hotel barato, avísame, por favor... o te llamo en estos días porque no estoy con mucho dinero y me urge ir.
- Vale, está bien. Déjame ver.
- Muchísimas gracias. Me alegra mucho haber hablado contigo y quedo pendiente a ver si me puedes ayudar. Te llamo en estos días. Gracias de nuevo. Un abrazo.
- Venga. Adiós.

Responda las siguientes preguntas:

3.1 ¿Qué cree que trata de decir la persona que llama?

ESTÁ PIDIENDO ALOJAMIENTO

3.2 De acuerdo a su respuesta. ¿Cree que respondería de la misma forma? Explique brevemente.

RESPONDERÍA MÁS O MENOS ASÍ. SI NO DESEO TENERLO COMO HUESPED LE DARÍA UNA EXCUSA, QUE ESTARÉ DE VACACIONES, QUE LA CASA ESTÁ LLENA, QUE PODEMOS CENAR ESTA NOCHE Y ACTUALIZARNOS.

3.3 En caso de que su respuesta sea negativa, elabore un diálogo que refleje como lo haría.

14) Lea los siguientes diálogos entre dos personas conocidas.

A:

- Oye, pero que blusa tan linda.
- Gracias. Está a tu orden.
- Gracias.

B:

- Pero que buena colección de discos que has hecho. Es fascinante.
- Bueno, tampoco son tantos. Muchos me los han regalado.

4.1 ¿Cómo definiría estas situaciones?, ¿qué tipo de acto comunicativo cree que se está realizando? EN AMBOS CASOS LA PRIMERA PERSONA ESTÁ ESTABLECIENDO UN CONTACTO A TRAVÉS DEL HALAGO. EN A: LA SEGUNDA PERSONA ES CORTÉS, PERO PARCA.

4.2 ¿Se ha identificado con alguno de los diálogos?

EN EL A: ES UNA FORMA DE ENTRAR DE LAS MUJERES.

4.3 ¿Con cuál de ellos?, ¿por qué? Explique.

EL A, PORQUE CUALQUIER MUJER HABLA DE ROPA Y NOS AGRADA QUE NOS DIGAN QUE ESTAMOS BONITAS, BIEN VESTIDAS, ESO DA PIE A QUE UNA SEA AMABLE Y DE REPENTE ABRIRNOS AL CONTACTO.

4.4 En una situación semejante: ¿Diría y le dirían lo mismo?

4.4 En caso de que no se identifique con el diálogo. Explique cómo se llevaría a cabo una situación similar en tu país.

-CHAMA, QUE BLUSA TAN LINDA. ¿DÓNDE LA COMPRASTE?

- NIÑA, VERDAD QUE ES UN SUEÑO, ME LA COMPRÉ EN ELMER... (el mercado)

- risas...

15) Lea con atención las siguientes expresiones.

A este tipo lo poncharon.

Menos mal que estaba allí para echarte un capote.

A esta mujer le dieron la puntilla.

Siempre me das base por bola.

Yo bailo al son que me toquen

Este tipo me echa los perros.

Eres una rata.

Ese hombre es un cuarto bate.

Me saca la piedra cuando dices eso.

Estoy pelando.

Había gente que juega garrote.

Me agarraron fuera de base.

Ahora, en relación a las frases, responda

5.1 En términos generales, ¿le dicen algo?

5.2 Señale con una equis (x), en las columnas respectivas, cual o cuales conoce y usaría en su habla cotidiana.

	la conozco	la uso
A ese tipo lo poncharon	X	
Menos mal que estaba allí para echarte un capote	X	
A esa mujer le dieron la puntilla	X	
Siempre me das base por bola		X
Yo bailo al son que me toquen	X	X
Ese tipo me echa los perros	X	X
Eres una rata	X	X
Ese hombre es un cuarto bate		X
Me saca la piedra cuando me dices eso	X	X
Estoy pelando	X	
Había gente que juega garrote	X	X
Me agarraron fuera de base	X	X

5.3 ¿Con qué las asocia? Escriba a lado las ideas que le surjan, pueden ser palabras o frases. Si no se le ocurre nada con facilidad, déjelo en blanco.

A este tipo lo poncharon: lo dejaron fuera del juego

Menos mal que estaba allí para echarte un capote: Ayuda a tiempo, echarte una mano, hacerte la segunda.

A esta mujer le dieron la puntilla:

Siempre me das base por bola: alguien que te lleva la delantera o te jode

Yo bailo al son que me toquen: fluir con las situaciones, dejarte llevar

Te echaron los perros: alguien me está enamorando, le gusto

Eres una rata: persona maliciosa, hábil o mala gente

Me saca la piedra cuando dices eso: cosas, actitudes que no soporto

Estoy pelando: no tener dinero

Había gente que juega garrote: un gentío, muchas personas reunidas

Me agarraron fuera de base: cuando me preguntas cosas que no sé o no están listas

5.4 Aunque no sean iguales, ¿existe alguna equivalente para estas expresiones en su país?

Mencione cual y escriba el equivalente.

Había gente como arroz

5.6 ¿Recuerda alguna frase que considere de uso frecuente en su país? Menciónela.

Este me vio cara de pendejo

Muchas gracias por sus respuestas.

Alba Escalante

Entrevista realizada num espaço público, escolhido pelo participante, no dia 10/07/2008 às 14:00 horas.

Duração da entrevista: 30 minutos.

Duração da tradução: 2 horas.

ENTREVISTA S1

1	E: <i>¿Por qué colocaste estas palabras asociadas a tu cultura...?</i>
2	S1: Bueno, me imagino que es porque es lo que recuerdo, como hace mucho que no
3	vivo en España, entonces recuerdo mucho a la FAMILIA, a los amigos desde que soy
4	pequeñito y además, cuando vuelvo, incluso en el recuerdo es lo que más me viene a
5	la cabeza, LA COMIDA... la comida con los amigos, con la familia, la comida típica
6	de mi región. LA FIESTA. Cuando hablo de la fiesta, vamos... también es la forma
7	de divertirse... a la fiesta típica de mi región. Digamos que periódicamente hay un
8	tipo de fiestas. Cómo se celebran las navidades, cómo se celebran las fiestas
9	patronales del pueblo, ese tipo de cosas. Y el campo porque yo soy de una aldea
10	pequeñita... entonces, para mí... mi entorno es el campo...
11	A pesar del tiempo que tengo fuera soy muy español, la comida, la familia... cuando
12	vivía en Londres no entendía como los padres, los abuelos, los mayores vivían
13	solos... yo viví con mi abuela. Allá vivimos con los mayores, no los dejamos solos.
14	E: <i>Cuando dices, como se divierten los españoles, cómo es eso...</i>
15	S1: Bueno, cómo se divierte la gente de MI ZONA. En los españoles hay muchísimas
16	diferencias. Aunque tenemos muchas cosas en común. Son fiestas muy sociales, de
17	socializar muchísimo, de ligar muchísimo, de compartir muchas cosas, de conocer
18	gente, de hacer amigos, de beber, muy... digamos que de un espíritu muy abierto en
19	todos los sentidos.
20	E: <i>¿Abierto...?</i>
21	S1: Digamos que las fiestas podrían ser una especie de... tubo de escape. Hoy en día
22	no, pero siguen siendo un espacio de tolerancia en muchos sentidos. Cosas que a lo
23	mejor no se pueden tolerar fuera de la fiesta... un consumo más excesivo de alcohol,
24	se puede tolerar en las fiestas, una relación más descarada con una mujer se puede
25	tolerar en las fiestas, cosas que fuera de la fiesta no se tolerarían... es un medio donde
26	se entablan muchas relaciones, en la fiesta...
27	E: <i>Ahora vamos para esta parte. ¿Has dejado algunas palabras en blanco?</i>
28	S1: De los toros, LA FIESTA NACIONAL. Normalmente se celebran coincidiendo
29	con la fiesta de una ciudad... se celebra la corrida. Por supuesto, tradición, es una
30	tradición muy arraigada, no es tan antigua como la gente piensa.
31	Veo arte, muchísimo arte, y por supuesto si veo arte veo belleza... y en ese, digamos,
32	los elementos del arte son la fuerza y la muerte. Alguien tiene que morir, o el toro o
33	el torero, y se hace de una forma artística, no se hace de una forma cobarde.
34	E: <i>El mar.</i>
35	S1: Jugar en la playa, todo tipo de juego, al fútbol, a la pelota, con los sobrinos, con
36	las niñas... jugar. En las playas de España, el pescaito frito con una cerveza helada es
37	una de las delicias que se ofrecen en las playas de España.
38	E: <i>Chévere. ¿Has colocado guay...?</i>
39	S1: Qué guay... chévere... algo que te gusta. Es amplísimo, una cosa bonita, una
40	persona que te gusta, un puesto de trabajo, algo que te reconforta en cualquier
41	sentido... es guay... que chévere no lo usamos.
42	E: <i>¿Y rey?</i>
43	S1: Nada, no me dice nada... NO SOY ANTIMORAQUICO, yo nací en la época de

44 Franco... aunque no me acuerde de la época de Franco... desde que tengo memoria
 45 para mí ha sido democracia. Reconozco el papel para la democracia de Juan Carlos,
 46 veo su utilidad pero a mí no me dice nada.

47 E: *¿Crees que esa palabra le dice algo a los españoles?*
 48 Es muy popular en España. Yo no sé qué porcentaje de españoles están convencidos
 49 de que lo que necesitamos es una monarquía. Yo no soy ni monárquico, ni
 50 antimonárquico, me da igual, es decir, me da igual pagar a un presidente que a un
 51 Rey, es igual.

52 E: *¿Vino?*
 53 S1: Mi padre hacía vino, yo lo ayudaba a mi padre a hacer vino. Para mí el vino... en
 54 mi casa no se puede cenar sin vino.

55 E: *Béisbol...*
 56 S1: No sé, eso es para gringos. En España no se sabe ni lo que significa.

57 E: *Fútbol...*
 58 S1: Un poco como lo de la playa, pero con los amigos. Normalmente sin chicas...
 59 porque el partido de la liga son los domingos. Ahora ya las chicas se están
 60 aficionando al fútbol.

61 E: *¿Y Bacán?*
 62 S1: No sé lo que significa.

63 E: *¿Mamita?*
 64 S1: Yo no uso mamita, digo madre, pero sí me trae esa idea a la cabeza. Casa, hogar,
 65 cariñitos, calentito.

66 E: *Invierno*
 67 S1: Me encanta el invierno, soy de un pueblo de la sierra. El fuego, comer en el
 68 fuego, el frío ese que te invita a estar en el interior.

69 **CAMBIO DE TÓPICO**

70 E: *Has colocado... literalmente un lugar, entre líneas un hueco.*
 71 S1: Me han invitado a ir, allá no conozco a nadie y yo no tengo donde quedarme. Está
 72 lanzando un mensaje, un mensaje que es DIRECTÍSIMO, vamos... este tipo de
 73 mensaje directísimo, pero que indirectamente lo que quiere es que lo invite se hace
 74 también entre españoles, es una forma de hacerlo y si cuela, cuela... sí, porque un
 75 amigo no te habla así... un amigo, amigo te dice, oye, ¿hay sitio en tu casa? PUNTO.
 76 Y un no amigo, que es conocido y que tenga cierta consideración contigo te diría,
 77 recomiéndame un hotel. No diría, no conozco a nadie, cuando ya conoces a la
 78 persona con la que estás hablando. Hay un mensaje ambiguo ahí, que a mí, en
 79 principio no me gusta. Me gusta que me lo digan claramente, mira, ¿hay sitio en tu
 80 casa? Y yo le diré, pues, sí o no. Un amigo no tiene que andar con rodeos. Es decir,
 81 ¿me puedo quedar en tu casa?... pues sí, hombre, claro que sí.

82 E: *Y si tuvieras que decir que no...*
 83 S1: ¿A un amigo? Mira niño, está todo ocupado, lo siento muchísimo, te busco un
 84 hotel.

85 E: *¿Qué te parecen esas intervenciones?*
 86 S1: La relación no es muy estrecha... la persona que tiene que viajar está echando un
 87 poco de cara...

88 E: *¿Echando un poco de cara?*
 89 S1: Cara de pau...

90 E: *¿Cómo así?*
 91 S1: Es violentar. Desde mi punto de vista, lo normal es decir, mira Juan, necesito ir a
 92 tu ciudad, ¿tú tienes sitio en tu casa? Si no tienes no pasa nada, es decir, me
 93 recomiendo un hotel. Dejar las cosas claras. No dejar esa ambigüedad, echándole el

94	muerto al otro. Tú di, si me invitas o me buscas un hotel. ¿Yo qué tengo que ver
95	contigo? Eres tú el que necesita algo, PÍDELO. No vengas con vueltas.
96	E: <i>¿Estaría dejándole la responsabilidad al otro?</i>
97	S1: Sí... Un amigo no tiene que andar con rodeos.
98	E: <i>Ahora vamos a la otra situación...</i>
99	S1: Bueno, eso es típico de españoles también.
100	E: <i>¿Cuál?</i>
101	S1: Las dos... Claro, jamás diría está a tu orden, lo diría de otra manera. Cuando tu
102	quieras, cuando quieras te la dejo... Y el segundo, exactamente igual...
103	Evidentemente el primer diálogo sólo se daría entre chicas. Un español a otro, entre
104	chicos, no le hablaría de la ropa. Difícilmente y un español le hablaría a otro de la
105	ropa.
106	E: <i>¿Y el coche?</i>
107	S1: Qué cochazo. Vaya cochazo que tienes, niño.
108	E: <i>¿Y el otro que respondería?</i>
109	S1: Un coche no se ofrece. Es una especie de alter-ego. Yo le diría, pues sí, ¿te
110	gusta?... ¿te parece?... gracias.
111	E: <i>¿Y qué se ofrece?</i>
112	S1: Los discos, los libros, los objetos más...
113	E: <i>¿Y si fuera un libro?</i>
114	S1: Si somos amigos, llévatelo. Es muy bueno, te lo recomiendo.
115	E: <i>Y en el segundo caso, ya son los discos...</i>
116	S1: Es como lo de arriba. Esa falsa modestia que tenemos los latinos.
117	E: <i>¿Falsa modestia?</i>
118	S1: Podríamos decir, y sí, me ha costado mucho trabajo, te agradezco que lo
119	reconozcas... pero no, tenemos que decir... no, no son tantos, no es para tanto. Por la
120	educación, eso es lo que nos han enseñado. Yo creo que es por la educación católica
121	que nos ha jodido. Nos ha inculcado la modestia.
122	E: <i>¿Ser modesto es bueno?</i>
123	S1: Bueno, yo creo que casi todos los españoles, si lo piensan, si lo reflexionan no
124	creen que sea bueno, pero culturalmente respondemos así, estamos socializados así...
125	es curioso, por ejemplo, lo de arriba... porque si una chica le dice a otra chica, qué
126	guapa estás, empieza como a justificarse... en vez de decir, muchas gracias... pero si
127	me lo compré en las rebajas, pero si estoy muy gorda.
128	CAMBIO DE TÓPICO
129	S1: Casi todas las que conozco, las podría usar en algún momento, pero no las uso
130	con mucha frecuencia.
131	E: <i>¿Por qué?...</i>
132	S1: No sabría por qué... Quizás porque uso otras.
133	E: <i>Ahora, ser una rata, pareceras que la usas.</i>
134	S1: Ser UN rata... no una rata. Para mí es un rata, un rata. Es muy insultante.
135	Una falta de respeto. A mí me suena fatal. Para mí ser un rata es ser miserable,
136	agarrao... una rata suena muy mal.
137	E: <i>Colocaste, tacaño.</i>
138	S1: Tacaño, pero no tacaña, a una tía no le diría eso... suena muy mal.
139	E: <i>Y el resto... ¿no sabes a que se refieren?</i>
140	S1: No sé lo que es ponchar a alguien... me imagino que es joder... a alguien, pero
141	ponchar, no lo he escuchado en mi vida.
142	E: <i>¿Y ésta?</i>
143	S1: Qué me dan base por bola, me puedo imaginar que me dan gato por liebre, que

144	me engañen.
145	E: <i>¿Y la puntilla?</i>
146	S1: La terminaron de rematar... cuando un toro está moribundo se le da la puntilla.
147	Yo nunca diría eso, lo que se dice en España es... esto es ya la puntilla, el colmo, la
148	gota que ha derramado el vaso. La referencia es la puntilla de los toros.
149	E: <i>¿Y bailo...?</i>
150	S1: Bailo al son que me tocan, no que me toquen... Un pelotas, un adulador, ese
151	siempre baila al son que le tocan.
152	E: <i>¿Por qué le dicen pelotas al adulador?</i>
153	S1: Porque hace la pelota, no lo sé... no sé cuál es el origen. Y se usa mucho...
154	adular para sacarle algo a la gente...
155	E: <i>Y... te echaron los perros.</i>
156	S1: Puede ser recibir mal a alguien, puede ser echarte una bronca, echarte.
157	Figuradamente, imagínate que te sueltan los perros, esa es la imagen más
158	ilustrativa... llegas a una casa y te sacan los perros, cómo te reciben, fatal, ¿no?
159	E: <i>Has agregado en el cuestionario las frases: tomar el pelo y sacar de quicio...</i>
160	S1: Tomar el pelo es burlarse de alguien y sacar de quicio es poner nervioso a
161	alguien...
162	E: <i>Explícame un poco más.</i>
163	S1: Si tú estás trabajando y hay UN CAPULLO que te molesta que no te deja
164	trabajar... se lo dices una vez, dos, tres veces y, al final, te saca de quicio... le das
165	cuatro gritos porque te ha sacado de quicio.
166	E: <i>¿Qué eso de capullo?</i>
167	S1: Un capullo es un... boludo... que me toca los cojones cuando no debe.
168	E: <i>¿Alguien que te cae mal?</i>
169	S1: No necesariamente... una persona que puede tener un comportamiento como un
170	capullo... entonces, eres un capullo... es un boludo, o un pelotudo... no sé cómo lo
171	dirías tú... es un tipo que te puede andar molestando... como una mosca
172	((onomatopeya))... ese es un capullo... Es que eres UN CAPULLO, te dije que me
174	dejaras en paz CAPULLO...
175	E: <i>¿Eso es un insulto?</i>
176	S1: Sí... pero es un insulto suave... como buludo, o pelotudo... exactamente lo
177	mismo...
178	E: <i>¿Boludo o pelotudo que usan en Argentina?</i>
179	S1: Eso...
180	E: <i>¿Quieres agregar algo más?</i>
181	S1: No, no... nada más.

Entrevista realizada num espaço público, escolhido pelo participante, no dia 15/08/2008 às 15:00 horas.

Duração da entrevista: 40 minutos.

Duração da tradução: 3 horas.

ENTREVISTA S3

1	E: <i>Estas son las palabras que colocaste... ahora me vas a explicar por qué las</i>
2	<i>asocias a tu cultura.</i>
3	S3: Bueno, en primera instancia porque se usan mucho en el lenguaje cotidiano. Yo
4	soy de Ciudad Bolívar, Oriente del país. Por ejemplo, ahí mismito... todo para
5	nosotros es ahí mismito. Las personas no te ubican en un espacio, tiempo, dirección,
6	sino que te dicen que queda ahí mismito... DESPUÉS te tan la explicación de dónde
7	queda el ahí mismito. Y todos lo usamos.
8	E: <i>Pero significa qué significa.</i>
9	S3: puede ser a 10 minutos, a 15 minutos... es así como el ratito. Todo es ratico,
10	ratito... nosotros minimizamos mucho... mi amorcito, corazoncito, ratito, en un
11	ratito...
12	E: <i>¿Por qué crees que se usan tantos diminutivos?</i>
13	S3: Yo creo que nuestro lenguaje es cariñoso. Es una forma de... si se quiere, de
14	suavizar las palabras. Si tú dices un rato es como mucho más duro, pero si dices un
15	ratito eso le da suavidad a las palabras... es mejor ser más suave, más simpático.
16	E: <i>¿Y un ratito es qué?</i>
17	S3: No lo sabes, si no lo esperas.
18	E: <i>Y esta...</i>
19	S3: Mijita somos todas, es la hija, la amiga... es que no sabemos los nombres de
20	nadie... debe ser... y es una forma de dirigirte a alguien es decir: mijita. Muchas
21	personas también lo usan... es una forma de poner distancia, me he dado cuenta de
22	ese uso... alguien que tiene más poder y quiere ejercerlo usa mijita... Pendejo, en
23	Venezuela la usamos mucho, esa palabra, PENDEJO. Es una persona que hace algo,
24	que está perdiendo la oportunidad, eso te pasó por pendejo o que no está actuando
25	debidamente, es un pendejo... también es una forma hasta de llamarse... pendejo.
26	E: <i>Pendejo es una palabra vulgar ...</i>
27	S3: ERA... Después de que un gran escritor, novelista, Arturo Uslar Pietro la usó en
28	uno de esos programas culturales y dijo que el era un rolo e' pendejo, ya todo el
29	mundo usa pendejo como una palabra normal. Después que Uslar Pietro dijo que era
30	un pendejo, pendejo somos todos. Carajito es un niño, cualquier muchacho, lo
31	decimos para dirigirnos a cualquier persona pequeña, un niño.
32	Mi alma... mi alma, es una expresión AMOROSA, una forma de llamarnos una
33	expresión de CARIÑO entre gente que se conoce, no necesariamente tiene que ser tu
34	amiga, es una forma de comunicarte con una persona.
35	E: <i>Tú crees decir mi alma refiere cariño.</i>
36	S3: Para mí, por mis creencias, porque creo que el alma es una de las cosas más
37	preciadas que tenemos los seres humanos.
38	E: <i>Pero tú crees que la gente que la usa tiene esas creencias...</i>
39	S3: No... no tiene esa connotación, pero aunque no sé desde cuando lo decimos, ni
40	porqué lo dicen otras personas, creo que tiene que ver con un vínculo de afecto, pero
41	mucha gente lo usa sin necesidad de la connotación afectiva... VE es una muletilla en

- 42 Guayana, Ciudad Bolívar. En vez de decir escúchame, te dicen “ve”. Yo ahora lo veo
 43 muy cómico porque no tiene sentido, pero ya lo usé mucho, ahora no lo uso. Buena
 44 nota, es algo chévere, una persona chévere, algo que es bueno, que nos trae
 45 beneficios, que nos da alegría, se disfruta... CHAMA... todas las mujeres somos
 46 chamas, las mujeres jóvenes, nos llamamos chama y eso no tiene tanto tiempo de uso,
 47 creo que eso viene de México, del chamo mexicano, no sé... y vaina, vaina es lo más
 48 usado en nuestro país. Vaina es cualquier cosa, cuando se te olvida una palabra puede
 49 ser una vaina, a vaina le puedes dar el uso que quieras dependiendo de la forma como
 50 lo digas ya tiene una connotación y un significado diferente
- 51 E: *En este caso tienes las asociaciones: toros, con España, corridas. Cuéntame si*
 52 *coincides con lo que colocaste o se te ocurre algo más... Sobre toros...*
- 53 S3: No, mantengo lo que puse... creo que es un poco lo que culturalmente traigo en la
 54 cabeza, de dónde vienen los toros, vienen de la MADRE PATRIA como diríamos.
- 55 E: *¿y mar?*
- 56 S3: El mar es el mar... es agua, arena, sol, disfrute, para mí el mar es una cosa muy
 57 importante que ante todo es disfrute, bienestar. Chévere, algo bueno. Todo está bien,
 58 lo chévere es lo máximo. Chévere es estar muy bien para mí. Sigo sosteniendo lo que
 59 escribí aquí. Rey... la palabra rey... reyes de Europa, también, yo en este momento se
 60 me acaba de ocurrir, como dice el presidente, que rey también le dicen las mujeres
 61 amorosamente a las parejas, mi rey, no me acordaba pero si le dicen mi rey es una
 62 forma de expresarse cariñosamente entre las personas en Venezuela, otra de esas
 63 palabras cariñosas... que hay muchas.
- 64 E: *¿Y vino?*
- 65 S3: A mí me gusta el vino, me gusta beber vino y por eso lo relaciono con la vida
 66 feliz... el béisbol ... Venezuela es eso, Caracas, Magallanes, Ciudad Universitaria,
 67 papita, maní, tostón. Eso es TODO.
- 68 E: *Explicame qué significa papita, maní, tostón.*
- 69 S3: Cuando uno va a los juegos de béisbol, allí en el universitario, los vendedores
 70 ambulantes que van entre las gradas y venden papita, maní y tostón, y lo gritan a voz
 71 viva... PAPITA, MANÍ, TOSTÓN... tanto así que eso se volvió, en los narradores de
 72 noticias de béisbol, de deportes, cuando se ponchaba a algún bateador entonces
 73 dicen: ponchao, papita maní tostón, porque serían los tres strikes, entonces es algo así
 74 que tiene que ver con el béisbol.
- 75 E: *Y Caracas- Magallanes*
- 76 S3: Son dos equipos de béisbol, los grandes enemigos, los grandes adversarios de
 77 Venezuela.
- 78 E: *¿Y fútbol?*
- 79 S3: Fútbol es algo nuevo, para nosotros la vinotinto, yo lo relaciono con todas esas
 80 cosas y Brasil que es fútbol. Nosotros somos nuevos dentro de la cultura del fútbol, si
 81 no... tú dirías fútbol Brasil... Bacán no sé qué es.
- 82 E: *No pasa nada...*
- 83 S3: Mamita, también una expresión que usamos los venezolanos, de gente querida,
 84 para referirse, para llamarnos entre sí, pueden ser mujeres... mamá, mamasita,
 85 usamos mucho todos esos términos para referirnos, de gente, gente buena, una mujer
 86 que está muy bien, buenota, pero también cariño. Invierno es una estación frío, nieve,
 87 abrigo, chocolate caliente, churros, es en lo que nosotros pensamos cuando hace frío.
- 88 **CAMBIO DE TÓPICO**
- 89 S3: En el primer caso es alguien que quiere que lo invite para su casa y el otro lo
 90 manda para el carajo.
- 91 E: *¿Cómo es eso?*

92	S3: Que el tipo, ENTRE LÍNEAS, se puede leer que el tipo le está diciendo, bueno,
93	mira, voy para allá, recíbeme, estoy pelando, y el otro, muy disimuladamente le dice,
94	no estoy aquí, no estoy para ti.
95	E: <i>¿Y por qué se lo dice disimuladamente?</i>
96	S3: Porque no sabe decir que no.
97	E: <i>¿Y por qué dices que no sabe decir que no?</i>
98	S3: Eso es algo que hay que aprender en la vida, decir que no... sin que le quede a
99	uno culpa adentro.
100	E: <i>¿Culpa?</i>
101	S3: Por cultura...
102	E: <i>¿Puedes explicarme mejor?</i>
103	S3: Culturalmente nosotros somos criados para no decir no... no desobedecer, ser
104	amables, tienes que ser bueno y cuando dices no, no eres bueno... no eres buena
105	gente, no eres buena persona, eres un mal muchacho, eso lo tenemos implícito en...
106	decir no, en negar algo que tú no quieres. Entonces, generalmente, cuando le dices no
107	a una persona, no le dices no porque no me da la gana... podrías decirle, mira chamo,
108	no estoy pendiente de eso por equis circunstancia, pero no se hace.
109	E: <i>Entonces lo que se espera es que la persona haga...</i>
110	S3: Que te invite a su casa A JURO. El tipo, a regañadientes, o por no tener la
111	valentía de decir, mira, no me provoca tener gente en mi casa...
112	E: <i>¿Qué se diría habitualmente...?</i>
113	S3: Excusas... lo que se diría habitualmente es una excusa. Yo le hubiese dicho,
114	tengo la casa full... pero si tengo ocasión de tomarnos un café, una cosa... entonces
115	nos vemos.
116	E: <i>¿Y tú crees que lo que se espera es que la persona propicie esa invitación a verse</i>
117	<i>posteriormente?</i>
118	S3: De repente al que está pidiendo “asilo político” ((gesto)) no lo satisface porque no
119	es su expectativa... aquí son todo cosas de expectativas. La expectativa con la cual la
120	persona está llamando para que lo reciba y las expectativas del otro. Es una
121	negociación...
122	E: <i>¿Crees que éste sería el comportamiento de alguien que llama?</i>
123	S3: Eso depende de la persona, generalmente las personas son... CUIDADOSAS...
124	E: <i>¿Qué significa eso de ser cuidadosa?</i>
125	S3: Se van por las ramas, nunca van directamente... necesito... porque es una cosa
126	diferente... necesito que me recibas en tu casa, ahí es una pregunta donde la respuesta
127	es sí o no, pero eso es una necesidad muy urgente, es un caso extremo. Aquí hay
128	cierta ambigüedad en su petición, no parece una emergencia, por eso el tipo comienza
129	a dar vueltas... el otro comienza a dar alternativas para no entrar de lleno, yo siento
130	que es como adornar la situación y no decir las cosas directamente, eso es lo que se
131	espera.
132	E: <i>¿Y en estos casos? Vamos al primero. Aquí tú dices que la primera persona está</i>
133	<i>tratando establecer un contacto mayor. ¿Crees que el halago es una forma de</i>
134	<i>establecer contacto?</i>
135	S3: Generalmente sí... nosotros somos culturalmente educados para eso... a través
136	del halago hacia la persona, conseguir ENTRAR. Entrar no solamente en contacto,
137	sino conseguir algo, un trabajo a través del halago, aunque no estoy de acuerdo,
138	porque halagar es bueno y hasta gratificante... pero no siempre es así.
139	E: <i>¿Y esa forma?</i>
140	S3: Es un comentario muy femenino... para mí es un comentario femenino, las
141	mujeres nos hacemos ese tipo de halagos, sobre la blusa, sobre el vestir.

- 142 E: *Y si fuera un hombre...*
- 143 S3: No diría nada sobre la blusa, los hombres no detallan... el carro, por ejemplo, es
144 una conducta muy masculina...
- 145 E: *¿Y esa respuesta?*
- 146 S3: El hombre diría, sí vale, gracias... las mujeres sí... cuando hay cierta confianza
147 nos podemos hasta prestar la ropa.
- 148 E: *Pero cuando dice "a la orden" ¿es para prestársela?*
- 149 S3: No realmente... hay gente que jamás la prestaría, pero lo dice igual. Es algo que
150 nos han enseñado como CORTESÍA, cuando alguien te halaga tu agradeces y dices a
151 la orden, es una forma de cortesía... no es algo que sea llevado a la acción
152 inmediatamente... es algo que lo tenemos internalizado... que no te obliga a nada.
- 153 E: *Pero no estarías mintiendo si no se lo vas a prestar...*
- 154 S3: Sí, pero es algo que tenemos tan, tan, tan internalizado que nadie piensa que está
155 mintiendo, automáticamente tú dices, a la orden.
- 156 E: *¿Y la persona espera que se lo prestes?*
- 157 S3: Hay gente abusadora, pero la mayoría de la gente ya entiende, que es un tácito
158 acuerdo, que no te estás comprometiendo a prestarle nada... tú sabes hasta dónde
159 puedes ir.
- 160 E: *¿Y en el otro caso?*
- 161 S3: Esto da pie a una explicación... La gente muchas veces no acepta el éxito... te lo
162 ganaste, y aunque nos guste ser halagados nos minimizamos...
- 163 E: *¿Por qué?*
- 164 S3: Es ese concepto de lo bueno y lo malo... si esa persona acepta el logro... este es
165 un creído coño de madre... está mal visto que aceptes lo que has conseguido con tú
166 trabajo.
- 167 E: *O sea, lo que se espera es que minimices.*
- 168 S3: Sí, porque es humilde.
- 169 E: *¿Y la humildad es buena?*
- 170 S3: Para mí es buena y nos enseñan que seamos humildes. Una persona pretenciosa
171 nos cae mal... es bueno ser humildes, no ser pretenciosos.
- 172 **CAMBIO DE TÓPICO**
- 173 E: *Veamos las frases...*
- 174 S3: Algunas las conozco pero no las uso y otras las uso... las usaba. A ese tipo lo
175 poncharon viene del béisbol, lo dejaron fuera de juego. También usamos lo agarraron
176 fuera de base, es un cuarto bate, que es el mejor jugador, el que hace jonrón...
177 Siempre me das base por bola, que te lleva la delantera, que te jode... bailo al son que
178 me toquen, que te dejas fluir. Te echaron los perros que está interesado en ti, quiere
179 algo contigo. Una rata es una persona maliciosa, hábil, un mala gente.
- 180 Me saca la piedra es cuando hay algo que no soportas... y te saca la piedra, te saca de
181 las casillas, te enerva... aunque no sé de donde viene la piedra... a veces, decimos me
182 saca... Pelando, es cuando no tienes dinero, como el tipo que pide quedarse en tu
183 casa, que te lo pide así sea indirectamente porque esta pelando.
- 184 Había gente que juega garrote, no sé porqué se dice, pero es un gentío... y me
185 agarraron fuera de base, que también es del béisbol, como lo poncharon, que es
186 cuando te equivocas, te agarran desprevenida o no estás lista... o no sabes.
- 187 E: *¿Y las que has agregado?*
- 188 S3: En lugar de decir gente que juega garrote, yo diría que había gente como arroz.
189 Las personas mayores dirían otra... es lo mismo, mucha gente, pero de diferente
190 forma, aunque no sé de donde viene...
- 191 Y la de que me vio cara de pendejo, es que me engatusó, me mintió, me engañó, o

192	quiso hacerlo...
193	E: <i>¿Quieres agregar algo más?</i>
194	S3: ... Creo que no... no sé... ¿a ti te parece bien?
195	E: <i>Está bien.</i>

Entrevista realizada na sala de reuniões do local de trabalho do participante, no dia 28/12/2008 às 14:00 horas.

Duração da entrevista: 40 minutos.

Duração da tradução: 3 horas.

ENTREVISTA S4

1	E: <i>¿Por qué has elegido estas palabras?</i>
2	S4: Yo lo limité a España, la cultura más española castellana, entonces coloqué
3	alegría porque allí siempre se están celebrando fiestas y todo el mundo lo dice, que es
4	una sociedad muy alegre; pero también puse aquí violencia porque a lo largo de la
5	historia de España se ha demostrado que es una sociedad muy violenta; o sea, que es
6	alegre pero también muy violenta... el contraste. Lo de la guerra civil, por ejemplo, es
7	una historia terrorífica... como es posible que esas cosas... fiesta que viene muy
8	asociado a lo de alegría, cada pueblo tiene su fiesta, se emborrachan y celebran, sobre
9	todo en verano... pero están las Fallas también, San Fermín... son fiestas populares,
10	pueden ser relacionadas con algo religioso o no, y fanatismo, porque a lo largo de la
11	historia España ha sido muy fanática. De... por ejemplo, los conquistadores que
12	vinieron aquí que es un tema con el cual estoy familiarizado y me parece que eran
13	fanáticos y por eso hicieron las cosas que hicieron, para bien y para mal... ellos
14	luchaban por su Rey, eso por ejemplo ha desaparecido absolutamente en España, pero
15	en aquella época era la religión, el Rey, todo eso...
16	E: <i>¿Y tu crees que los españoles se definirían a sí mismos...?</i>
17	S4: Yo creo que sí... fiesta sí... alegría, sí... fanatismo y violencia al ser negativos no
18	lo dirían, pero es así. Historia, es más ambiguo... en Polonia siempre me decían lo de
19	la fiesta, la alegría, que siempre estamos de risa y esas cosas... fuera de España se ve
20	eso, como una pandereta de Europa.
21	E: <i>¿Una pandereta?, ¿el instrumento?</i>
22	S4: Sí, sí, como de alegría... pero es un poco negativo. Los ingleses siempre vienen a
23	España a emborracharse, a la playa, pues eso que es como muy... no es exigente, en
24	España no te exigen mucho. Simplemente vas ahí te lo pasas bien y, después vuelves
25	a tu país, y ya... Que tu no vas a Alemania o a otros países para hacer el bestia, y a
26	España si que vas, porque la gente también acompaña, permite...
27	E: <i>O sea, que es estimulado...</i>
28	S4: Claro, claro... uno va otro país y si le miran mal uno normalmente se corta...
29	pero en España se tolera. Te vas a la Fiesta de la Tomatina y tiras tomates, pues...
30	todo el mundo haciendo el burro, pues tú también... en Polonia les parecía raro... es
31	un pueblo que tira tomates... en otros lugares no puedes tirar tomates, en España te
32	dejan.
33	E: <i>Ahora vamos a esto... aquí tienes las primeras asociaciones y quiero que me digas</i>
34	<i>si las mantienes o si quieres agregar algo más...</i>
35	S4: Lo de los toros, yo tengo una relación amor odio con los toros y, después de
36	mucho pensar, me parece una tortura... y no lo soporto...pero es TRADICIONAL...
37	tiene su historia... a la mayoría de mis amigos no les gusta... pero a la gente mayor sí.
38	E: <i>Y el mar.</i>
39	S4: Miedo, porque a mí me da miedo, porque en Ávila no hay mar y entonces cuando
40	voy a algún sitio con mar me da un poco de respeto ¿no?... y la historia porque la
41	historia de España está muy vinculada al mar, desde el principio, desde los Romanos
42	y después nosotros... o sea, echarse al mar es una cosa que requiere mucha decisión

43	es... una historia apasionante...
44	E: <i>Me llama la atención que has repetido historia...</i>
45	S4: Yo tengo trabajo porque... por toda la expansión que se hizo del español en su
46	día, y eso fue porque unos señores hicieron aquí cosas malas y otras menos malas,
47	pero yo creo que eso ha marcado mucho... en España y en América, para bien y para
48	mal.
49	E: <i>Es un valor en España saber su propia historia...</i>
50	S4: NO... y normalmente... la historia de España, por ejemplo, la del siglo IXX fue
51	un desastre, o sea es una historia de secuencias de incompetencias... impresionante,
52	insoponible... la del siglo XX también es terrible, con la guerra civil, pero la del
53	siglo IXX es inexplicable... o sea, que la gente no sabe mucho de historia...
54	E: <i>Y eso aquí...</i>
55	S4: Lo de chévere... es que esto en España no se suele decir... he puesto a mi amiga
56	A. porque como ella es de Colombia ella siempre lo decía pero yo no lo digo...
57	E: <i>¿No lo dices y no te dice?</i>
58	S4: Yo nunca... chévere sé que es divertido y que está muy bien... y de las
59	telenovelas también, de Venezuela... me viene la palabra chévere que la decía una
60	amiga mía pero nada más...
61	E: <i>¿Rey?</i>
62	S4: Me parece muy cómodo no hacer absolutamente nada... eso marca un estilo... es
63	verdad y, en fin, si la cabeza del estado es un vago redomado pues entonces se
64	entiende que en otros sectores del estado también haya vagos redomados... a mí me
65	parece vergonzoso que haya un Rey, VERGONZOSO, una cosa que no se sostiene
66	por ninguna razón...
67	E: <i>¿Y en España la gente que relación...?</i>
68	S4: Le tiene mucho respeto al Rey... no puede decirse nada malo del Rey...
69	últimamente se ha desmadrado un poco pero antes era imposible encontrarte una
70	crítica al Rey a la Casa Real, imposible...
71	E: <i>¿Vino?</i>
72	S4: Lo del vino, agrio. A mí no me gusta el vino, me parece que es agrio.
73	E: <i>Y en tú región se produce vino.</i>
74	S4: Parece que es muy sabroso. Bueno, para quien le gusta, a mí no me gusta y por
75	eso... no... doy más... no pienso en más nada.
76	E: <i>Béisbol</i>
77	S4: Estados Unidos... Vaya, que yo sé que se juega en otros países: Cuba, Venezuela
78	y hasta Japón, pero la idea que me ha sugerido y me sugiere es Estados Unidos...
79	E: <i>Fútbol, has puesto varias cosas...</i>
80	S4: Ah sí... yo soy un aficionado al fútbol, pues... el mundial, la euro copa que
81	hemos ganado hace poco. De valores he puesto porque yo entiendo los deportes
82	como... los futbolistas les pido que sean EJEMPLARES... y el fútbol, si lo sabes ver,
83	pues transmite muchos valores... que puedes aprovechar... pues a mí me da igual
84	quien pierda y quien gane, si hay un esfuerzo, una lucha, un respeto al rival... pero
85	más que el fútbol, el rugby, el rugby es impresionante... si lo conoces lo disfrutas, a
86	mí me parece fascinante, hay un respeto bestial, apasionante...
87	E: <i>¿Y Bacán?</i>
88	S4: No sé lo que es...
89	E: <i>¿Mamita?</i>
90	S4: Es una expresión de cariño, mamita... hacia la madre, que yo le tengo mucho
91	cariño y respeto también.
92	E: <i>¿Invierno?</i>

93	S4: Frío, nieve... yo los he vivido en Polonia y allí hace mucho frío y nieve...
94	CAMBIO DE TÓPICO
95	E: <i>Dices que quiere quedarse en casa del amigo... pero no lo dice...</i>
96	S4: Hombre, él LO TIENE que interpretar, leer entre líneas...
97	E: <i>¿Podrías explicarte mejor?</i>
98	S4: Primero le comenta... oye, que va a pasar algo en tu ciudad... voy a ir, pero no
99	conozco a nadie... entonces ahí, lo que nosotros interpretamos es que se quiere
100	quedar en casa...
101	E: <i>¿Y por qué no se lo dice directamente?</i>
102	S4: Puede ser por educación... porque quizás podría ser más directo pero no tiene
103	toda la CONFIANZA para decírselo... si tuviera toda la confianza se lo diría... Yo
104	jamás recurriría a estas... ESTRATEGIAS...
105	E: <i>¿Por qué?</i>
106	S4: Porque yo me voy a la opción "b" que es pagarme un hotel. O sea... yo jamás
107	pediría un favor... este tipo de favores a una persona que no sea mi amiga o que no
108	sienta yo que no hay una confianza que me pueda... y si es un amigo se lo digo
109	directamente: oye, que me puedo ir a tu casa, que me puedo quedar, pero eso sólo se
110	lo puedo pedir a tres personas en el mundo.
111	E: <i>Entonces te vas a un hotel...</i>
112	S4: Por ejemplo la situación de que alguien conoce a alguien en París... pues no, a mí
113	eso me parece súper violento... pues yo no lo haría. Si a mí, por ejemplo, alguien me
114	llamara y me dijera que quiere quedarse en mi casa me resultaría bastante raro. Y es
115	que yo soy una persona muy poco acogedora... partiendo de esa base, tampoco lo
116	puedo pedir. Pero eso depende, con un amigo intentaría ser más amable, pero con un
117	amigo sin mucha historia, reaccionaría parecido... no me identifico, jamás usaría
118	estas estrategias...
119	E: <i>Es decir, tú no lo pedirías, pero dices que no eres una persona muy acogedora y si</i>
120	<i>te llama alguien que no es tu amigo, o que no consideras que tiene la suficiente</i>
121	<i>intimidad como para pedirte quedarse en tu casa. Si alguien lo hace ¿cómo le</i>
122	<i>respondes a un pedido de esos?</i>
123	S4: Utilizaría una estrategia parecida... no le diría directamente, que también tiene
124	que interpretar el otro que no quiere que se quede y, además es muy cortante... venga,
125	vale, vale, vale... como muy cortante, no se enrolla, no se hace el simpático.
126	E: <i>¿Cómo crees que se desarrolla una situación de esta en España?</i>
127	S4: A mí no me ha parecido extraña... en España se puede desarrollar prácticamente
128	así. No me ha parecido exótico esto, yo lo hubiera firmado.
129	E: <i>Ahora vamos a la otra situación...es interesante porque tú colocas que en los dos</i>
130	<i>se le quita importancia al cumplido. ¿Por qué quitarle importancia a un cumplido?</i>
131	S4: Porque culturalmente, en nuestra cultura, la reacción habitual a un cumplido es
132	quitarle importancia, decir que no lo mereces, es habitual. En otras culturas no...
133	E: <i>¿Y como sabe uno eso?</i>
134	S4: No sé... hay cosas que son internacionales. Lo de qué calor hace... yo creo que
135	eso es internacional... no lo sé, si lo dices en... el tío va y abre la ventana, no sé como
136	será en China, no sé, los chinos son muy raros, pero supongo que habrá un Chino que
137	va y abre la ventana. Yo creo que el chino podría INFERIR eso. En Polonia, supongo
138	que si recibes un halago dices, sí gracias, ya lo sé... lo hacemos, supongo, porque lo
139	he visto desde que era pequeño y, pues, que a la gente le das un regalo y la gente
140	reacciona de una determinada manera, o recibe un piropo y normalmente, no, no, que
141	no lo merezco o algo así. Nadie te lo dice expresamente, si te dicen, halagan, di que
142	no, yo creo que verlo, de experimentarlo.

- 143 E: *¿Y que interpretarías tú ante una reacción distinta?*
- 144 S4: Si una persona dice gracias, sí ya lo sé... me parecería que es un poco creído, me
145 resultaría una persona con la que no me gustaría tener mucho contacto. Me suena
146 antipático.
- 147 E: *¿En este dices que hay una expresión que no conoces?*
- 148 S4: Está a tu orden...
- 149 E: *¿Qué crees que significa?*
- 150 S4: Que puedes usarla cuando quieras, te la puedo prestar... debe ser otra convención,
151 pero en España no lo dirías, eso sonaría un poco raro.
- 152 E: *¿Y si alguien te lo dijera?*
- 153 S4: Pensaría primero que no es verdad, es bastante raro. A mí nunca me han echado
154 piropos de estos, pero alguna vez me compré una gabardina que era negra, horrorosa,
155 pero a mí me gustaba muchísimo y una chica me dijo, qué gabardina más bonita y yo
156 respondí diciéndole el precio, pues mira, me ha costado diez mil pelas, bueno, por lo
157 visto no se puede hacer eso, es un poco feo...
- 158 E: *¿Un poco feo?*
- 159 S4: Es como si tú me dices que te gustan mis pantalones y yo te digo que me han
160 costado dos mil reales, tú automáticamente de ahí piensas que yo soy un gilipollas,
161 este me anda PRESUMIENDO... que no es muy elegante eso de decir el precio. Y en
162 España dices donde te la has comprado, pues en las rebajas, pero no dices cuando
163 quieras te la dejo, porque en España no se dice...
- 164 **CAMBIO DE TÓPICO**
- 165 E: *Dices que hay algunas relacionadas con béisbol.*
- 166 S4: Creo que sí...cuarto bate, siempre me das base por bola, seguro que es de béisbol,
167 me agarraron fuera de base, lo poncharon, no lo sé.
- 168 E: *¿Pero sabes qué significan?*
- 169 S5: Me agarraron fuera de base sí, porque tienes que llegar a la base y si te agarran
170 fuera de base es que te han pillado desprevenido... lo podía deducir, pero jamás lo
171 utilizaría.
- 172 E: *Hay algunas que conoces...*
- 174 S4: Sí, esas son relacionadas con el mundo de los toros. Echar un capote es ayudar a
175 una persona, dar la puntilla también está relacionada con el mundo de los toros, para
176 matar al toro del todo. Ese tipo me echa los perros, puedo deducir de lo que habla,
177 pero no la utilizaría nunca, yo creo que es negativa, porque en España hay frases
178 relacionadas con perros que son negativas, por ejemplo, una tarde de perros es una
179 tarde que llueve que hace frío, que es poco apacible, o eres un perro también puede
180 ser un insulto... pero... perro viejo, pues no, porque perro viejo puede ser una
181 persona que tiene experiencia, pero bueno, supongo que yo ahí pensé en tarde de
182 perros y me echa los perros... es que me echa algo negativo. Y eres una rata, supongo
183 que eso, que es negativo. Una rata es una persona muy mal intencionada y dañina, yo
184 no lo diría, creo que no se utiliza porque es muy fuerte, bastante despectivo y esto
185 que he puesto aquí supongo que es una gilipollez porque, puede ser o no, pero a lo
186 mejor en china no, no lo sé... porque en china es un signo del zodiaco, puede ser
187 hasta positivo, no lo sé...
- 188 E: *Lo de estoy pelando, decías pelar.*
- 189 S4: Más allá del sentido literal de la frase no entiendo mucho más
- 190 E: *¿Y me saca la piedra?*
- 191 S4: Puedo deducir que me pones nervioso cuando dices algo así.
- 192 E: *Y ponías....*
- 193 S4: Lo de bailar al son que me toquen, puede corresponder a bailarle el agua a

194	alguien... ser un pringao, se usa mucho, pringao es una persona que no tiene
195	personalidad, que todo le sale mal, que no tiene suerte, algo así, se usa mucho en
196	Madrid.
197	E: <i>¿Bailarle el agua a alguien?</i>
198	S4: Es decir, bailarle el agua, es que siempre le dices que si a tu jefe, por ejemplo,
199	cuando le dices siempre que si a tu jefe, le bailas el agua. Al jefe le gusta que le bailen
200	el agua, que le den bola, que le hagan la pelota, lame culo.
201	E: <i>Y lo que agregabas.</i> .
202	S4: En España hay algunas frases de estas divertidas, de estas comparativas, eres más
203	lento que el caballo del malo, pero ahora no se me ocurren.
204	E: <i>¿Y qué es el caballo del malo?</i>
205	S4: El caballo del malo, el malo de las películas de los vaqueros que el bueno siempre
206	lo alcanza...
207	E: <i>¿Quieres agregar algo?</i>
208	S4: No, no, no se me ocurren.



Universidade de Brasília (UnB)
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET)
Mestrado em Linguística Aplicada

Cuestionario

Seudónimo: S1

Edad: 42

Nacionalidad: Español

Ciudad Natal: Almería

Países donde ha vivido: España, Marruecos, Inglaterra, Brasil

Tiempo de permanencia: Marruecos 2 años, Inglaterra 9 años, Brasil 10 meses, el resto en España

A continuación le presentamos algunas actividades que deberá realizar. Por favor, trate de responderlas en su totalidad y sea lo más espontáneo que pueda. Si lo desea, puede agregar algún comentario. Su identidad y respuestas serán utilizadas sólo para fines académicos, y se mantendrá la confidencialidad de las mismas.

16) Mencione entre 5 y 10 palabras que crea están asociadas a su cultura.

familia	amistad	comida	fiesta	Campo

17) Cuando ve o escucha estas palabras piensa en: (escriba una lista de palabras que, de forma espontánea, asocie con las que le hemos dado)

Así como en la actividad anterior, no existen respuestas correctas o incorrectas. Si alguna de las palabras no le genera ningún tipo de asociación, déjela en blanco. Tampoco hay un número exacto de asociaciones que deba realizar.

TOROS: fiesta, tradición, arte, belleza, fuerza, muerte

MAR: sol, amigos, cerveza, pescaíto, juego

CHÉVERE: guay

REY:

VINO: amigos, fiesta, familia,

BEISBOL:

FÚTBOL: amigos, bares, conversación, vino, domingo

BACÁN:

MAMITA: casa, hogar,

INVIERNO: chimenea, comida, frío,

18) Lea el siguiente diálogo. Se trata de una conversación telefónica entre dos personas que se conocen y hace mucho que no se ven.

- ¡Hola! hace tiempo que no hablamos. Cuéntame, ¿cómo te va?
- Bien, bien. Trabajando mucho.

- ¡Qué bueno! Pues me alegra mucho saber de ti. Por cierto, hay un evento en tu ciudad, en julio y me han invitado a ir. Allá no conozco a nadie y estoy buscando donde quedarme. A ver si conoces un lugar que sea barato. Bueno, y también, a ver si aprovechamos, nos vemos un rato y conversamos.
- Justo para estas fechas no estaré en casa.
- ¡Que lástima! Si supieras de un hotel barato, avísame, por favor... o te llamo en estos días porque no estoy con mucho dinero y me urge ir.
- Vale, está bien. Déjame ver.
- Muchísimas gracias. Me alegra mucho haber hablado contigo y quedo pendiente a ver si me puedes ayudar. Te llamo en estos días. Gracias de nuevo. Un abrazo.
- Venga. Adiós.

Responda las siguientes preguntas:

3.1 ¿Qué cree que trata de decir la persona que llama?

Literalmente un lugar para quedarse, entre líneas un hueco en la casa de la persona a la que llama

3.2 De acuerdo a su respuesta. ¿Cree que respondería de la misma forma? Explique brevemente.

Depende de la relación con la otra persona, si no la conozco mucho si respondería igual...

3.3 En caso de que su respuesta sea negativa, elabore un diálogo que refleje como lo haría.

19) Lea los siguientes diálogos entre dos personas conocidas.

A:

- Oye, pero que blusa tan linda.
- Gracias. Está a tu orden.
- Gracias.

B:

- Pero que buena colección de discos que has hecho. Es fascinante.
- Bueno, tampoco son tantos. Muchos me los han regalado.

4.1 ¿Cómo definiría estas situaciones?, ¿qué tipo de acto comunicativo cree que se está realizando?

Cumplidos y respuesta a los cumplidos

4.2 ¿Se ha identificado con alguno de los diálogos?

Con la segunda

4.3 ¿Con cuál de ellos?, ¿por qué? Explique.

Con la segunda, Porque es similar a lo que hacemos los españoles en estas situaciones

4.4 En una situación semejante: ¿Diría y le dirían lo mismo?

Más o menos (Lo de la blusa solo se daría entre mujeres)

4.4 En caso de que no se identifique con el diálogo. Explique cómo se llevaría a cabo una situación similar en tu país.

20) Lea con atención las siguientes expresiones.

A este tipo lo poncharon.
 Menos mal que estaba allí para echarte un capote.
 A esta mujer le dieron la puntilla.
 Siempre me das base por bola.
 Yo bailo al son que me toquen
 Este tipo me echa los perros.
 Eres una rata.
 Ese hombre es un cuarto bate.
 Me saca la piedra cuando dices eso.
 Estoy pelando.
 Había gente que juega garrote.
 Me agarraron fuera de base.

Ahora, en relación a las frases, responda:

5.1 En términos generales, ¿le dicen algo?
 Algunas si, otras no

5.2 Señale con una equis (x), en las columnas respectivas, cual o cuales conoce y usaría en su habla cotidiana.

	la conozco	la uso
A ese tipo lo poncharon		
Menos mal que estaba allí para echarte un capote	x	
A esa mujer le dieron la puntilla	x	
Siempre me das base por bola		
Yo bailo al son que me toquen	x	
Ese tipo me echa los perros	x	
Eres una rata	x	X
Ese hombre es un cuarto bate		
Me saca la piedra cuando me dices eso		
Estoy pelando		
Había gente que juega garrote		
Me agarraron fuera de base		

5.3 ¿Con qué las asocia?. Escriba a lado las ideas que le surjan, pueden ser palabras o frases. Si no se le ocurre nada con facilidad, déjelo en blanco.

A este tipo lo poncharon:
 Menos mal que estaba allí para echarte un capote: ayudar
 A esta mujer le dieron la puntilla: la cagaron
 Siempre me das base por bola:

Yo bailo al son que me toquen: hago lo que conviene
Te echaron los perros: te recibieron mal
Eres una rata: tacaño
Me saca la piedra cuando dices eso:
Estoy pelando:
Había gente que juega garrote:
Me agarraron fuera de base:

5.4 Aunque no sean iguales, ¿existe alguna equivalente para estas expresiones en su país?

Mencione cual y escriba el equivalente.

Las que conozco es porque son equivalentes en mi país

5.6 ¿Recuerda alguna frase que considere de uso frecuente en su país? Menciónela.

Tomar el pelo

Sacar de quicio

Muchas gracias por sus respuestas.
Alba Escalante



Universidade de Brasília (UnB)
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET)
Mestrado em Lingüística Aplicada

Cuestionario

Seudónimo: S2

Edad: 48

Nacionalidad: Colombiana

Ciudad Natal: Pesca (Boyacá)

Países donde ha vivido: Colombia y Brasil

Tiempo de permanencia: Colombia (45 años) – Brasil (3)

A continuación le presentamos algunas actividades que deberá realizar. Por favor, trate de responderlas en su totalidad y sea lo más espontáneo que pueda. Si lo desea, puede agregar algún comentario. Su identidad y respuestas serán utilizadas sólo para fines académicos, y se mantendrá la confidencialidad de las mismas.

21) Mencione entre 5 y 10 palabras que crea están asociadas a su cultura.

Alegría	Pasión	Libertad	Identidad	Cultura
Unión	Familia	Lucha	Berraquera	Paz

22) Cuando ve o escucha estas palabras piensa en: (escriba una lista de palabras que, de forma espontánea, asocie con las que le hemos dado)

Así como en la actividad anterior, no existen respuestas correctas o incorrectas. Si alguna de las palabras no le genera ningún tipo de asociación, déjela en blanco. Tampoco hay un número exacto de asociaciones que deba realizar.

TOROS: España, fuerza, agresividad, monumental

MAR: vida, color, relajamiento

CHÉVERE: bacano, bacán, súper!!

REY: orden, mando, seguridad, meta

VINO: gusto, color, sabor

BEISBOL: niñez

FÚTBOL: emoción para unos, manipulación

BACÁN: chévere, bueno, amigo

MAMITA: amor, piropo

INVIERNO: sentimiento

23) Lea el siguiente diálogo. Se trata de una conversación telefónica entre dos personas que se conocen y hace mucho que no se ven.

- ¡Hola! hace tiempo que no hablamos. Cuéntame, ¿cómo te va?
- Bien, bien. Trabajando mucho.

- ¡Qué bueno! Pues me alegra mucho saber de ti. Por cierto, hay un evento en tu ciudad, en julio y me han invitado a ir. Allá no conozco a nadie y estoy buscando donde quedarme. A ver si conoces un lugar que sea barato. Bueno, y también, a ver si aprovechamos, nos vemos un rato y conversamos.
- Justo para estas fechas no estaré en casa.
- ¡Que lástima! Si supieras de un hotel barato, avísame, por favor... o te llamo en estos días porque no estoy con mucho dinero y me urge ir.
- Vale, está bien. Déjame ver.
- Muchísimas gracias. Me alegra mucho haber hablado contigo y quedo pendiente a ver si me puedes ayudar. Te llamo en estos días. Gracias de nuevo. Un abrazo.
- Venga. Adiós.

Responda las siguientes preguntas:

3.1 ¿Qué cree que trata de decir la persona que llama?

Quiere que lo deje hospedar en su casa.

3.2 De acuerdo a su respuesta. ¿Cree que respondería de la misma forma? Explique brevemente.

No soy capaz. Seguro que termino ayudándolo, y no viajaría.

3.3 En caso de que su respuesta sea negativa, elabore un diálogo que refleje como lo haría.

24) Lea los siguientes diálogos entre dos personas conocidas.

A:

- Oye, pero que blusa tan linda.
- Gracias. Está a tu orden.
- Gracias.

B:

- Pero que buena colección de discos que has hecho. Es fascinante.
- Bueno, tampoco son tantos. Muchos me los han regalado.

4.1 ¿Cómo definiría estas situaciones?, ¿qué tipo de acto comunicativo cree que se está realizando? **Puede ser una situación de “echar cepillo” o un cumplido.**

4.2 ¿Se ha identificado con alguno de los diálogos?

No... por la forma de decirlo. No tiene que decir que son pocos.

4.3 ¿Con cuál de ellos?, ¿por qué? Explique.

4.4 En una situación semejante: ¿Diría y le dirían lo mismo?

- **Oiga que bonito eso, donde lo compró.**
- **Pues en una tienda muy buena...**

4.4 En caso de que no se identifique con el diálogo. Explique cómo se llevaría a cabo una situación similar en tu país.

25) Lea con atención las siguientes expresiones.

A este tipo lo poncharon.
 Menos mal que estaba allí para echarle un capote.
 A esta mujer le dieron la puntilla.
 Siempre me das base por bola.
 Yo bailo al son que me toquen
 Este tipo me echa los perros.
 Eres una rata.
 Ese hombre es un cuarto bate.
 Me saca la piedra cuando dices eso.
 Estoy pelando.
 Había gente que juega garrote.
 Me agarraron fuera de base.

Ahora, en relación a las frases, responda

5.1 En términos generales, ¿le dicen algo?

5.2 Señale con una equis (x), en las columnas respectivas, cual o cuales conoce y usaría en su habla cotidiana.

	la conozco	la uso
A ese tipo lo poncharon	X	
Menos mal que estaba allí para echarle un capote		
A esa mujer le dieron la puntilla		
Siempre me das base por bola		
Yo bailo al son que me toquen	X	
Ese tipo me echa los perros	X	
Eres una rata		
Ese hombre es un cuarto bate		
Me saca la piedra cuando me dices eso	X	
Estoy pelando	X	
Había gente que juega garrote		
Me agarraron fuera de base	X	

5.3 ¿Con qué las asocia? Escriba a lado las ideas que le surjan, pueden ser palabras o frases. Si no se le ocurre nada con facilidad, déjelo en blanco.

A este tipo lo poncharon: **lo cogieron**
 Menos mal que estaba allí para echarle un capote:
 A esta mujer le dieron la puntilla: **le dieron duro**
 Siempre me das base por bola:
 Yo bailo al son que me toquen: **venganza, ojo por ojo**
 Te echaron los perros: **están buscándote por...**

Eres una rata: **insulto**

Me saca la piedra cuando dices eso: **me da rabia, mal genio, me emputa...**

Estoy pelando:

Había gente que juega garrote:

Me agarraron fuera de base:

5.4 Aunque no sean iguales, ¿existe alguna equivalente para estas expresiones en su país?

Mencione cual y escriba el equivalente.

Para lo poncharon diría, lo pillaron.

5.6 ¿Recuerda alguna frase que considere de uso frecuente en su país? Menciónela.

SE LO DIJE, CUÍDESE DEL SERENO, CÓJALE LA PLACA AL TAXISTA, ETC.

Muchas gracias por sus respuestas.

Alba Escalante



Universidade de Brasília (UnB)
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET)
Mestrado em Lingüística Aplicada

Cuestionario

Seudónimo: S3
Edad: 49
Nacionalidad: Venezolana
Ciudad Natal: Ciudad Bolívar
Países donde ha vivido: Venezuela y Brasil
Tiempo de permanencia: Brasil (1 año y 8 meses)

A continuación le presentamos algunas actividades que deberá realizar. Por favor, trate de responderlas en su totalidad y sea lo más espontáneo que pueda. Si lo desea, puede agregar algún comentario. Su identidad y respuestas serán utilizadas sólo para fines académicos, y se mantendrá la confidencialidad de las mismas.

26) Mencione entre 5 y 10 palabras que crea están asociadas a su cultura.

Ahí mismito	Ratito	Mijita	Pendejo	Carajito
Mi alma	Ve.	Buena nota	Chama	Vaina

27) Cuando ve o escucha estas palabras piensa en: (escriba una lista de palabras que, de forma espontánea, asocie con las que le hemos dado)

Así como en la actividad anterior, no existen respuestas correctas o incorrectas. Si alguna de las palabras no le genera ningún tipo de asociación, déjela en blanco. Tampoco hay un número exacto de asociaciones que deba realizar.

TOROS: España, corridas de toros, coleadas, poder, fuerza

MAR: Arena, sal, agua, sol, disfrute

CHÉVERE: algo bueno, todo está bien... (Respuesta a un saludo)

REY: España, reyes de Europa

VINO: Uvas, buen sabor, viñedos, Italia, Francia, Chile

BEISBOL: Caracas – Magallanes, Ciudad Universitaria, papita, maní, tostón, Venezuela

FÚTBOL: La VINOTINTO, fanáticos, espectáculos, dinero

BACÁN:

MAMITA: gente querida, madre muy querida, mujer buenota, piropo

INVIERNO: estaciones, frío, nieve, abrigos, chocolate caliente, churros

28) Lea el siguiente diálogo. Se trata de una conversación telefónica entre dos personas que se conocen y hace mucho que no se ven.

- ¡Hola! hace tiempo que no hablamos. Cuéntame, ¿cómo te va?
- Bien, bien. Trabajando mucho.

- ¡Qué bueno! Pues me alegra mucho saber de ti. Por cierto, hay un evento en tu ciudad, en julio y me han invitado a ir. Allá no conozco a nadie y estoy buscando donde quedarme. A ver si conoces un lugar que sea barato. Bueno, y también, a ver si aprovechamos, nos vemos un rato y conversamos.
- Justo para estas fechas no estaré en casa.
- ¡Que lástima! Si supieras de un hotel barato, avísame, por favor... o te llamo en estos días porque no estoy con mucho dinero y me urge ir.
- Vale, está bien. Déjame ver.
- Muchísimas gracias. Me alegra mucho haber hablado contigo y quedo pendiente a ver si me puedes ayudar. Te llamo en estos días. Gracias de nuevo. Un abrazo.
- Venga. Adiós.

Responda las siguientes preguntas:

3.1 ¿Qué cree que trata de decir la persona que llama?

ESTÁ PIDIENDO ALOJAMIENTO

3.2 De acuerdo a su respuesta. ¿Cree que respondería de la misma forma? Explique brevemente.

RESPONDERÍA MÁS O MENOS ASÍ. SI NO DESEO TENERLO COMO HUESPED LE DARÍA UNA EXCUSA, QUE ESTARÉ DE VACACIONES, QUE LA CASA ESTÁ LLENA, QUE PODEMOS CENAR ESTA NOCHE Y ACTUALIZARNOS.

3.3 En caso de que su respuesta sea negativa, elabore un diálogo que refleje como lo haría.

29) Lea los siguientes diálogos entre dos personas conocidas.

A:

- Oye, pero que blusa tan linda.
- Gracias. Está a tu orden.
- Gracias.

B:

- Pero que buena colección de discos que has hecho. Es fascinante.
- Bueno, tampoco son tantos. Muchos me los han regalado.

4.1 ¿Cómo definiría estas situaciones?, ¿qué tipo de acto comunicativo cree que se está realizando? EN AMBOS CASOS LA PRIMERA PERSONA ESTÁ ESTABLECIENDO UN CONTACTO A TRAVÉS DEL HALAGO. EN A: LA SEGUNDA PERSONA ES CORTÉS, PERO PARCA.

4.2 ¿Se ha identificado con alguno de los diálogos?

EN EL A: ES UNA FORMA DE ENTRAR DE LAS MUJERES.

4.3 ¿Con cuál de ellos?, ¿por qué? Explique.

EL A, PORQUE CUALQUIER MUJER HABLA DE ROPA Y NOS AGRADA QUE NOS DIGAN QUE ESTAMOS BONITAS, BIEN VESTIDAS, ESO DA PIE A QUE UNA SEA AMABLE Y DE REPENTE ABRIRNOS AL CONTACTO.

4.4 En una situación semejante: ¿Diría y le dirían lo mismo?

4.4 En caso de que no se identifique con el diálogo. Explique cómo se llevaría a cabo una situación similar en tu país.

-CHAMA, QUE BLUSA TAN LINDA. ¿DÓNDE LA COMPRASTE?

- NIÑA, VERDAD QUE ES UN SUEÑO, ME LA COMPRÉ EN ELMER... (el mercado)

- risas...

30) Lea con atención las siguientes expresiones.

A este tipo lo poncharon.

Menos mal que estaba allí para echarte un capote.

A esta mujer le dieron la puntilla.

Siempre me das base por bola.

Yo bailo al son que me toquen

Este tipo me echa los perros.

Eres una rata.

Ese hombre es un cuarto bate.

Me saca la piedra cuando dices eso.

Estoy pelando.

Había gente que juega garrote.

Me agarraron fuera de base.

Ahora, en relación a las frases, responda

5.1 En términos generales, ¿le dicen algo?

5.2 Señale con una equis (x), en las columnas respectivas, cual o cuales conoce y usaría en su habla cotidiana.

	la conozco	la uso
A ese tipo lo poncharon	X	
Menos mal que estaba allí para echarte un capote	X	
A esa mujer le dieron la puntilla	X	
Siempre me das base por bola		X
Yo bailo al son que me toquen	X	X
Ese tipo me echa los perros	X	X
Eres una rata	X	X
Ese hombre es un cuarto bate		X
Me saca la piedra cuando me dices eso	X	X
Estoy pelando	X	
Había gente que juega garrote	X	X
Me agarraron fuera de base	X	X

5.3 ¿Con qué las asocia? Escriba a lado las ideas que le surjan, pueden ser palabras o frases. Si no se le ocurre nada con facilidad, déjelo en blanco.

A este tipo lo poncharon: lo dejaron fuera del juego

Menos mal que estaba allí para echarte un capote: Ayuda a tiempo, echarte una mano, hacerte la segunda.

A esta mujer le dieron la puntilla:

Siempre me das base por bola: alguien que te lleva la delantera o te jode

Yo bailo al son que me toquen: fluir con las situaciones, dejarte llevar

Te echaron los perros: alguien me está enamorando, le gusto

Eres una rata: persona maliciosa, hábil o mala gente

Me saca la piedra cuando dices eso: cosas, actitudes que no soporto

Estoy pelando: no tener dinero

Había gente que juega garrote: un gentío, muchas personas reunidas

Me agarraron fuera de base: cuando me preguntas cosas que no sé o no están listas

5.4 Aunque no sean iguales, ¿existe alguna equivalente para estas expresiones en su país?

Mencione cual y escriba el equivalente.

Había gente como arroz

5.6 ¿Recuerda alguna frase que considere de uso frecuente en su país? Menciónela.

Este me vio cara de pendejo

Muchas gracias por sus respuestas.

Alba Escalante

Entrevista realizada num espaço público, escolhido pelo participante, no dia 10/07/2008 às 14:00 horas.

Duração da entrevista: 30 minutos.

Duração da tradução: 2 horas.

ENTREVISTA S1

1	E: <i>¿Por qué colocaste estas palabras asociadas a tu cultura...?</i>
2	S1: Bueno, me imagino que es porque es lo que recuerdo, como hace mucho que no
3	vivo en España, entonces recuerdo mucho a la FAMILIA, a los amigos desde que soy
4	pequeñito y además, cuando vuelvo, incluso en el recuerdo es lo que más me viene a
5	la cabeza, LA COMIDA... la comida con los amigos, con la familia, la comida típica
6	de mi región. LA FIESTA. Cuando hablo de la fiesta, vamos... también es la forma
7	de divertirse... a la fiesta típica de mi región. Digamos que periódicamente hay un
8	tipo de fiestas. Cómo se celebran las navidades, cómo se celebran las fiestas
9	patronales del pueblo, ese tipo de cosas. Y el campo porque yo soy de una aldea
10	pequeña... entonces, para mí... mi entorno es el campo...
11	A pesar del tiempo que tengo fuera soy muy español, la comida, la familia... cuando
12	vivía en Londres no entendía como los padres, los abuelos, los mayores vivían
13	solos... yo viví con mi abuela. Allá vivimos con los mayores, no los dejamos solos.
14	E: <i>Cuando dices, como se divierten los españoles, cómo es eso...</i>
15	S1: Bueno, cómo se divierte la gente de MI ZONA. En los españoles hay muchísimas
16	diferencias. Aunque tenemos muchas cosas en común. Son fiestas muy sociales, de
17	socializar muchísimo, de ligar muchísimo, de compartir muchas cosas, de conocer
18	gente, de hacer amigos, de beber, muy... digamos que de un espíritu muy abierto en
19	todos los sentidos.
20	E: <i>¿Abierto...?</i>
21	S1: Digamos que las fiestas podrían ser una especie de... tubo de escape. Hoy en día
22	no, pero siguen siendo un espacio de tolerancia en muchos sentidos. Cosas que a lo
23	mejor no se pueden tolerar fuera de la fiesta... un consumo más excesivo de alcohol,
24	se puede tolerar en las fiestas, una relación más descarada con una mujer se puede
25	tolerar en las fiestas, cosas que fuera de la fiesta no se tolerarían... es un medio donde
26	se entablan muchas relaciones, en la fiesta...
27	E: <i>Ahora vamos para esta parte. ¿Has dejado algunas palabras en blanco?</i>
28	S1: De los toros, LA FIESTA NACIONAL. Normalmente se celebran coincidiendo
29	con la fiesta de una ciudad... se celebra la corrida. Por supuesto, tradición, es una
30	tradición muy arraigada, no es tan antigua como la gente piensa.
31	Veo arte, muchísimo arte, y por supuesto si veo arte veo belleza... y en ese, digamos,
32	los elementos del arte son la fuerza y la muerte. Alguien tiene que morir, o el toro o
33	el torero, y se hace de una forma artística, no se hace de una forma cobarde.
34	E: <i>El mar.</i>
35	S1: Jugar en la playa, todo tipo de juego, al fútbol, a la pelota, con los sobrinos, con
36	las niñas... jugar. En las playas de España, el pescaito frito con una cerveza helada es
37	una de las delicias que se ofrecen en las playas de España.
38	E: <i>Chévere. ¿Has colocado guay...?</i>
39	S1: Qué guay... chévere... algo que te gusta. Es amplísimo, una cosa bonita, una
40	persona que te gusta, un puesto de trabajo, algo que te reconforta en cualquier
41	sentido... es guay... que chévere no lo usamos.
42	E: <i>¿Y rey?</i>
43	S1: Nada, no me dice nada... NO SOY ANTIMORAQUICO, yo nací en la época de

- 44 Franco... aunque no me acuerde de la época de Franco... desde que tengo memoria
45 para mí ha sido democracia. Reconozco el papel para la democracia de Juan Carlos,
46 veo su utilidad pero a mí no me dice nada.
- 47 E: *¿Crees que esa palabra le dice algo a los españoles?*
- 48 Es muy popular en España. Yo no sé qué porcentaje de españoles están convencidos
49 de que lo que necesitamos es una monarquía. Yo no soy ni monárquico, ni
50 antimonárquico, me da igual, es decir, me da igual pagar a un presidente que a un
51 Rey, es igual.
- 52 E: *¿Vino?*
- 53 S1: Mi padre hacía vino, yo lo ayudaba a mi padre a hacer vino. Para mí el vino... en
54 mi casa no se puede cenar sin vino.
- 55 E: *Béisbol...*
- 56 S1: No sé, eso es para gringos. En España no se sabe ni lo que significa.
- 57 E: *Fútbol...*
- 58 S1: Un poco como lo de la playa, pero con los amigos. Normalmente sin chicas...
59 porque el partido de la liga son los domingos. Ahora ya las chicas se están
60 aficionando al fútbol.
- 61 E: *¿Y Bacán?*
- 62 S1: No sé lo que significa.
- 63 E: *¿Mamita?*
- 64 S1: Yo no uso mamita, digo madre, pero sí me trae esa idea a la cabeza. Casa, hogar,
65 cariñitos, calentito.
- 66 E: *Invierno*
- 67 S1: Me encanta el invierno, soy de un pueblo de la sierra. El fuego, comer en el
68 fuego, el frío ese que te invita a estar en el interior.
- 69 **CAMBIO DE TÓPICO**
- 70 E: *Has colocado... literalmente un lugar, entre líneas un hueco.*
- 71 S1: Me han invitado a ir, allá no conozco a nadie y yo no tengo donde quedarme. Está
72 lanzando un mensaje, un mensaje que es DIRECTÍSIMO, vamos... este tipo de
73 mensaje directísimo, pero que indirectamente lo que quiere es que lo invite se hace
74 también entre españoles, es una forma de hacerlo y si cuela, cuela... sí, porque un
75 amigo no te habla así... un amigo, amigo te dice, oye, ¿hay sitio en tu casa? PUNTO.
76 Y un no amigo, que es conocido y que tenga cierta consideración contigo te diría,
77 recomiéndame un hotel. No diría, no conozco a nadie, cuando ya conoces a la
78 persona con la que estás hablando. Hay un mensaje ambiguo ahí, que a mí, en
79 principio no me gusta. Me gusta que me lo digan claramente, mira, ¿hay sitio en tu
80 casa? Y yo le diré, pues, sí o no. Un amigo no tiene que andar con rodeos. Es decir,
81 ¿me puedo quedar en tu casa?... pues sí, hombre, claro que sí.
- 82 E: *Y si tuvieras que decir que no...*
- 83 S1: ¿A un amigo? Mira niño, está todo ocupado, lo siento muchísimo, te busco un
84 hotel.
- 85 E: *¿Qué te parecen esas intervenciones?*
- 86 S1: La relación no es muy estrecha... la persona que tiene que viajar está echando un
87 poco de cara...
- 88 E: *¿Echando un poco de cara?*
- 89 S1: Cara de pau...
- 90 E: *¿Cómo así?*
- 91 S1: Es violentar. Desde mi punto de vista, lo normal es decir, mira Juan, necesito ir a
92 tu ciudad, ¿tú tienes sitio en tu casa? Si no tienes no pasa nada, es decir, me
93 recomiendo un hotel. Dejar las cosas claras. No dejar esa ambigüedad, echándole el

94	muerto al otro. Tú di, si me invitas o me buscas un hotel. ¿Yo qué tengo que ver
95	contigo? Eres tú el que necesita algo, PÍDELO. No vengas con vueltas.
96	E: <i>¿Estaría dejándole la responsabilidad al otro?</i>
97	S1: Sí... Un amigo no tiene que andar con rodeos.
98	E: <i>Ahora vamos a la otra situación...</i>
99	S1: Bueno, eso es típico de españoles también.
100	E: <i>¿Cuál?</i>
101	S1: Las dos... Claro, jamás diría está a tu orden, lo diría de otra manera. Cuando tu
102	quieras, cuando quieras te la dejo... Y el segundo, exactamente igual...
103	Evidentemente el primer diálogo sólo se daría entre chicas. Un español a otro, entre
104	chicos, no le hablaría de la ropa. Difícilmente y un español le hablaría a otro de la
105	ropa.
106	E: <i>¿Y el coche?</i>
107	S1: Qué cochazo. Vaya cochazo que tienes, niño.
108	E: <i>¿Y el otro que respondería?</i>
109	S1: Un coche no se ofrece. Es una especie de alter-ego. Yo le diría, pues sí, ¿te
110	gusta?... ¿te parece?... gracias.
111	E: <i>¿Y qué se ofrece?</i>
112	S1: Los discos, los libros, los objetos más...
113	E: <i>¿Y si fuera un libro?</i>
114	S1: Si somos amigos, llévatelo. Es muy bueno, te lo recomiendo.
115	E: <i>Y en el segundo caso, ya son los discos...</i>
116	S1: Es como lo de arriba. Esa falsa modestia que tenemos los latinos.
117	E: <i>¿Falsa modestia?</i>
118	S1: Podríamos decir, y sí, me ha costado mucho trabajo, te agradezco que lo
119	reconozcas... pero no, tenemos que decir... no, no son tantos, no es para tanto. Por la
120	educación, eso es lo que nos han enseñado. Yo creo que es por la educación católica
121	que nos ha jodido. Nos ha inculcado la modestia.
122	E: <i>¿Ser modesto es bueno?</i>
123	S1: Bueno, yo creo que casi todos los españoles, si lo piensan, si lo reflexionan no
124	creen que sea bueno, pero culturalmente respondemos así, estamos socializados así...
125	es curioso, por ejemplo, lo de arriba... porque si una chica le dice a otra chica, qué
126	guapa estás, empieza como a justificarse... en vez de decir, muchas gracias... pero si
127	me lo compré en las rebajas, pero si estoy muy gorda.
128	CAMBIO DE TÓPICO
129	S1: Casi todas las que conozco, las podría usar en algún momento, pero no las uso
130	con mucha frecuencia.
131	E: <i>¿Por qué?...</i>
132	S1: No sabría por qué... Quizás porque uso otras.
133	E: <i>Ahora, ser una rata, pareceras que la usas.</i>
134	S1: Ser UN rata... no una rata. Para mí es un rata, un rata. Es muy insultante.
135	Una falta de respeto. A mí me suena fatal. Para mí ser un rata es ser miserable,
136	agarrao... una rata suena muy mal.
137	E: <i>Colocaste, tacaño.</i>
138	S1: Tacaño, pero no tacaña, a una tía no le diría eso... suena muy mal.
139	E: <i>Y el resto... ¿no sabes a que se refieren?</i>
140	S1: No sé lo que es ponchar a alguien... me imagino que es joder... a alguien, pero
141	ponchar, no lo he escuchado en mi vida.
142	E: <i>¿Y ésta?</i>
143	S1: Qué me dan base por bola, me puedo imaginar que me dan gato por liebre, que

144	me engañen.
145	E: <i>¿Y la puntilla?</i>
146	S1: La terminaron de rematar... cuando un toro está moribundo se le da la puntilla.
147	Yo nunca diría eso, lo que se dice en España es... esto es ya la puntilla, el colmo, la
148	gota que ha derramado el vaso. La referencia es la puntilla de los toros.
149	E: <i>¿Y bailo...?</i>
150	S1: Bailo al son que me tocan, no que me toquen... Un pelotas, un adulador, ese
151	siempre baila al son que le tocan.
152	E: <i>¿Por qué le dicen pelotas al adulador?</i>
153	S1: Porque hace la pelota, no lo sé... no sé cuál es el origen. Y se usa mucho...
154	adular para sacarle algo a la gente...
155	E: <i>Y... te echaron los perros.</i>
156	S1: Puede ser recibir mal a alguien, puede ser echarte una bronca, echarte.
157	Figuradamente, imagínate que te sueltan los perros, esa es la imagen más
158	ilustrativa... llegas a una casa y te sacan los perros, cómo te reciben, fatal, ¿no?
159	E: <i>Has agregado en el cuestionario las frases: tomar el pelo y sacar de quicio...</i>
160	S1: Tomar el pelo es burlarse de alguien y sacar de quicio es poner nervioso a
161	alguien...
162	E: <i>Explícame un poco más.</i>
163	S1: Si tú estás trabajando y hay UN CAPULLO que te molesta que no te deja
164	trabajar... se lo dices una vez, dos, tres veces y, al final, te saca de quicio... le das
165	cuatro gritos porque te ha sacado de quicio.
166	E: <i>¿Qué eso de capullo?</i>
167	S1: Un capullo es un... boludo... que me toca los cojones cuando no debe.
168	E: <i>¿Alguien que te cae mal?</i>
169	S1: No necesariamente... una persona que puede tener un comportamiento como un
170	capullo... entonces, eres un capullo... es un boludo, o un pelotudo... no sé cómo lo
171	dirías tú... es un tipo que te puede andar molestando... como una mosca
172	((onomatopeya))... ese es un capullo... Es que eres UN CAPULLO, te dije que me
174	dejaras en paz CAPULLO...
175	E: <i>¿Eso es un insulto?</i>
176	S1: Sí... pero es un insulto suave... como buludo, o pelotudo... exactamente lo
177	mismo...
178	E: <i>¿Boludo o pelotudo que usan en Argentina?</i>
179	S1: Eso...
180	E: <i>¿Quieres agregar algo más?</i>
181	S1: No, no... nada más.

Entrevista realizada num espaço público, escolhido pelo participante, no dia 15/08/2008 às 15:00 horas.

Duração da entrevista: 40 minutos.

Duração da tradução: 3 horas.

ENTREVISTA S3

1	E: <i>Estas son las palabras que colocaste... ahora me vas a explicar por qué las</i>
2	<i>asocias a tu cultura.</i>
3	S3: Bueno, en primera instancia porque se usan mucho en el lenguaje cotidiano. Yo
4	soy de Ciudad Bolívar, Oriente del país. Por ejemplo, ahí mismito... todo para
5	nosotros es ahí mismito. Las personas no te ubican en un espacio, tiempo, dirección,
6	sino que te dicen que queda ahí mismito... DESPUÉS te dan la explicación de dónde
7	queda el ahí mismito. Y todos lo usamos.
8	E: <i>Pero significa qué significa.</i>
9	S3: puede ser a 10 minutos, a 15 minutos... es así como el ratito. Todo es ratico,
10	ratito... nosotros minimizamos mucho... mi amorcito, corazoncito, ratito, en un
11	ratito...
12	E: <i>¿Por qué crees que se usan tantos diminutivos?</i>
13	S3: Yo creo que nuestro lenguaje es cariñoso. Es una forma de... si se quiere, de
14	suavizar las palabras. Si tú dices un rato es como mucho más duro, pero si dices un
15	ratito eso le da suavidad a las palabras... es mejor ser más suave, más simpático.
16	E: <i>¿Y un ratito es qué?</i>
17	S3: No lo sabes, si no lo esperas.
18	E: <i>Y esta...</i>
19	S3: Mijita somos todas, es la hija, la amiga... es que no sabemos los nombres de
20	nadie... debe ser... y es una forma de dirigirte a alguien es decir: mijita. Muchas
21	personas también lo usan... es una forma de poner distancia, me he dado cuenta de
22	ese uso... alguien que tiene más poder y quiere ejercerlo usa mijita... Pendejo, en
23	Venezuela la usamos mucho, esa palabra, PENDEJO. Es una persona que hace algo,
24	que está perdiendo la oportunidad, eso te pasó por pendejo o que no está actuando
25	debidamente, es un pendejo... también es una forma hasta de llamarse... pendejo.
26	E: <i>Pendejo es una palabra vulgar ...</i>
27	S3: ERA... Después de que un gran escritor, novelista, Arturo Uslar Pietro la usó en
28	uno de esos programas culturales y dijo que el era un rolo e' pendejo, ya todo el
29	mundo usa pendejo como una palabra normal. Después que Uslar Pietro dijo que era
30	un pendejo, pendejo somos todos. Carajito es un niño, cualquier muchacho, lo
31	decimos para dirigirnos a cualquier persona pequeña, un niño.
32	Mi alma... mi alma, es una expresión AMOROSA, una forma de llamarnos una
33	expresión de CARIÑO entre gente que se conoce, no necesariamente tiene que ser tu
34	amiga, es una forma de comunicarte con una persona.
35	E: <i>Tú crees decir mi alma refiere cariño.</i>
36	S3: Para mí, por mis creencias, porque creo que el alma es una de las cosas más
37	preciadas que tenemos los seres humanos.
38	E: <i>Pero tú crees que la gente que la usa tiene esas creencias...</i>
39	S3: No... no tiene esa connotación, pero aunque no sé desde cuando lo decimos, ni
40	porqué lo dicen otras personas, creo que tiene que ver con un vínculo de afecto, pero
41	mucha gente lo usa sin necesidad de la connotación afectiva... VE es una muletilla en
42	Guayana, Ciudad Bolívar. En vez de decir escúchame, te dicen "ve". Yo ahora lo veo
43	muy cómico porque no tiene sentido, pero ya lo usé mucho, ahora no lo uso. Buena

44 nota, es algo chévere, una persona chévere, algo que es bueno, que nos trae
 45 beneficios, que nos da alegría, se disfruta... CHAMA... todas las mujeres somos
 46 chamas, las mujeres jóvenes, nos llamamos chama y eso no tiene tanto tiempo de uso,
 47 creo que eso viene de México, del chamo mexicano, no sé... y vaina, vaina es lo más
 48 usado en nuestro país. Vaina es cualquier cosa, cuando se te olvida una palabra puede
 49 ser una vaina, a vaina le puedes dar el uso que quieras dependiendo de la forma como
 50 lo digas ya tiene una connotación y un significado diferente
 51 *E: En este caso tienes las asociaciones: toros, con España, corridas. Cuéntame si*
 52 *coincides con lo que colocaste o se te ocurre algo más... Sobre toros...*
 53 S3: No, mantengo lo que puse... creo que es un poco lo que culturalmente traigo en la
 54 cabeza, de dónde vienen los toros, vienen de la MADRE PATRIA como diríamos.
 55 *E: ¿y mar?*
 56 S3: El mar es el mar... es agua, arena, sol, disfrute, para mí el mar es una cosa muy
 57 importante que ante todo es disfrute, bienestar. Chévere, algo bueno. Todo está bien,
 58 lo chévere es lo máximo. Chévere es estar muy bien para mí. Sigo sosteniendo lo que
 59 escribí aquí. Rey... la palabra rey... reyes de Europa, también, yo en este momento se
 60 me acaba de ocurrir, como dice el presidente, que rey también le dicen las mujeres
 61 amorosamente a las parejas, mi rey, no me acordaba pero si le dicen mi rey es una
 62 forma de expresarse cariñosamente entre las personas en Venezuela, otra de esas
 63 palabras cariñosas... que hay muchas.
 64 *E: ¿Y vino?*
 65 S3: A mí me gusta el vino, me gusta beber vino y por eso lo relaciono con la vida
 66 feliz... el béisbol ... Venezuela es eso, Caracas, Magallanes, Ciudad Universitaria,
 67 papita, maní, tostón. Eso es TODO.
 68 *E: Explicame qué significa papita, maní, tostón.*
 69 S3: Cuando uno va a los juegos de béisbol, allí en el universitario, los vendedores
 70 ambulantes que van entre las gradas y venden papita, maní y tostón, y lo gritan a voz
 71 viva... PAPITA, MANÍ, TOSTÓN... tanto así que eso se volvió, en los narradores de
 72 noticias de béisbol, de deportes, cuando se ponchaba a algún bateador entonces
 73 dicen: ponchao, papita maní tostón, porque serían los tres strikes, entonces es algo así
 74 que tiene que ver con el béisbol.
 75 *E: Y Caracas- Magallanes*
 76 S3: Son dos equipos de béisbol, los grandes enemigos, los grandes adversarios de
 77 Venezuela.
 78 *E: ¿Y fútbol?*
 79 S3: Fútbol es algo nuevo, para nosotros la vinotinto, yo lo relaciono con todas esas
 80 cosas y Brasil que es fútbol. Nosotros somos nuevos dentro de la cultura del fútbol, si
 81 no... tú dirías fútbol Brasil... Bacán no sé qué es.
 82 *E: No pasa nada...*
 83 S3: Mamita, también una expresión que usamos los venezolanos, de gente querida,
 84 para referirse, para llamarnos entre sí, pueden ser mujeres... mamá, mamasita,
 85 usamos mucho todos esos términos para referirnos, de gente, gente buena, una mujer
 86 que está muy bien, buenota, pero también cariño. Invierno es una estación frío, nieve,
 87 abrigo, chocolate caliente, churros, es en lo que nosotros pensamos cuando hace frío.
 88 **CAMBIO DE TÓPICO**
 89 S3: En el primer caso es alguien que quiere que lo invite para su casa y el otro lo
 90 manda para el carajo.
 91 *E: ¿Cómo es eso?*
 92 S3: Que el tipo, ENTRE LÍNEAS, se puede leer que el tipo le está diciendo, bueno,
 93 mira, voy para allá, recíbeme, estoy pelando, y el otro, muy disimuladamente le dice,

94	no estoy aquí, no estoy para ti.
95	E: <i>¿Y por qué se lo dice disimuladamente?</i>
96	S3: Porque no sabe decir que no.
97	E: <i>¿Y por qué dices que no sabe decir que no?</i>
98	S3: Eso es algo que hay que aprender en la vida, decir que no... sin que le quede a
99	uno culpa adentro.
100	E: <i>¿Culpa?</i>
101	S3: Por cultura...
102	E: <i>¿Puedes explicarme mejor?</i>
103	S3: Culturalmente nosotros somos criados para no decir no... no desobedecer, ser
104	amables, tienes que ser bueno y cuando dices no, no eres bueno... no eres buena
105	gente, no eres buena persona, eres un mal muchacho, eso lo tenemos implícito en...
106	decir no, en negar algo que tú no quieres. Entonces, generalmente, cuando le dices no
107	a una persona, no le dices no porque no me da la gana... podrías decirle, mira chamo,
108	no estoy pendiente de eso por equis circunstancia, pero no se hace.
109	E: <i>Entonces lo que se espera es que la persona haga...</i>
110	S3: Que te invite a su casa A JURO. El tipo, a regañadientes, o por no tener la
111	valentía de decir, mira, no me provoca tener gente en mi casa...
112	E: <i>¿Qué se diría habitualmente...?</i>
113	S3: Excusas... lo que se diría habitualmente es una excusa. Yo le hubiese dicho,
114	tengo la casa full... pero si tengo ocasión de tomarnos un café, una cosa... entonces
115	nos vemos.
116	E: <i>¿Y tú crees que lo que se espera es que la persona propicie esa invitación a verse</i>
117	<i>posteriormente?</i>
118	S3: De repente al que está pidiendo "asilo político" ((gesto)) no lo satisface porque no
119	es su expectativa... aquí son todo cosas de expectativas. La expectativa con la cual la
120	persona está llamando para que lo reciba y las expectativas del otro. Es una
121	negociación...
122	E: <i>¿Crees que éste sería el comportamiento de alguien que llama?</i>
123	S3: Eso depende de la persona, generalmente las personas son... CUIDADOSAS...
124	E: <i>¿Qué significa eso de ser cuidadosa?</i>
125	S3: Se van por las ramas, nunca van directamente... necesito... porque es una cosa
126	diferente... necesito que me recibas en tu casa, ahí es una pregunta donde la respuesta
127	es sí o no, pero eso es una necesidad muy urgente, es un caso extremo. Aquí hay
128	cierta ambigüedad en su petición, no parece una emergencia, por eso el tipo comienza
129	a dar vueltas... el otro comienza a dar alternativas para no entrar de lleno, yo siento
130	que es como adornar la situación y no decir las cosas directamente, eso es lo que se
131	espera.
132	E: <i>¿Y en estos casos? Vamos al primero. Aquí tú dices que la primera persona está</i>
133	<i>tratando establecer un contacto mayor. ¿Crees que el halago es una forma de</i>
134	<i>establecer contacto?</i>
135	S3: Generalmente sí... nosotros somos culturalmente educados para eso... a través
136	del halago hacia la persona, conseguir ENTRAR. Entrar no solamente en contacto,
137	sino conseguir algo, un trabajo a través del halago, aunque no estoy de acuerdo,
138	porque halagar es bueno y hasta gratificante... pero no siempre es así.
139	E: <i>¿Y esa forma?</i>
140	S3: Es un comentario muy femenino... para mí es un comentario femenino, las
141	mujeres nos hacemos ese tipo de halagos, sobre la blusa, sobre el vestir.
142	E: <i>Y si fuera un hombre...</i>
143	S3: No diría nada sobre la blusa, los hombres no detallan... el carro, por ejemplo, es

- 144 una conducta muy masculina...
- 145 E: *¿Y esa respuesta?*
- 146 S3: El hombre diría, sí vale, gracias... las mujeres sí... cuando hay cierta confianza
- 147 nos podemos hasta prestar la ropa.
- 148 E: *Pero cuando dice "a la orden" ¿es para prestársela?*
- 149 S3: No realmente... hay gente que jamás la prestaría, pero lo dice igual. Es algo que
- 150 nos han enseñado como CORTESÍA, cuando alguien te halaga tu agradeces y dices a
- 151 la orden, es una forma de cortesía... no es algo que sea llevado a la acción
- 152 inmediatamente... es algo que lo tenemos internalizado... que no te obliga a nada.
- 153 E: *Pero no estarías mintiendo si no se lo vas a prestar...*
- 154 S3: Sí, pero es algo que tenemos tan, tan, tan internalizado que nadie piensa que está
- 155 mintiendo, automáticamente tú dices, a la orden.
- 156 E: *¿Y la persona espera que se lo prestes?*
- 157 S3: Hay gente abusadora, pero la mayoría de la gente ya entiende, que es un tácito
- 158 acuerdo, que no te estás comprometiendo a prestarle nada... tú sabes hasta dónde
- 159 puedes ir.
- 160 E: *¿Y en el otro caso?*
- 161 S3: Esto da pie a una explicación... La gente muchas veces no acepta el éxito... te lo
- 162 ganaste, y aunque nos guste ser halagados nos minimizamos...
- 163 E: *¿Por qué?*
- 164 S3: Es ese concepto de lo bueno y lo malo... si esa persona acepta el logro... este es
- 165 un creído coño de madre... está mal visto que aceptes lo que has conseguido con tú
- 166 trabajo.
- 167 E: *O sea, lo que se espera es que minimices.*
- 168 S3: Sí, porque es humilde.
- 169 E: *¿Y la humildad es buena?*
- 170 S3: Para mí es buena y nos enseñan que seamos humildes. Una persona pretenciosa
- 171 nos cae mal... es bueno ser humildes, no ser pretenciosos.
- 172 **CAMBIO DE TÓPICO**
- 173 E: *Veamos las frases...*
- 174 S3: Algunas las conozco pero no las uso y otras las uso... las usaba. A ese tipo lo
- 175 poncharon viene del béisbol, lo dejaron fuera de juego. También usamos lo agarraron
- 176 fuera de base, es un cuarto bate, que es el mejor jugador, el que hace jonrón...
- 177 Siempre me das base por bola, que te lleva la delantera, que te jode... bailo al son que
- 178 me toquen, que te dejas fluir. Te echaron los perros que está interesado en ti, quiere
- 179 algo contigo. Una rata es una persona maliciosa, hábil, un mala gente.
- 180 Me saca la piedra es cuando hay algo que no soportas... y te saca la piedra, te saca de
- 181 las casillas, te enerva... aunque no sé de donde viene la piedra... a veces, decimos me
- 182 saca... Pelando, es cuando no tienes dinero, como el tipo que pide quedarse en tu
- 183 casa, que te lo pide así sea indirectamente porque esta pelando.
- 184 Había gente que juega garrote, no sé porqué se dice, pero es un gentío... y me
- 185 agarraron fuera de base, que también es del béisbol, como lo poncharon, que es
- 186 cuando te equivocas, te agarran desprevenida o no estás lista... o no sabes.
- 187 E: *¿Y las que has agregado?*
- 188 S3: En lugar de decir gente que juega garrote, yo diría que había gente como arroz.
- 189 Las personas mayores dirían otra... es lo mismo, mucha gente, pero de diferente
- 190 forma, aunque no sé de donde viene...
- 191 Y la de que me vio cara de pendejo, es que me engatusó, me mintió, me engañó, o
- 192 quiso hacerlo...
- 193 E: *¿Quieres agregar algo más?*

194	S3: ... Creo que no... no sé... ¿a ti te parece bien?
195	E: <i>Está bien.</i>

Entrevista realizada na sala de reuniões do local de trabalho do participante, no dia 28/12/2008 às 14:00 horas.

Duração da entrevista: 40 minutos.

Duração da tradução: 3 horas.

ENTREVISTA S4

1	E: <i>¿Por qué has elegido estas palabras?</i>
2	S4: Yo lo limité a España, la cultura más española castellana, entonces coloqué
3	alegría porque allí siempre se están celebrando fiestas y todo el mundo lo dice, que es
4	una sociedad muy alegre; pero también puse aquí violencia porque a lo largo de la
5	historia de España se ha demostrado que es una sociedad muy violenta; o sea, que es
6	alegre pero también muy violenta... el contraste. Lo de la guerra civil, por ejemplo, es
7	una historia terrorífica... como es posible que esas cosas... fiesta que viene muy
8	asociado a lo de alegría, cada pueblo tiene su fiesta, se emborrachan y celebran, sobre
9	todo en verano... pero están las Fallas también, San Fermín... son fiestas populares,
10	pueden ser relacionadas con algo religioso o no, y fanatismo, porque a lo largo de la
11	historia España ha sido muy fanática. De... por ejemplo, los conquistadores que
12	vinieron aquí que es un tema con el cual estoy familiarizado y me parece que eran
13	fanáticos y por eso hicieron las cosas que hicieron, para bien y para mal... ellos
14	luchaban por su Rey, eso por ejemplo ha desaparecido absolutamente en España, pero
15	en aquella época era la religión, el Rey, todo eso...
16	E: <i>¿Y tu crees que los españoles se definirían a sí mismos...?</i>
17	S4: Yo creo que sí... fiesta sí... alegría, sí... fanatismo y violencia al ser negativos no
18	lo dirían, pero es así. Historia, es más ambiguo... en Polonia siempre me decían lo de
19	la fiesta, la alegría, que siempre estamos de risa y esas cosas... fuera de España se ve
20	eso, como una pandereta de Europa.
21	E: <i>¿Una pandereta?, ¿el instrumento?</i>
22	S4: Sí, sí, como de alegría... pero es un poco negativo. Los ingleses siempre vienen a
23	España a emborracharse, a la playa, pues eso que es como muy... no es exigente, en
24	España no te exigen mucho. Simplemente vas ahí te lo pasas bien y, después vuelves
25	a tu país, y ya... Que tu no vas a Alemania o a otros países para hacer el bestia, y a
26	España sí que vas, porque la gente también acompaña, permite...
27	E: <i>O sea, que es estimulado...</i>
28	S4: Claro, claro... uno va otro país y si le miran mal uno normalmente se corta...
29	pero en España se tolera. Te vas a la Fiesta de la Tomatina y tiras tomates, pues...
30	todo el mundo haciendo el burro, pues tú también... en Polonia les parecía raro... es
31	un pueblo que tira tomates... en otros lugares no puedes tirar tomates, en España te
32	dejan.
33	E: <i>Ahora vamos a esto... aquí tienes las primeras asociaciones y quiero que me digas</i>
34	<i>si las mantienes o si quieres agregar algo más...</i>
35	S4: Lo de los toros, yo tengo una relación amor odio con los toros y, después de
36	mucho pensar, me parece una tortura... y no lo soporto... pero es TRADICIONAL...
37	tiene su historia... a la mayoría de mis amigos no les gusta... pero a la gente mayor sí.
38	E: <i>Y el mar.</i>
39	S4: Miedo, porque a mí me da miedo, porque en Ávila no hay mar y entonces cuando
40	voy a algún sitio con mar me da un poco de respeto ¿no?... y la historia porque la
41	historia de España está muy vinculada al mar, desde el principio, desde los Romanos
42	y después nosotros... o sea, echarse al mar es una cosa que requiere mucha decisión
43	es... una historia apasionante...

44	E: <i>Me llama la atención que has repetido historia...</i>
45	S4: Yo tengo trabajo porque... por toda la expansión que se hizo del español en su
46	día, y eso fue porque unos señores hicieron aquí cosas malas y otras menos malas,
47	pero yo creo que eso ha marcado mucho... en España y en América, para bien y para
48	mal.
49	E: <i>Es un valor en España saber su propia historia...</i>
50	S4: NO... y normalmente... la historia de España, por ejemplo, la del siglo IXX fue
51	un desastre, o sea es una historia de secuencias de incompetencias... impresionante,
52	insoportable... la del siglo XX también es terrible, con la guerra civil, pero la del
53	siglo IXX es inexplicable... o sea, que la gente no sabe mucho de historia...
54	E: <i>Y eso aquí...</i>
55	S4: Lo de chévere... es que esto en España no se suele decir... he puesto a mi amiga
56	A. porque como ella es de Colombia ella siempre lo decía pero yo no lo digo...
57	E: <i>¿No lo dices y no te dice?</i>
58	S4: Yo nunca... chévere sé que es divertido y que está muy bien... y de las
59	telenovelas también, de Venezuela... me viene la palabra chévere que la decía una
60	amiga mía pero nada más...
61	E: <i>¿Rey?</i>
62	S4: Me parece muy cómodo no hacer absolutamente nada... eso marca un estilo... es
63	verdad y, en fin, si la cabeza del estado es un vago redomado pues entonces se
64	entiende que en otros sectores del estado también haya vagos redomados... a mí me
65	parece vergonzoso que haya un Rey, VERGONZOSO, una cosa que no se sostiene
66	por ninguna razón...
67	E: <i>¿Y en España la gente que relación...?</i>
68	S4: Le tiene mucho respeto al Rey... no puede decirse nada malo del Rey...
69	últimamente se ha desmadrado un poco pero antes era imposible encontrarte una
70	crítica al Rey a la Casa Real, imposible...
71	E: <i>¿Vino?</i>
72	S4: Lo del vino, agrio. A mí no me gusta el vino, me parece que es agrio.
73	E: <i>Y en tú región se produce vino.</i>
74	S4: Parece que es muy sabroso. Bueno, para quien le gusta, a mí no me gusta y por
75	eso... no... doy más... no pienso en más nada.
76	E: <i>Béisbol</i>
77	S4: Estados Unidos... Vaya, que yo sé que se juega en otros países: Cuba, Venezuela
78	y hasta Japón, pero la idea que me ha sugerido y me sugiere es Estados Unidos...
79	E: <i>Fútbol, has puesto varias cosas...</i>
80	S4: Ah sí... yo soy un aficionado al fútbol, pues... el mundial, la euro copa que
81	hemos ganado hace poco. De valores he puesto porque yo entiendo los deportes
82	como... los futbolistas les pido que sean EJEMPLARES... y el fútbol, si lo sabes ver,
83	pues transmite muchos valores... que puedes aprovechar... pues a mí me da igual
84	quien pierda y quien gane, si hay un esfuerzo, una lucha, un respeto al rival... pero
85	más que el fútbol, el rugby, el rugby es impresionante... si lo conoces lo disfrutas, a
86	mí me parece fascinante, hay un respeto bestial, apasionante...
87	E: <i>¿Y Bacán?</i>
88	S4: No sé lo que es...
89	E: <i>¿Mamita?</i>
90	S4: Es una expresión de cariño, mamita... hacia la madre, que yo le tengo mucho
91	cariño y respeto también.
92	E: <i>¿Invierno?</i>
93	S4: Frío, nieve... yo los he vivido en Polonia y allí hace mucho frío y nieve...

94	CAMBIO DE TÓPICO
95	E: <i>Dices que quiere quedarse en casa del amigo... pero no lo dice...</i>
96	S4: Hombre, él LO TIENE que interpretar, leer entre líneas...
97	E: <i>¿Podrías explicarte mejor?</i>
98	S4: Primero le comenta... oye, que va a pasar algo en tu ciudad... voy a ir, pero no
99	conozco a nadie... entonces ahí, lo que nosotros interpretamos es que se quiere
100	quedar en casa...
101	E: <i>¿Y por qué no se lo dice directamente?</i>
102	S4: Puede ser por educación... porque quizás podría ser más directo pero no tiene
103	toda la CONFIANZA para decírselo... si tuviera toda la confianza se lo diría... Yo
104	jamás recurriría a estas... ESTRATEGIAS...
105	E: <i>¿Por qué?</i>
106	S4: Porque yo me voy a la opción "b" que es pagarme un hotel. O sea... yo jamás
107	pediría un favor... este tipo de favores a una persona que no sea mi amiga o que no
108	sienta yo que no hay una confianza que me pueda... y si es un amigo se lo digo
109	directamente: oye, que me puedo ir a tu casa, que me puedo quedar, pero eso sólo se
110	lo puedo pedir a tres personas en el mundo.
111	E: <i>Entonces te vas a un hotel...</i>
112	S4: Por ejemplo la situación de que alguien conoce a alguien en París... pues no, a mí
113	eso me parece súper violento... pues yo no lo haría. Si a mí, por ejemplo, alguien me
114	llamara y me dijera que quiere quedarse en mi casa me resultaría bastante raro. Y es
115	que yo soy una persona muy poco acogedora... partiendo de esa base, tampoco lo
116	puedo pedir. Pero eso depende, con un amigo intentaría ser más amable, pero con un
117	amigo sin mucha historia, reaccionaría parecido... no me identifico, jamás usaría
118	estas estrategias...
119	E: <i>Es decir, tú no lo pedirías, pero dices que no eres una persona muy acogedora y si</i>
120	<i>te llama alguien que no es tu amigo, o que no consideras que tiene la suficiente</i>
121	<i>intimidad como para pedirte quedarse en tu casa. Si alguien lo hace ¿cómo le</i>
122	<i>respondes a un pedido de esos?</i>
123	S4: Utilizaría una estrategia parecida... no le diría directamente, que también tiene
124	que interpretar el otro que no quiere que se quede y, además es muy cortante... venga,
125	vale, vale, vale... como muy cortante, no se enrolla, no se hace el simpático.
126	E: <i>¿Cómo crees que se desarrolla una situación de esta en España?</i>
127	S4: A mí no me ha parecido extraña... en España se puede desarrollar prácticamente
128	así. No me ha parecido exótico esto, yo lo hubiera firmado.
129	E: <i>Ahora vamos a la otra situación...es interesante porque tú colocas que en los dos</i>
130	<i>se le quita importancia al cumplido. ¿Por qué quitarle importancia a un cumplido?</i>
131	S4: Porque culturalmente, en nuestra cultura, la reacción habitual a un cumplido es
132	quitarle importancia, decir que no lo mereces, es habitual. En otras culturas no...
133	E: <i>¿Y como sabe uno eso?</i>
134	S4: No sé... hay cosas que son internacionales. Lo de qué calor hace... yo creo que
135	eso es internacional... no lo sé, si lo dices en... el tío va y abre la ventana, no sé como
136	será en China, no sé, los chinos son muy raros, pero supongo que habrá un Chino que
137	va y abre la ventana. Yo creo que el chino podría INFERIR eso. En Polonia, supongo
138	que si recibes un halago dices, sí gracias, ya lo sé... lo hacemos, supongo, porque lo
139	he visto desde que era pequeño y, pues, que a la gente le das un regalo y la gente
140	reacciona de una determinada manera, o recibe un piropo y normalmente, no, no, que
141	no lo merezco o algo así. Nadie te lo dice expresamente, si te dicen, halagan, di que
142	no, yo creo que verlo, de experimentarlo.
143	E: <i>¿Y que interpretarías tú ante una reacción distinta?</i>

- 144 S4: Si una persona dice gracias, sí ya lo sé... me parecería que es un poco creído, me
 145 resultaría una persona con la que no me gustaría tener mucho contacto. Me suena
 146 antipático.
- 147 E: *¿En este dices que hay una expresión que no conoces?*
- 148 S4: Está a tu orden...
- 149 E: *¿Qué crees que significa?*
- 150 S4: Que puedes usarla cuando quieras, te la puedo prestar... debe ser otra convención,
 151 pero en España no lo dirías, eso sonaría un poco raro.
- 152 E: *¿Y si alguien te lo dijera?*
- 153 S4: Pensaría primero que no es verdad, es bastante raro. A mí nunca me han echado
 154 piropos de estos, pero alguna vez me compré una gabardina que era negra, horrorosa,
 155 pero a mí me gustaba muchísimo y una chica me dijo, qué gabardina más bonita y yo
 156 respondí diciéndole el precio, pues mira, me ha costado diez mil pelas, bueno, por lo
 157 visto no se puede hacer eso, es un poco feo...
- 158 E: *¿Un poco feo?*
- 159 S4: Es como si tú me dices que te gustan mis pantalones y yo te digo que me han
 160 costado dos mil reales, tú automáticamente de ahí piensas que yo soy un gilipollas,
 161 este me anda PRESUMIENDO... que no es muy elegante eso de decir el precio. Y en
 162 España dices donde te la has comprado, pues en las rebajas, pero no dices cuando
 163 quieras te la dejas, porque en España no se dice...
- 164 **CAMBIO DE TÓPICO**
- 165 E: *Dices que hay algunas relacionadas con béisbol.*
- 166 S4: Creo que sí... cuarto bate, siempre me das base por bola, seguro que es de béisbol,
 167 me agarraron fuera de base, lo poncharon, no lo sé.
- 168 E: *¿Pero sabes qué significan?*
- 169 S5: Me agarraron fuera de base sí, porque tienes que llegar a la base y si te agarran
 170 fuera de base es que te han pillado desprevenido... lo podía deducir, pero jamás lo
 171 utilizaría.
- 172 E: *Hay algunas que conoces...*
- 174 S4: Sí, esas son relacionadas con el mundo de los toros. Echar un capote es ayudar a
 175 una persona, dar la puntilla también está relacionada con el mundo de los toros, para
 176 matar al toro del todo. Ese tipo me echa los perros, puedo deducir de lo que habla,
 177 pero no la utilizaría nunca, yo creo que es negativa, porque en España hay frases
 178 relacionadas con perros que son negativas, por ejemplo, una tarde de perros es una
 179 tarde que llueve que hace frío, que es poco apacible, o eres un perro también puede
 180 ser un insulto... pero... perro viejo, pues no, porque perro viejo puede ser una
 181 persona que tiene experiencia, pero bueno, supongo que yo ahí pensé en tarde de
 182 perros y me echa los perros... es que me echa algo negativo. Y eres una rata, supongo
 183 que eso, que es negativo. Una rata es una persona muy mal intencionada y dañina, yo
 184 no lo diría, creo que no se utiliza porque es muy fuerte, bastante despectivo y esto
 185 que he puesto aquí supongo que es una gilipollez porque, puede ser o no, pero a lo
 186 mejor en china no, no lo sé... porque en china es un signo del zodiaco, puede ser
 187 hasta positivo, no lo sé...
- 188 E: *Lo de estoy pelando, decías pelar.*
- 189 S4: Más allá del sentido literal de la frase no entiendo mucho más
- 190 E: *¿Y me saca la piedra?*
- 191 S4: Puedo deducir que me pones nervioso cuando dices algo así.
- 192 E: *Y ponías...*
- 193 S4: Lo de bailar al son que me toquen, puede corresponder a bailarle el agua a
 194 alguien... ser un pringao, se usa mucho, pringao es una persona que no tiene

195	personalidad, que todo le sale mal, que no tiene suerte, algo así, se usa mucho en
196	Madrid.
197	E: <i>¿Bailarle el agua a alguien?</i>
198	S4: Es decir, bailarle el agua, es que siempre le dices que si a tu jefe, por ejemplo,
199	cuando le dices siempre que si a tu jefe, le bailas el agua. Al jefe le gusta que le bailen
200	el agua, que le den bola, que le hagan la pelota, lame culo.
201	E: <i>Y lo que agregabas. .</i>
202	S4: En España hay algunas frases de estas divertidas, de estas comparativas, eres más
203	lento que el caballo del malo, pero ahora no se me ocurren.
204	E: <i>¿Y qué es el caballo del malo?</i>
205	S4: El caballo del malo, el malo de las películas de los vaqueros que el bueno siempre
206	lo alcanza...
207	E: <i>¿Quieres agregar algo?</i>
208	S4: No, no, no se me ocurren.